

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ZERO

FLORIANÓPOLIS, 30 DE JULHO/15 DE AGOSTO 2002 - ANO XVII, NÚMERO 5

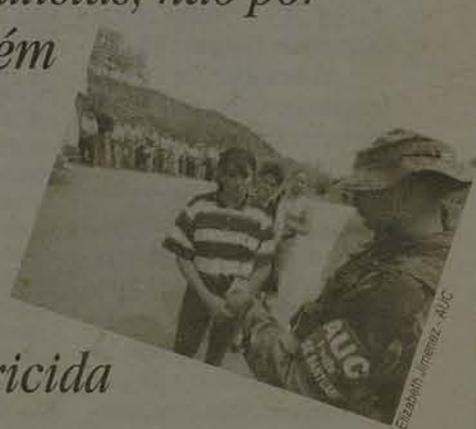
ESPECIAL COLÔMBIA



Foto: Marcia Bizzotto, Zero

DESERDADOS

O povo (como sempre) é vítima do descaso e da violência na Colômbia. Migra, empobrece e é morto. O país onde mais se mata jornalistas, não por acaso, é o maior produtor mundial de cocaína e além do exército, paramilitares e guerrilha, convive ainda com os oniscientes narcotraficantes e agentes e instrutores americanos. Na disputada luta por território e influência, a população civil não tem voz nem vez nessa luta fratricida de muitos coadjuvantes.



ZERO

Brasileiro compra menos jornal

ANO XVII - Nº 5
JULHO 2002
CURSO DE JORNALISMO
CCE - JOR
UFSC

Circulação diária cai e imprensa sai em busca de anunciantes

★
Melhor Jornal-laboratório
1 Prêmio Foca
Sind. dos Jornalistas de SC
2000

★
3º Melhor
Jornal-laboratório
do Brasil
Expocom 94

★★★★★★
Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV, V e XI
Set Universitário
88, 89, 90, 91, 92 e 98

Jornal-laboratório do
Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de
Santa Catarina

CONCLUÍDO 29 JULHO 2002

Arte: Alexandre Brandão, Clóvis Geyer, Frederico Carvalho, Ildo Golfetto, Paul Rogers

Apoio: Oficina de Produção Gráfica, LabFoto, LabInfografia, Labrádio

Colaboração: Fábio Motta, Lílian Lacerda, Paulo Prandini, Rubia Muttini, Uwe Rufus Baumunck, Walkyria Garotti

Copy-write: Adriana Küchler, professor Ricardo Barreto

Direção de arte e de redação: Ricardo Barreto

Edição: Ginny Carla Moraes, Leda Malysz, Upiara Boschi, (Sênior), Valéria Noieto, Wagner Maia, Wendel Martins

Fotografia: Carlos Chernij, Márcia Bizotto, Wagner Maia

Editoração eletrônica: Alexandre Brandão

Laboratório fotográfico: Fabiano Ávila, Carlos Chernij, Wagner Maia

Serviços editoriais: AcessoCom, AUC, Carta Capital, Correio Braziliense, CNN, Departamento de Estado dos EUA, El Tiempo, Gráfica, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, IstoÉ, Público, Último Segundo, Veja, Web

Textos: Adriana Küchler, Camila Rutka, Daniela Fernandes, Hugo Oliveira Neto, Leda Malysz, Márcia Bizotto, Marcos Franzoni, Mariana Dauwe, Wendel Martins, Ginny Carla Moraes, Thaís Corrêa, Upiara Boschi, Valéria Noieto

Tratamento de imagens: Alexandre Brandão, Ildo Golfetto

Impressão: Diário Catarinense

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-JOR), Trindade CEP 88040-900, Florianópolis, SC

Telefones: 51(48) 331-6599, 331-9490 e 331-9215

Fax: (48) 331-9490

Sítio: www.jornalismo.ufsc.br

E-mail: zero@cce.ufsc.br

Circulação: gratuita e dirigida
Tiragem: 5000 exemplares

A venda de jornais no Brasil caiu pela primeira vez em cinco anos. Esse é resultado de uma pesquisa realizada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e o Instituto Verificador de Circulação (IVC), mostrando que a circulação diária de jornais teve um recuo de 2,7%, e passou de R\$ 7,883 milhões em 2000, para R\$ 7,670 milhões em 2001. Conforme a revista *Meio & Mensagem*, o meio jornal é a única mídia que vem perdendo participação no volume de investimentos publicitários ano a ano. Entre 1995 e 2001, a queda foi de 28,4% para 21,3% - caindo de US\$ 1,408 bilhão para US\$ 1,154 bilhão. Entretanto, o veículo teve a maior captação de investimentos diretos, cerca de 32,8%, contra 27,2% da TV, por causa da alta na procura de classificados. Comparado com o mesmo período do ano anterior, o primeiro trimestre de 2002 foi, no geral, favorável à maioria dos jornais.

Uma pesquisa da *Meio & Mensagem* explica os vários fatores que contribuíram para diminuir as vendas do jornalismo impresso. Em primeiro lugar, a desvalorização do real frente ao dólar, praticamente dobrando o valor das dívidas em moeda estrangeira das empresas de mídia. A disparada das cotações de papel e celulose no mercado internacional também ajudaram a elevar o preço de capa do produto. Procurando enxugar ao máximo os custos, os jornais fizeram demissões em massa. As redações, mais enxutas, tiveram que aumentar sua produtividade, o que prejudicou diretamente a qualidade do editorial, que se tornou



mais superficial, na opinião de alguns estudiosos da área de comunicação. "O atual conteúdo dos jornais - com ênfase no entretenimento, no sensacionalismo e na superficialidade - afasta o público", diz Marinilda Carvalho, analista do *Observatório da Imprensa*.

Para o mercado, o movimento não ilustra apenas a retração econômica, mas um alerta para os jornais melhorarem seu conteúdo editorial. "A queda na circulação passa pela qualidade, e se o leitor acha que a informação não é interessante, não paga por ela", diz Fernando Portella, diretor comercial de *O Dia*. Uma solução apresentada pela editora-assistente do site *Observatório*

d a

Imprensa,

Marinilda Carvalho, é a personalização dos jornais. "A primeira medida talvez fosse fugir da pasteurização: as matérias não têm cara própria", diz.

Outra iniciativa, adotada pelo *Estado de São Paulo*, é a realização de congressos e seminários relacionados com cadernos dos jornais. Em 2001, por exemplo, o *Estado* promoveu um evento na área de exportação com patrocínio da Embraer. Diretor de Publicidade do *Jornal da Tarde* e do *Estado*, Ênio Vergueiro afirma que, em 2001, as receitas captadas via projetos especiais - 72 no total - já representavam de 5% a 10% do faturamento da empresa.

Mas a venda de anúncios continua

a ser o ganha-pão da imprensa escrita. Para potencializar os lucros, 12 jornais, como *Estadão*, *Correio Braziliense*, *Estado de Minas*, *Zero Hora* e *Diário Catarinense*, se reuniram no ano passado para lançar o Anúncio Brasil, projeto cuja idéia é tornar o meio jornal mais atrativo para grandes empresas. "Com o Anúncio Brasil, é possível lançar uma campanha de cobertura nacional com identidade regional, pois o seu anúncio é publicado no principal jornal de cada região, gerando credibilidade, identidade e vínculo entre a sua marca e os leitores", diz a organização do projeto. O plano, que consumiu investimento total de R\$ 4 milhões, foi inspirado por uma iniciativa da imprensa americana, que reuniu 128 jornais para anúncios dominicais a um preço sete vezes mais barato.

Contramão do Mundo - A queda nas vendas dos jornais brasileiros vai contra a tendência mundial de bons resultados. Segundo um estudo da Associação Mundial de Jornais (World Association of Newspapers - WAN) a venda dessa mídia aumentou 0,46% em relação a 2000 e 4,8% nos últimos cinco anos. Se a circulação melhorou, a publicidade deixou a desejar. Os rendimentos com anúncios caíram 7% em 2001. Segundo Timothy Balding, diretor-geral da WAN, a crise econômica enfrentada pelos jornais atingiu muitos outros setores da indústria. No entanto, faz prognósticos otimistas: "O quadro global das vendas de jornais continua mostrando sinais positivos".

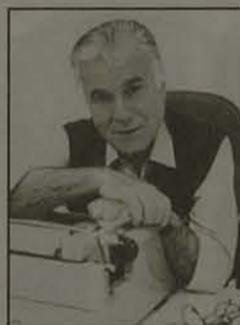
Wendel Martins

Semana de Jornalismo vai ter segunda edição

Evento aproxima estudantes e profissionais durante cinco dias

O Centro Acadêmico Livre de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realiza entre os dias 5 e 9 de agosto a *II Semana de Jornalismo*. O evento prevê a realização de palestras, debates, mini-cursos, exibição de filmes e mostras de materiais produzidos pelos alunos do curso. Seu objetivo é fazer com que os estudantes de jornalismo tenham contato com profissionais e assimilem essa experiência, familiarizando-se com a realidade das redações e da produção jornalística. O público-alvo são os estudantes de graduação e pós-graduação, professores e profissionais da área, mas espera-se a participação de toda a comunidade universitária interessada em assuntos atuais e de interesse de todos.

As palestras vão ocorrer no período da tarde e terão um caráter mais personalista, voltadas para a vida e as experiências dos palestrantes ou com um tema específico, conforme a especialidade do profissional. O jornalista Antero Grego do *Estado de São Paulo* vai tratar de *Jornalismo Esportivo* e contar sua experiência na cobertura da Copa do Mundo. Outro nome confirmado é o de Mylton Severiano, da revista *Caros Amigos*, que vai falar sobre *Imprensa Alternativa*. Também estão confirmados Percival de Souza, especialista em grande reportagem, Mac Margolis, correspondente da revista *Newsweek*, e José Geraldo Couto, crítico de cinema do *Folha de São Paulo*. O experiente jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, editor da revista *Reportagem* e diretor da *Oficina de Informações*, também está confirmado.



Carta e Pereira: dois grandes editores

No período da noite serão realizados os debates que terão temas atuais como a obrigatoriedade do diploma, a entrada do capital estrangeiro nas empresas jornalísticas e o uso da Justiça na censura dos meios de comunicação. O jurista e professor de Direito Reinaldo Pereira e Silva e o professor de Jornalismo Francisco Karam (ambos da UFSC) vão debater sobre a censura dos meios de comunicação através da justiça. Daniel Herz, jornalista e ex-professor do curso vai tratar da entrada do capital estrangeiro nas empresas de comunicação, seus prós e contras. Teremos ainda uma discussão sobre o jornalismo na Internet com Marcos Sá Corrêa, do extinto site NO, e Carlos Casti-

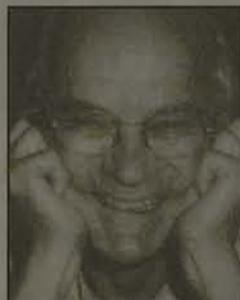
lho, especialista em jornalismo on line. Um dos debates mais importantes que está para ser confirmado, é sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício do Jornalismo. O professor Nilson Lage garantiu sua presença, restando apenas a resposta de Mino Carta, diretor de redação da revista *Carta Capital*.

Os mini-cursos, ministrados pelos

professores do Curso de Jornalismo da UFSC, vão tratar de temas mais gerais e serão desenvolvidas no período da manhã. Regina Carvalho vai ensinar e discutir um pouco sobre *Crônicas*. *Regulação da Mídia* será o tema de Carlos Locatelli, professor e editor da revista *Expressão*. A oficina de *Fotojornalismo* será ministrada por Wallace Lehnemann, e Clóvis Geyer vai ensinar como fazer *Charge* e *ilustrações* para um jornal.

Os filmes *O Informante* e *O sonho de Rose* serão exibidos paralelamente aos mini-cursos, sendo repetidos em dois dias diferentes. Cada apresentação terá a presença de um monitor, para discussão temática ao final de cada sessão. As mostras dos materiais produzidos estarão disponíveis todos os dias nos corredores do Curso de Jornalismo. Serão expostos filmes produzidos nas disciplinas de Cinema I e II, programas temáticos e documentários das disciplinas de rádio, exposição de jornais-murais das disciplinas de Planejamento Gráfico e Edição entre outros.

A *II Semana de Jornalismo* segue o trabalho iniciado em setembro de 2000 quando foi realizada a primeira edição do evento. Como agora houve disputadas palestras, oficinas, painéis, mesa redonda e debates com professores e profissionais. Foi um aprendizado que pode e deve ter continuidade. Conhecer a profissão, seja como repórter, editor e fotógrafo ou analisando a formação do profissional dentro da Universidade é um assunto que sempre vai render um boa pauta.



Severiano e Grego: a velha e a nova geração

Daniela Fernandes

Refém do capital estrangeiro

Diante de um quadro de demissões contínuas de jornalistas, queda de anunciantes e aumento das dívidas das empresas de comunicação, o Congresso Nacional aprovou a emenda constitucional 36/02, que permite a participação estrangeira nas empresas jornalísticas e de radiodifusão do país. Mas, para que o capital externo tenha parte do poder acionário dos meios de comunicação nacionais, ainda é necessário que seja aprovada uma lei específica regulamentando a participação. Não há previsão de quando essa lei será criada, mas Juarez Quadros, ministro das Comunicações, adiantou que ela deverá trazer outra novidade: uma mudança no limite de concessões. De acordo com a emenda, o capital estrangeiro pode ter até 30% do capital votante de empresas jornalísticas e de radiodifusão nacionais. Além disso, a propriedade deixou de ser privativa de brasileiros e se estendeu a pessoas jurídicas mas constituídas sob as leis brasileiras e com sede no país. Esta mudança torna possível que as ações das empresas sejam negociadas em bolsas de valores e ampliou as alternativas de empréstimos. O Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes), por exemplo, só concede crédito a pessoas jurídicas. Apesar das alterações, a programação ficou restrita a brasileiros.

Para Aécio Neves, presidente da Câmara de Deputados, a aprovação da emenda é uma adaptação das regras legais à necessidade do setor. Devido à crise financeira nas empresas de comunicação, no ano passado, cerca de 700 vagas para jornalistas foram



Paul Rogers - Gráfica

fechadas, sendo 250 somente no jornal *Gazeta Mercantil*. "Com isso (a aprovação da emenda), garantimos que os brasileiros tenham o controle das empresas e de sua programação. Estamos nos adaptando ao que há de mais moderno no mundo, sem que percamos os limites que garantem ao cidadão o controle da gestão administrativa, e a definição da

programação das empresas". Mas Daniel Herz, coordenador geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), discorda. "É uma saída muito simplista para solucionar um problema imediato (crise das empresas de comunicação)". Ele acredita que o país não está preparado para a abertura ao capital estrangeiro, devido à

defasada legislação da área, aos conflitos de competência entre a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e o Ministério das Comunicações, à indefinição sobre qual tecnologia digital será implantada para TV e para rádio e à crise das empresas de mídia.

No ano passado, o FNDC fez um abaixo-assinado contra a abertura, pelos motivos citados por Herz e, por considerar fundamental, a preservação do controle dessas empresas no país, para a "afirmação da soberania nacional". Conforme o documento, ao invés de formular um novo modelo para a área das comunicações, a emenda antecipa somente a definição de um aspecto - a questão do capital estrangeiro - que deveria ser consequência da formulação deste novo modelo.

Entretanto, o capital estrangeiro só poderá ter participação nas empresas de mídia, depois de aprovada lei específica, que regulamente a participação. O ministro das Comunicações já declarou que, nesta nova legislação, o número de concessões poderá ser

"flexibilizado". "Pode haver alguma alteração, mas não sei se aumentaria a concentração". Mas o fenômeno da macrocefalia midiática já existe. Herz alerta para o fato, de que apenas seis redes privadas de televisão aberta, são donas de 667 veículos de comunicação no País.

Tudo a ver: Globo em parceria com bolsas

Com a nova legislação que permite a posse de empresas de mídia por pessoas jurídicas, as Organizações Globo concentraram, no dia 20 de junho, todas as empresas e participações do grupo, na recém criada holding, Globo SA. A troca de razão social admite que o grupo negocie ações em bolsas de valores e amplie alternativas para capitalização.

O grupo foi o primeiro a investir na inovação. Se a sociedade anônima já existisse em 2001, teria um faturamento de R\$ 6,7 bilhões, 20 mil funcionários e um endividamento de R\$ 4 bilhões - 70% em moeda estrangeira.

A holding vai administrar os jornais do grupo, a TV Globo, Editora Globo, o Sistema Globo de Rádio, Sigla, a gráfica Globo-Cochrane, a gravadora Som Livre, além dos segmentos de telecomunicações - Globosat, Globo.com, Net Serviços de Comunicação (ex-Globo Cabo) e o sistema de satélite Net-Sat-Sky.

Roberto Irineu Marinho, presidente do conselho de administração, da agora Globo SA, diz que a idéia é abrir o capital para sócios tanto na holding como nas empresas do grupo. Mas adi-

anta que a venda de ações nas bolsas de valores só virá após fevereiro de 2003, quando poderá fazer oferta pública.

Outra revelação foi feita. A família pretende se desfazer de 27 concessões de televisão, agrupadas em 16 empresas. Em cada emissora, costuma haver participações que variam entre 40% e 50%. Pretende manter o controle apenas das cinco emissoras de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Recife, que integram a holding.

A criação da sociedade anônima traz alterações contábeis. O grupo deve transferir para a Infoglobo a participação no jornal *Valor Econômico*. A incorporação visa retirar as dívidas dos resultados da empresa. No primeiro trimestre deste ano, a Infoglobo registrou perda de R\$ 83 milhões, depois de fechar 2001 com R\$ 700 milhões no negativo. Além disso, a Globo-par, holding que controla os investimentos da família na mídia eletrônica, não inclui mais nos resultados, as dívidas das operações da NetCom, cujo prejuízo líquido foi de R\$ 700 milhões em 2001.

A NetCom entregou à CVM (Comissão de Valores Mobiliários) pedido de aumento de capital para R\$ 1 bilhão, com participação de R\$ 281 milhões do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social - Bndes. Com a reestruturação do grupo e o aumento do capital, a família também abre mão do controle acionário da rede de TVs a cabo, restringindo sua participação entre 35% e 38%. A família Marinho quer manter o controle da nova holding.

Integram o Conselho: os herdeiros Roberto Irineu, presidente, João Roberto como vice e José Roberto Henri, além de Philippe Reichstul, presidente da nova holding, atual presidente da Globopar e ex-presidente da Petrobrás; Marluce Dias da Silva, diretora-geral da divisão Televisão e Entretenimento; Luiz Eduardo Vasconcellos, diretor-geral da divisão Mídia Imprensa e Rádio; Jorge Nóbrega diretor de Estratégia Corporativa e Ronnie Moreira, diretor-financeiro.

Textos: Valéria Noletto

Denúncias derrubam governadora

Roseana foi descartada e novos rounds podem sair do jogo sujo

Ano eleitoral é sempre especial. É neste período que a população conhece muitas das falcatruas em que seus políticos mais representativos – ou os que pretendem ser – estão envolvidos. Alguns dos episódios ocorreram há tempos, mas estavam estrategicamente guardados pelos adversários políticos, esperando uma eleição para serem divulgados.

Os exemplos estão às claras. Em 2002, os dossiês e denúncias atingiram quase todos os candidatos à presidência da república, e inclusive, já destruíram a candidatura de Roseana Sarney. Grande parte das denúncias se baseia em fitas de vídeo ou áudio, gravadas clandestinamente, com mandantes não muito explícitos.

Porém, nem todas as denúncias estão vingando, pois a maioria dos nomes envolvidos estão confirmando a disputa à presidência, e apostando que o tempo faça o povo esquecer a parte escusa de sua história. A estratégia pode dar certo, afinal, faltam três meses para a eleição – e, para um povo de memória curta, isso é muito tempo. Até agora, a principal característica da eleição deste ano é a antecipação das campanhas eleitorais – que foram permitidas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) somente a partir de 6 de julho, mas estavam sendo praticadas meses antes. Todos os presidentiáveis viajaram pelo país, antes do prazo permitido, divulgando sua candidatura e participando de debates e programas de rádio e TV. E com a campanha eleitoral precoce, vieram as denúncias que envolvem alguns dos nomes que disputam a vaga de presidente. Ciro Gomes (PPS) e José Maria de Almeida (PSTU) foram os únicos ainda não citados.

Sobe e desce - A primeira a ser atingida pela guerra dos dossiês foi Roseana, a governadora e filha do ex-governador do Maranhão, José Sarney. Surgiu como fenômeno nas pesquisas de opinião em setembro do ano passado. As denúncias envolvendo a pré-candidata do PFL apareceram justamente na época em que as pesquisas apontavam que Roseana seria a única a derrotar Lula num suposto segundo turno. Na projeção do Ibope: o candidato petista teria 46% contra 39% da maranhense. Em janeiro, Roseana Sarney tinha 21% das intenções de voto no Nordeste, onde há cerca de 30 milhões de eleitores – quase um terço do país. Na época, José Serra contava com apenas 2% na região.

No final de abril, numa inspeção surpresa, e suspeita, da Polícia Federal na sede da Lunus - empresa na qual Roseana é sócia de seu marido, Jorge Murad – apreenderam-se documentos que estabeleceram ligações entre os negócios da empresa e projetos fraudulentos da extinta Sudam.

A candidata acabou desistindo de concorrer à presidência, causando o rompimento entre o PFL e o governo. Parte do PFL se recusa a apoiar a candidatura de José Serra e a princípio não fará parte da base governista, caso o

candidato vença as eleições. Passados três meses, a imprensa não fala mais no assunto e o Ministério Público não conseguiu nenhuma prova entre as denúncias e Roseana.

Chapa branca - O candidato oficial do governo não encontrou boa receptividade nem dentro do próprio partido. Os filiados ao PMDB também foram enérgicos em relação ao candidato. Na convenção oficial, realizada na segunda semana de junho, o PMDB enfrentou grande resistência para aprovar o apoio a José Serra e manter o nome da deputada Rita Camata como vice.

O primeiro obstáculo do candidato do PSDB foi a epidemia de dengue. O ex-ministro da saúde havia autorizado a demissão de mais de 5 mil agentes de saúde, responsáveis por controlar as zonas de foco, alguns meses antes da proliferação maciça do mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*. O resultado não poderia ser outro: o Estado do Rio de Janeiro enfrentou a maior epidemia da doença dos últimos anos, resultando 61 mortos e mais de 225 mil pessoas contaminadas até maio. Outros estados também foram atingidos, porém, em menor escala.

O segundo estorvo não demorou a aparecer: após ser selada a aliança PSDB/PMDB, em meados de maio, o vice escolhido pela cúpula dos dois partidos foi Henrique Eduardo Alves, o Henriquinho. Mas, a gravidade das denúncias dirigidas ao candidato – fez os partidos recuarem e decidirem não lançá-lo na chapa para a presidência da República. A revista *Is-to-É* publicou reportagem mostrando as riquezas do futuro vice – 15 milhões de dólares, no exterior - e como era impossível alguém acumular licitamente tantos bens em tão pouco tempo. O processo de separação litigiosa entre Henrique Alves e sua ex-mulher, Mônica Infante de Azambuja

Alves, comprova o enriquecimento ilícito: está cheio de extratos bancários, notas fiscais e outros documentos que confirmam depósitos mantidos em pelo menos três paraísos fiscais: Ilhas Jersey, Canal da Mancha e Genebra.

Como coringa, foi sugerida pelo marqueteiro Nizan Guanaes a bela Rita Camata. Escolha que desconsiderou o passado de oposição da deputada, que no último ano, votou contra alguns dos projetos mais importantes do governo, como a flexibilização da CLT.

O terceiro problema enfrentado pelo candidato do PSDB surgiu em maio, quando denúncias envolveram o nome de Ricardo Sérgio – ex-presidente do Banco do Brasil e ex-caixa de campanha de Serra e Fernando Henrique Cardoso – em mais escândalos com dinheiro público. Ricardo Sérgio ocupou um cargo de confiança no governo de FHC e está sendo acusado de ter realizado operações fraudulentas na privatização do Banespa e da Vale do Rio Doce. Como presidente do Banco do Brasil, Ricardo Sérgio operava o fundo de pensão dos funcionários, o Previ, estimado em aproximadamente R\$ 38 bilhões. Além disso, há a doação de R\$ 700 mil feita pelo empresário Carlos Jereissati para a campanha de José Serra ao senado, em 1994. Na prestação de contas entregue ao TSE,

consta que Jereissati doou apenas R\$ 45 mil.

Vladimir Antônio Rioli, sócio de Serra até 1995 na empresa Consultoria Econômica e Financeira Ltda, contracenou outras falcatruas que respingam no candidato tucano à presidência. Rioli era vice-presidente de operações do Banespa e ajudou Ricardo Sérgio em diversas transações com o banco, entre elas, a de trazer de volta ao país grandes somas de dinheiro sujo. Em 1992, por exemplo, em uma parceria com o Banco do Brasil, retornou ao Brasil cerca de U\$ 3 milhões. Deputados estaduais de São Paulo, integrantes da CPI que investiga as fraudes do Banespa, desconfiam ser



Serra: última do próprio veneno

sobra de campanha eleitoral tucana que não foi declarada ao TSE. Entre as transações de Rioli, que envolvem o nome de Serra, está o empréstimo de R\$ 21 milhões, em 1993, ao empresário Gregório Marin Preciado, casado com uma prima do candidato tucano. O relatório da CPI do Banespa, mostra que os empréstimos foram concedidos às empresas Gremafer e Aceto, de propriedade de Preciado, sem nenhuma garantia legal. As empresas estavam em liquidação e os empréstimos não foram quitados até hoje.

Entre todos os embaraços enfrentados por Serra, talvez a acusação mais grave seja a de arapongagem. Durante sua gestão como ministro da Saúde, uma empresa de contra-espionagem, a Fence, foi contratada sob o argumento de evitar grampos no ministério. A dispensa de licitação e os valores pagos à empresa geraram críticas de adversários, que ligaram Serra à uma suposta espionagem feita no Maranhão para prejudicar a então candidata Roseana Sarney. Coincidentemente, os serviços foram feitos na mesma época que a empresa da maranhense foi inspecionada pela PF e estabeleceu-se uma ligação entre Roseana e os escândalos da Sudam.

Como as denúncias não foram dirigidas diretamente ao presidenciável, as pesquisas não apontaram nenhum reflexo nas pesquisas de opinião. O PSDB decidiu manter a candidatura de Serra e o candidato sobe lentamente nas pes-

quisas de intenção de voto. Em meados de julho ocupava a terceira posição, com 22%.

Lula – Depois do surgimento dos escândalos envolvendo o candidato da base governista, foi a vez do presidente de honra do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Não se tem nenhuma relação de Lula com desvio de dinheiro ou corrupção, o que seria muito difícil, pois na vida pública, exerceu apenas um mandato de deputado federal (SP), eleito em 1986.

Além da resistência dos diretórios regionais à aliança com o Partido Liberal (PL), a campanha de Lula enfrentou denúncias de corrupção em Santo André, cidade do prefeito assassinado Celso Daniel. Nenhuma acusação se refere diretamente à Lula, mas o prejudica por abalar a confiança no PT.

As denúncias feitas por João Francisco Daniel, irmão do ex-prefeito de Santo André, acusam José Dirceu, presidente do Partido dos Trabalhadores, de receber propina das empresas de ônibus da cidade e reverter o dinheiro ilícito para financiar campanhas eleitorais petistas. Os promotores do Ministério Público que investigam a suposta rede de corrupção na prefeitura de Santo André dizem que, se forem comprovadas as denúncias, os acusados terão suas ações enquadradas em crime de formação de quadrilha, peculato e corrupção ativa e passiva, entre outras. Os suspeitos já estão envolvidos em três ações civis públicas, acusados de atos de improbidade administrativa. O vereador do PT Klinger Luís de Oliveira Souza, ex-secretário de Serviços Municipais de Santo André, é um dos envolvidos no processo.

No final de junho, a empresária Rosângela Gabrilli, sócia da Viação São José e da Expresso Guarará, confirmou à CPI da Câmara Municipal de Santo André que sua empresa era extorquida por membros da prefeitura, na época administrada por Celso Daniel (PT), assassinado em janeiro. A empresária diz que, desde 1997, pagava a Ronan Maria Pinto R\$ 550,00 por carro, o que totalizava R\$ 41.800 por mês. Rosângela testemunhou que Ronan se apresentava como porta-voz do secretário de serviços do município e dizia que o dinheiro era revertido para as campanhas do PT.

Outro problema enfrentado pelo



Censurou denúncias pela justiça

O candidato que clama pela fé



Nome: Anthony Willian Matheus de Oliveira
Nascimento: 18 de abril de 1960
Formação: Jornalista
Cargos eletivos e públicos: Deputado estadual (1987-PDT); prefeito de Campos (89-PDT e 97-PDT); secretário estadual da Agricultura (93 a 94); e governador do Rio de Janeiro (99-PDT), cargo que abandonou para concorrer a presidência.

Na adolescência, foi presidente do grêmio do Liceu de Humanidades, em Campos. Durante a militância estudantil, aproxima-se do antigo Partido Comunista Brasileiro (PCB). O apelido "Garotinho" surgiu durante a profissão, por ser jovem. Começou a trabalhar em rádio em meados da década de 70, quando conseguiu ganhar popularidade, como jornalista, locutor esportivo e apresentador de programas populares. Em 1982, disputou uma vaga para a Câmara Municipal de Campos, mas não se elege por conta da pouca representatividade do PT, partido que ajudou a fundar na cidade, em 1980. Em 1983, deixa o PT. Filia-se ao PDT e é eleito deputado estadual em 1986. Em 1988, Garotinho conquista a Prefeitura de Campos. Em 1993, assume a Secretaria de Agricultura, no governo de Leonel Brizola. Em 1994, perde a disputa pelo governo do Estado. Durante a campanha, sofre um grave acidente de carro e adota a religião evangélica. Em 1996, é eleito novamente prefeito de Campos. Em 1998, deixa o cargo e ganha a disputa para o governo do Rio. Rompe com o PT no meio do mandato, partido ao qual pertence a vice, Benedita da Silva. Em 2000, Garotinho deixa o PDT e vai para o PSB. Entre suas propostas estão a criação de um Ministério da Segurança Pública e a modificação do Código Penal.

A rápida ascensão do mocinho



Nome: Ciro Ferreira Gomes
Nascimento: 06/11/1957
Formação: Direito
Cargos públicos e eletivos: deputado estadual (1982-PDS e 1986-PMDB); prefeito de Fortaleza (88-PMDB); governador do Ceará (90-PSDB); ministro da Fazenda (94).

Nasceu em Pindamonhangaba (SP), mas se mudou aos quatro anos de idade, com sua família, para Sobral, no sertão do Ceará, onde o pai foi prefeito. Foi aprovado em primeiro lugar no vestibular para a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1976. Na universidade, trabalhou como monitor concursado de Direito Constitucional, na cadeira do professor Paulo Bonavides. Depois de formado lecionou nas universidades de Fortaleza (Unifor) e Vale do Acaraú (UVA), em Sobral. Fez especialização na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Seu orientador foi Roberto Mangabeira Unger, o "guru" do plano econômico de Ciro. Em 1982, com 24 anos, Ciro elege-se deputado estadual pelo PDS e é reeleito em 1986 pelo PMDB. Chega à prefeitura de Fortaleza em 88 e ao governo do Estado em 1990 (desta vez no PSDB), aos 32 anos, sendo o mais jovem governador da história. Deixa o cargo em setembro, para assumir o Ministério da Fazenda a pedido do presidente Itamar Franco. Era o meio do Plano Real. Em 1998, candidata-se à Presidência da República pelo PPS e fica em terceiro lugar, com cerca de 10 milhões de votos. Entre as propostas já apresentadas estão a regularização da posse de terras nas periferias das grandes cidades, a redução do imposto de renda de pessoa física e a promoção da autonomia universitária.

e não afetam Lula, Garotinho e Ciro



Acham que é prefeito de Santo André

que não iria declarar moratória da dívida brasileira e cumpriria as metas, que o governo brasileiro acordou com o Fundo Monetário Internacional.

A atitude comprova a mudança de atitudes do presidenciável que, em anos atrás, jamais anunciaria a continuação de acordos feitos pelo governo tucano com instituições liberais como o FMI. O "Lula light", como foi chamado pela revista *Veja*, desagrada a parte mais radical do PT.

Anthony Garotinho - O ex-governador do Rio de Janeiro até que tentou começar bem sua campanha presidencial. Afundado em denúncias contra o programa que comanda diariamente na rádio Tupi, antes de se anunciar oficialmente como o candidato do PSB, Garotinho acertou as contas com a Receita Federal. Mas não adiantou muito: no início de junho, o empresário e ex-amigo do candidato, Guilherme Freire, retomou as denúncias contra Garotinho, que havia iniciado em 2001. Entre lavagem de dinheiro, contrabando e outras acusações, o empresário relata ações fraudulentas, da época em que Garotinho ainda era prefeito da cidade de Campos (RJ).

Anthony Garotinho faz de tudo para que não circulem as acusações do empresário. Em maio, o candidato obteve duas liminares que impediam que a revista *Carta Capital* publicasse trechos de uma conversa, gravada por escuta telefônica, que comprovavam o envolvimento dele. O ato de Garotinho foi repudiado por entidades, entre elas a Associação Nacional dos Jornais, e representantes políticos, como o presidente do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello. A revista *Carta Capital* conseguiu cassar a liminar, desde que não publicasse integralmente o conteúdo das conversas, já que foram gravadas clandestinamente. Caso a liminar não fosse cassada, a revista estaria proibida de citar o nome de Garotinho, de Jonas Lopes de Carvalho Júnior (advogado, ex-sócio do presidenciável, hoje conselheiro do Tribunal de Contas) e Waldemar Linhares Duarte, contador, sob pena de multa mínima de R\$ 500 mil. A reportagem foi publicada com uma semana de atraso. A censura imposta pelo candidato já havia ocorrido com o jornal *O Globo*, em julho de 2001, quando iria publicar as conversas gravadas por Gui-



Com Collor e os Farias na sombra

lherme Freire sobre as fraudes dos sorteios promovidos pelo programa *O Show do Garotinho* transmitido pela rádio Tupi e TV Bandeirantes.

Guilherme Freire e Garotinho estudaram juntos no primário e voltaram a se encontrar na prefeitura de Campos, em 1988. Lá, relata o empresário, Guilherme conseguia contratos privilegiados para a sua empreiteira, a Construtora Tucun, que se tornou a maior do norte e noroeste fluminense em quatro anos, faturando cerca de R\$ 500 mil por mês. Além dos contratos facilitados e pagamentos privilegiados, o empresário intermediou diversos negócios para o presidenciável, como a compra de uma rádio AM, em Macaé, por US\$ 400 mil. A compra de outro veículo de comunicação foi o motivo, relatado por Guilherme, para o rompimento da amizade: Garotinho pretendia realizar um consórcio entre amigos para a compra da TV Norte, na época retransmissora da Rede Globo. O negócio sairia por US\$ 6 milhões, mas acabou não dando certo porque o empresário desistiu. A partir daí, Guilherme diz que perdeu todos os contratos com a prefeitura de Campos e que passou a ser perseguido por Garotinho, sendo até ameaçado de morte. Garotinho afirma que o rompimento se deu quando apurou operações fraudulentas da empreiteira com a prefeitura de Campos. As fitas que contêm as gravações que comprovam as denúncias fei-

tas por Guilherme Freire estão sendo apuradas pelo Ministério Público. Garotinho teve seu telefone grampeado clandestinamente durante três anos, de 1994 a 1996.

Ciro Gomes - Segundo colocado na pesquisa Ibope do final de julho, com 26% das intenções de voto, o candidato também teve que dar esclarecimentos final de julho. José Carlos Martínez, coordenador geral da campanha, deve dinheiro à família de PC Farias, ex-tesoureiro de Collor, de quem tomou emprestado US\$ 1,6 milhão para compra da emissora de televisão CNT. Paulo Pereira da Silva, candidato a vice de Ciro, foi acusado de superfaturar a compra de uma fazenda da Força Sindical quando era dirigente da instituição, e de comprar um sítio em nome de um "laranja". Além disso, o PPS brigou para tirar o diretório de Alagoas da campanha de Collor (PRTB) para governador, mas o PTB, que faz parte da coligação que apóia Ciro, continuou com o ex-presidente.

Briga na Internet - Os candidatos à presidência estão aproveitando os sites na internet, espaço não controlado pelo Tribunal Superior Eleitoral, para dizer o que querem dos adversários de campanha. A home-page de José Serra divulgou uma série de notícias intituladas *Pérolas de grosserias de Ciro*, com frases do candidato da Frente Trabalhista endereçadas a antigos inimigos políticos, e *Ciro disse, mas não é verdade*, desmentindo as propostas do presidenciável. Ainda no site de Serra, há notícias criticando os outros candidatos, como a que diz que Lula é contra o direito de informação do público. No site de Ciro Gomes, na primeira semana em que esteve no ar, não havia notícia atacando adversários da disputa à presidência. Existe a seção *Você Sabia?*, que mostra, entre outras curiosidades, que políticos da equipe de Fernando Henrique Cardoso participaram do governo Collor. A página na internet de Anthony Garotinho divulgou a notícia de que Ciro conseguiu palanque com os atuais seguidores de Collor. Na primeira semana de operação do site de Lula, não foi encontrada nenhuma referência a outros candidatos à presidência.

Textos:
Ginny Carla Morais



Filha do ex-presidente dançou



Confira quando os candidatos vão estar na TV

- **4 de agosto**
Band, às 21h30
Debate com os candidatos à Presidência
- **5 a 8 de agosto**
Globo, às 23h45
Entrevista com os presidenciáveis no *Jornal da Globo*
- **12 a 15 de agosto**
Band, às 0h
Entrevista com os presidenciáveis no *Jornal da Noite* (Economia)
- **18 de agosto**
Band, às 21h30
Debate com os candidatos a vice-presidente
- **26 a 29 de agosto**
Globo às 7h15
Entrevista com os presidenciáveis no *Bom Dia Brasil*
- **2 ou 9 de setembro**
Record, às 21h
Debate comandado por Boris Casoy
- **2, 9, 16 e 23 de setembro**
Band, às 21h30
Entrevistas no *Canal Livre*
- **23 a 26 de setembro**
Globo, às 20h15
Segunda rodada de entrevistas no *Jornal Nacional*
Globonews, às 22h
Entrevistas no *Jornal das Dez*
- **3 de outubro**
Globo (horário a definir)
Debate com os presidenciáveis

A persistência e raça de Lula

Nome: Luiz Inácio Lula da Silva
Nascimento: 27 de outubro de 1945
Formação: Torneiro mecânico
Cargos eletivos: foi deputado federal por São Paulo (1986-PT).

Nasceu em Garanhuns, Pernambuco, onde ficou até os 7 anos, quando migrou com a família para o litoral paulista, onde o pai trabalhava. Com 14 anos, abandonou os estudos e começa a trabalhar em uma metalúrgica em São Bernardo do Campo. Fez o curso de torneiro mecânico no Senai de 1961 a 1965. Ingressa na vida sindical levado pelo irmão mais velho, o "Frei Chico". Torna-se líder do movimento em 1975, elegendo-se presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Em 1978, é reeleito e comanda uma série de greves e paralisações que se estendem até 1979.

Em 1980, participa da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). No mesmo ano, lidera mais uma greve reunindo 140 mil metalúrgicos, é afastado da direção do partido pelo governo e preso pela ditadura. Fica 31 dias detido no Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Em 1982, fica em quarto lugar na disputa pelo governo paulista. Em 1986, foi o deputado federal mais votado em São Paulo. Em 1989, perde a Presidência da República para Fernando Collor de Mello (PRN). Nas eleições de 1994 e 1998, é derrotado por Fernando Henrique Cardoso. Entre suas propostas estão a instituição da renda mínima, manutenção da CPME, a valorização da produção cultural nacional e o deslocamento do eixo do programa governamental para o social, ao invés da economia.



José Serra, o queridinho de FHC

Nome: José Serra
Nascimento: 19 de março de 1942
Formação: bacharel em engenharia civil pela USP (1964); mestre em economia pela Universidade do Chile (72); doutor em economia pela Cornell University (77)
Cargos públicos e eletivos: secretário de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo (83 a 86); deputado federal (87-PMDB e 90-PSDB) e senador (95-PSDB); ministro do Planejamento (95-96); ministro da Saúde (97 a 02).

Foi presidente da União Nacional dos Estudantes entre 1963 e 1964. Perseguido pelo governo militar, ficou exilado por 14 anos, a maior parte deles no Chile. Em Santiago, Serra especializou-se em Planejamento Industrial, e fez mestrado em Economia na Universidade do Chile, onde lecionou entre 68 e 73. Em 74, foi para os Estados Unidos, onde fez mestrado e doutorado em Ciências Econômicas na Universidade de Cornell. Voltou ao Brasil em 1978, depois da Anistia. Cinco anos após ter retornado do exílio, assumiu a secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo. Permaneceu ali até 87, quando foi eleito deputado federal pelo PMDB. Em 1988, ao lado de oito senadores, como Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, e de 40 deputados, participou da fundação de PSDB. Em 1990, foi candidato à reeleição e teve 340 mil votos - a maior votação de São Paulo e a segunda do Brasil. Em 94, elegeu-se senador por São Paulo. Em 95, assumiu o ministério do Planejamento e Orçamento. Em 98, foi para o Ministério da Saúde. Entre as propostas apresentadas está a criação dos Ministérios da Segurança Pública e do Comércio Exterior.



Só mais um repórter assassinado

Tim Lopes é um dos 389 jornalistas mortos no mundo desde 91



Daniel Pearl: vítima do fanatismo

Fundamentalista islâmico recebe pena de morte

O militante islâmico acusado de ser o mentor do seqüestro e assassinato de Daniel Pearl, correspondente do *Wall Street Journal*, foi condenado à morte e seus três cúmplices, a prisão perpétua, no dia 15 de julho, no Paquistão. "Veremos quem morre primeiro, eu ou as autoridades que prepararam a pena de morte para mim", respondeu, em tom desafiador, o britânico Ahmed Omar Saeed Sheikh ao juiz Ashraf Ali Ahah, na prisão de Hyderabad. Saeed acrescentou que "Alá, o todo-poderoso" irá se vingar e que a Jihad (guerra santa) continua. Os condenados também vão pagar uma multa coletiva de cerca de US\$ 32 mil que será entregue à viúva de Pearl e seu filho recém-nascido. Outros sete suspeitos, incluindo os que cometeram o assassinato, continuam foragidos. O jornalista americano desapareceu em 23 de janeiro, em Karachi, quando investigava a ação de grupos extremistas paquistaneses e sua possível ligação com o britânico Richard Reid, preso e acusado, nos Estados Unidos, por tentar detonar explosivos escondidos em seu tênis, durante um voo entre Paris e Miami, em dezembro. De acordo com a promotora, Saeed montou uma emboscada para Pearl prometendo lhe arranjar uma entrevista com um clérigo islâmico. Pearl foi decapitado e as cenas, gravadas em vídeo pelos assassinos, foram divulgadas poucas semanas após o seqüestro. A polícia paquistanesa está realizando testes de DNA em um corpo encontrado numa favela de Karachi, em maio, para verificar se realmente é do repórter. O condenado, nascido na Grã-Bretanha, é ex-estudante da London School of Economics. Os outros três cúmplices de Saeed - Salman Saqib, Fahad Naseem e Shaikh Adil - foram sentenciados na prisão de alta segurança onde se realizou o julgamento e para onde haviam sido transferidos desde Karachi, por razões de segurança. Seus advogados prometem apelar da sentença. As autoridades paquistanesas esperavam uma reação violenta por parte dos extremistas islâmicos, já revoltados pelo apoio do presidente Pervez Musharraf aos Estados Unidos, na luta contra o terrorismo. Os EUA queriam a extradição de Saeed para investigar suas ligações com a Al Qaeda, mas o pedido foi recusado. Há suspeitas de que isso não tenha ocorrido porque o militante britânico poderia falar aos americanos sobre as ligações entre a Al Qaeda e a organização de inteligência do Paquistão.

Para saber mais:
<http://www.consumptionjunction.com/feat/cc/detail.asp?ID=9833>

O jornalista Tim Lopes, repórter da rede Globo morreu, no dia 03 de junho, brutalmente assassinado por traficantes, quando fazia uma reportagem sobre tráfico de drogas e exploração sexual em um baile funk na favela Vila Cruzeiro, no subúrbio do Rio de Janeiro. O repórter estava exercendo sua profissão perigosamente, em uma zona de conflito, dominada pela guerra não declarada do narcotráfico, na cidade. Como Tim Lopes outros tantos jornalistas no mundo se arriscam e morrem no trabalho de campo. O Comitê de Proteção aos Jornalistas (CPJ), com sede em Nova York, divulgou que no ano de 2001, foram mortos 57 jornalistas em vários países sob circunstâncias violentas.

Na Europa, o medo é que o exemplo colombiano de violência contra repórteres atinja o Brasil. Segundo a organização francesa Repórteres Sem Fronteiras (RSF), que defende a liberdade de imprensa, a América do Sul é hoje o lugar mais perigoso para exercer a atividade jornalística, sobretudo a investigativa. Seqüestros, emboscadas e assassinatos contra jornalistas aumentaram 50% no ano passado. A maioria destes crimes foi praticada por vingança de corruptos e traficantes de drogas. Dos 57 jornalistas mortos em todo o mundo no ano passado, 18 pertenciam à América Latina. A maior parte dos jornalistas são da Colômbia, com 10 assassinados. Também aumentou o número de jornalistas processados por criticar atos do governo: 489 foram presos nos países governados por ditadores, sendo que 110 continuam na cadeia e 380 foram vítimas de censura.

De acordo com a Sociedade Interamericana de Imprensa, SIP, o número de vítimas do ano passado é o maior desde 1997, mas houve diminuição em relação a média anual de 1989 até 2001, com 19 mortes. Na última década, segundo dados do CPJ, já se contabilizam 389 mortes, sendo que 16% dos jornalistas foram mortos em fogo cruzado e 77% assassinados. Desde 1992 foram confirmadas 30 mortes de jornalistas na Colômbia, enquanto no Brasil morreram dez profissionais, vítimas de atentados.

O memorial norte-americano Freedom Forum, uma imponente espiral de vidro e aço que sobe alargando-se em direção ao céu, no pátio do Museu da Notícia, em Arlington, Washington é dedicado aos profissionais que morreram em coberturas de guerra, catástrofes ou foram vítimas de violência. Em números absolutos, para o monumento do *Freedom Forum Journalists Memorial* são 1.086 jornalistas assassinados no exercício da profissão. O primeiro da lista é James Ligan, do *Federal Republic*, morto em Maryland, Estados Unidos, em 1812. No próximo Dia Mundial da Liberdade de Imprensa - 3 de maio de 2003 - o nome de Tim Lopes será escrito no memorial de Washington. Será o 22º brasileiro na lista de jornalistas mortos no exercício da profissão.

O assassinato do repórter Tim Lopes também motivou a manifestação de diversas entidades no Brasil e no mundo. A Associação Brasileira de Imprensa, a Associação Nacional de Jornais, a Ordem dos Advogados do Brasil, entre outros, consideraram o caso uma ameaça à liberdade de imprensa. Lena Williams, do jornal *New York Times*, lembrou a morte de Daniel Pearl, repórter do *Wall Street Journal*, no Paquistão. Disse que a violência contra jornalistas não é mais restrita a coberturas de guerras, mas também faz parte do cotidiano.

Roy Gutman, da revista *Newsweek*, diz que a imprensa brasileira precisa ser solidária, ajudando a descobrir o que aconteceu ao jornalista. Linda Foley, presidente



Comoção no Rio: população se manifesta em ato pelo repórter, que começou no Leblon e encerrou no Arpoador

da Associação Mundial dos Jornais, acredita na mobilização dos brasileiros e acha que a população deve compreender que a violência contra um jornalista é um ataque à capacidade do povo de receber informação com credibilidade. Em Washington, nos Estados Unidos, o protesto veio do Museu da Imprensa. Para a diretora Margaret Engels, a América Latina é um dos lugares mais perigosos do mundo para exercer a profissão de repórter. Segundo a diretora, é preciso que as pessoas e o governo fiquem mais indignados.

Revolta e indignação não faltam para jornalistas e moradores do Rio de Janeiro. No dia 24 de junho, cerca de 300 manifestantes, fizeram uma caminhada na orla da Zona Sul da cidade para evitar que o caso de Tim Lopes não fique impune e para protestar contra a violência tantas vezes denunciada pelo profissional. Nacil Elias, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio, lembra que somente com a pressão da sociedade, será possível reverter o quadro de violência no Brasil. Beth Costa, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), presente na manifestação, disse que o caso repercute não só no Brasil como em todo o mundo. "A principal forma de os jornalistas contribuírem para o fim da violência é incluir nas reportagens propostas de soluções para o problema", finaliza.

O crime - A morte do jornalista Tim Lopes, de 51 anos, foi confirmada a Zaqueu Teixeira, chefe da Polícia Civil, na noite do dia 9 de junho pelos traficantes Fernando Satrio da Silva, "o Frei", e Reinaldo Amaral de Jesus, o "Cabê". Eles negam a participação na morte do repórter. No entanto, contaram em detalhes a maneira como o jornalista foi levado pelos traficantes e seu assassinato. Tim Lopes saiu do baile funk na Vila Cruzeiro, por volta das 20 horas e foi até um bar, na Rua 8. Os traficantes André da Cruz Barbosa, o André "Capeta", e Maurício de Lima Bastos, o "Boizinho", perceberam uma luz que vazava de sua pochete e abordaram o jornalista. Descobriram a

micro-câmera e, através de um rádio, entraram em contato com Elias Pereira da Silva, o "Elias Maluco", que ordenou o espancamento do jornalista. Um dos traficantes mais procurados do Rio de Janeiro, Elias gerencia o tráfico na região e é o único líder da facção Comando Vermelho em liberdade.

Os traficantes atenderam as ordens de "Elias Maluco" e atiraram nos pés de Tim Lopes, para que não tentasse fugir, amarraram suas mãos e jogaram o jornalista dentro do porta-malas de um Fiat Palio. O repórter foi levado para o alto da favela da Grota, no Complexo do Alemão, um conjunto de favelas no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, Elias Maluco estaria diante do autor da matéria *Feira das drogas*, que denunciou, no ano passado, o modo como as drogas eram comercializadas nas ruas e que causou a prisão de Renato Souza de Paula, o "Ratinho", como é conhecido na favela.

"Ratinho" tinha sido flagrado pelo jornalista no feirão de drogas. Ele foi filmado por Tim Lopes na reportagem, que deu ao jornalista o Prêmio Esso de Telejornalismo em 2001. Segundo a polícia, ele também usa o nome de Anderson Martins de Carvalho, e é um dos homens mais importantes do bando de Elias Maluco. Acusado de tráfico de entorpecentes e associação para o tráfico, é o responsável pelo fornecimento de munição para a Favela da Grota e foi o primeiro a sugerir a execução do repórter.

Elias acatou a idéia e ordenou que fosse feito um julgamento. Por quatro votos a zero, o jornalista foi condenado à morte. À meia-noite "Elias Maluco" pegou um sabre do tipo samurai e com um golpe fez um corte diagonal do ombro esquerdo até o estômago de Tim Lopes. O corpo foi espartilhado, incendiado no local chamado "microondas" pelos traficantes, e levado para um cemitério clandestino na Pedra do Sapo no topo da Favela da Grota - Complexo do Alemão.

O Laboratório de Bioquímica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) através do exame de DNA, confirmou, no dia 5 de julho, mais de um mês depois do desaparecimento de Tim Lopes, que os fragmentos enterrados no cemitério clandestino eram mesmo do jornalista. O material analisado foi um fragmento de costela encontrado no dia 12 de junho, junto aos restos da microcâmera que Tim carregava. Ao anunciar a confirmação do assassinato do jornalista, o delegado Zaqueu Teixeira, chefe de Polícia Civil, informou que vai pedir prorrogação do inquérito por mais 30 dias, para juntar laudos e outras provas, que garantam a condenação do traficante Elias Pereira da Silva e de outros sete acusados do crime, já indiciados, também por homicídio. "Não queremos que mais tarde a Justiça liberte qualquer um deles alegando falhas nas investigações. Como há indícios suficientes para se pedir a prorrogação da prisão temporária dos quatro suspeitos já presos, não vejo por que concluir o inquérito de forma apressada", ponderou.

Autor intelectual - Considerado um dos traficantes mais violentos do Rio, Elias Pereira da Silva ou Elias Maluco, domina o Complexo do Alemão, região com mais de 65 mil habitantes e que inclui entre suas 13 favelas a Vila Cruzeiro e Grota Funda - onde Tim Lopes foi morto. Em 1996, o traficante cumpriu pena por tráfico de drogas durante três anos e 50 dias, mas ganhou liberdade em 2000, através de um *habeas corpus*. "É um bandido que tem todo o aparato de armas e bandidos a seu favor", diz Marina Maggesi, chefe de investigação da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DER), ao justificar a dificuldade de prender Elias Maluco. Apontado pela polícia como o responsável pela distribuição de metade da droga vendida no Rio, é acusado de comandar um exército de mais de 300 homens. O secretário de Segurança do Rio, Roberto Aguiar, anunciou no dia 11 de junho que o valor da recompensa para quem der informações sobre seu paradeiro subiu de R\$ 30 mil para R\$ 60 mil. Desde o desaparecimento de Tim Lopes, a polícia tem recebido cerca de 80 denúncias anônimas por dia, referentes ao suposto esconderijo do traficante.

Camila Rutka

Tablóide alemão completa 50 anos

Sensacionalista *Bild* é o mais vendido no país e alvo de disputa

Bild, em alemão, significa imagem. E desde 24 de junho de 1952 virou sinônimo do jornal mais vendido do país, atualmente com uma tiragem de 4,5 milhões de exemplares. Inicialmente inspirado nos tablóides britânicos, o *Bild* completa 50 anos com uma receita própria de jornalismo. Vendido a 45 centavos de euro, é lido por cerca de 12 milhões de pessoas, e seu conteúdo é uma mistura de notícias sobre celebridades e reportagens policiais. Também não faltam títulos sensacionalistas e uma primeira página com fotografias de mulheres nuas. Fórmula que conquista um grande público, e faz dele um "diário para gente simples", como resume Kai Dieckmann, diretor de redação, ao jornal português *Público*.

O jornal foi, durante anos, considerado pela esquerda um exemplo da imprensa reacionária e conservadora. Tanto, que no final dos anos 70, em pleno movimento hippie, se tornou famoso por suas campanhas contra os movimentos ecologistas e pacifistas. Sua linha editorial pró-americana e anticomunista lhe rendeu acusações de ser "o ópio do povo". Quando os rusos começaram a construção do muro de Berlim, o *Bild* mancheteou: "O Ocidente não fez nada".

Ética na apuração jornalística nunca foi o forte do jornal. Pesam acusações contra o *Bild* sobre troca de favores políticos, já que alguns dos diretores e jornalistas do tablóide foram promovidos a cargos de assessores no governo alemão. O diário também é acusado de favorecer a vitória do primeiro-ministro Gerard Schroeder sobre Helmut Kohl nas eleições legislativas de 1998, quando publicou segredos de alcova do ex-chanceler. Mas as denúncias mais graves vêm do jornalista alemão Günter Wallraff, autor do livro *Fábrica de Mentiras* — publicado no Brasil.

Wallraff revela que a redação do diário é uma "oficina profissional de falsificações", e não usa um modelo de jornalismo investigativo, analítico ou ético como o do *Le Monde* ou *Washington Post*. "No *Bild* a realidade externa pouco importa, ela é inventada dentro do próprio jornal. As histórias são primeiro sugeridas (ou criadas) dentro da redação. O repórter vai para rua apenas para justificar a pauta dos editores", acrescentou o jornalista brasileiro Marcos Faerman, que assina o prefácio de *Fábrica de Mentiras*.

Briga de cachorro grande - O cinquentenário do *Bild* é marcado por disputas internas pelo poder. O magnata do setor de mídia Leo Kirch, que detém 40% de participação na editora Axel Springer, empresa que publica o jornal, acusa os membros do conselho diretor da empresa e seu principal acionista, Friede Springer, de enfraquecer o grupo Kirch. A Axel Springer comprou US\$ 760 milhões de dólares, 12% do capital da ProSiebenSat Media, a maior rede de TV comercial da Alemanha, também controlada por Kirch.

Para a Axel Springer, a compra da participação na ProSieben foi o primeiro passo para transformar o grupo editorial num gigante da mídia. Atualmente a empresa é proprietária do *Bild*, do jornal conservador *Die Welt*, de jornais regionais cuja tiragem somada é de 1 milhão de exemplares e também de revistas. "O conselho ouviu Springer e desconsiderou o interesse da empresa e de acionistas menores", diz Ronald Frohne, advogado de Kirch, lem-

brando que a editora também tem problemas financeiros e até o fim do ano pretende reduzir 14 mil vagas que equivalem a 10% dos postos de trabalho.

O grupo Kirch declarou falência este

mais de 30 canais de TV aberta.

Antes de pedir concordata na Alemanha, a matriz da Kirch transferiu seus direitos de transmissão da F-1 e da Copa do Mundo de 2002 e 2006 para uma subsidiária, a KirchSport, que é totalmente baseada na Suíça. Caso a KirchSport também vá a lona, os direitos de transmissão da Copa, avaliados em cerca de US\$ 1,67 bilhão, retornam para a FIFA.

Solução política - Os bancos estudam soluções para o problema. Edmund Stoiber, governador da Baviera, sede da Kirch, tem grande interesse

e em ajudar, pois a empresa desempenha papel importante na economia do Estado. Stoiber, conservador, usa a prosperidade econômica bávara para alavancar sua candidatura ao cargo de chanceler, atualmente ocupado pelo rival social-democrata Gerhard Schroeder. Este seria o motivo pelo qual o banco do estado emprestou 2 bilhões de euros à Kirch. "Falência não significa destruição da companhia, mas oportunidade e novos donos", diz o político.

Outra solução seria Leo Kirch vender sua participação na Axel Springer. Não faltam interessados nos 40% de ações detidos pelo Grupo Kirch. Desde o magnata Rupert Murdoch até o grupo de imprensa WAZ. Dono de 28 diários regionais na Alemanha, com tiragem diária de 4,5 milhões de exemplares, e associado da Bertelsmann, segundo maior grupo de mídia do mundo, sediado na Alemanha.

Wendel Martins



Mentiras: fórmula calcada em sexo, fofoca e crimes - ano, com uma dívida estimada em 6,5 bilhões de euros (R\$ 13,7 bilhões). É a maior bancarrota da história alemã desde a II Guerra Mundial, e 9.500 trabalhadores estão ameaçados de perder o emprego. A Kirch é uma das maiores empresas do ramo de comunicação do mundo, mas vem sofrendo nos últimos tempos, com maus investimentos feitos nas áreas de cinema e TV paga. As pesadas dívidas se devem principalmente à compra de direitos de filmes a preços exorbitantes e ao lançamento de um canal *pay-per-view*, o *Première*, num país com

Fábrica de mentiras define o teor do jornal

Na década de 90, o premiado jornalista alemão Günter Wallraff, sob pseudônimo, atuou vários meses na redação do *Bild*. Dessa experiência, resultou o livro *Fábrica de Mentiras*, publicado no Brasil pela editora Globo. A seguir, transcrevemos trecho de um dos capítulos.

"A verdade está no *Bild*, tanto nas linhas quanto nas entrelinhas:

possivelmente ela se encontra de qualquer maneira, por detrás das letras impressas. Impresso é tudo aquilo que faz aumentar a tiragem — mesmo que, por acaso, seja verdade. E não impresso é tudo aquilo que não ajuda a vender. Um princípio clássico, simples, e, ao mesmo tempo, de utilidade universal. Numa época em que se vive com pressa, exige-se um jornalismo rápido, muito rápido. O raio da escrita tem exatamente 360 graus. O es-



Wallraff: comprovou o cotidiano de notícias inventadas

crevinhador do *Bild* é bom em generalizações.

Se os leitores acreditam ou não em tudo o que se publica, não tem a menor importância, desde que continuem comprando o jornal. Pode-se ignorar algumas poucas cartas críticas de leitores, pois nada se torna grave enquanto "os elementos primitivos" das massas não se erguerem e não se tornarem verdadeiramente obstinados.

Como com a história da cartoman-

te: se não existissem cartomantes, o *Bild* teria que criá-las. As pessoas que acreditam nas suas capacidades adivinhatórias não são apenas algo para o *Bild*, mas são o próprio *Bild*. Aqui, se trata de uma mulher, uma pequena salafrária. O *Bild* descreve carinhosamente o seu negócio.

E aquela mulher sem ambições vê então — estimulada pelo *Bild* — sua grande oportunidade de se transformar numa salafrária de porte universal, com possibilidade de se tornar milionária. Pois — e para isso ela é realmente lúcida — uma história dessas no *Bild* constitui um capital que gerará lucros. O artigo no *Bild* faz seu negócio ir de vento em popa e cria uma base para enganações ainda maiores. O *Bild* ajuda-a a ter o ar adequado de "seriedade" e fama.

Mas surge uma verdadeira tempes-

tade de reclamações dos leitores que compraram "os bilhetes de loteria" da cartomante. Traídos e enganados, eles ocupam a redação. Agora surge o grave perigo de alguém procurar o culpado. O que faz o esperto chefe de redação numa situação como essa? Ele muda de rumo de acordo com o lado para qual o vento sopra. Transforma o apoio em acusação. Os atores continuam a ser os mesmos, mas há alterações na peça. E agora representa-se: "Cartomante trai os leitores do *Bild*". Schwindmann: "Agora a coisa anda sozinha. Vamos fazer um quarto artigo sobre o assunto".

Por três dias seguidos representa-se a peça no palco, agora maior: a edição nacional. No último dia, o artigo sai com o seguinte título: "O FBI está atrás da madame Vionville". A história é arranjada, os advogados são contratados, e por fim, a cartomante foge. Uma pequena salafrária foi transformada numa criminosa. O *Bild* pode, tranquilamente, cometer seus erros: sabe como utilizá-los em seu próprio benefício."

Itália sem Falcone há dez anos

Juiz conseguiu os maiores avanços na luta contra máfia do sul do país

Há dez anos, o inimigo número um da máfia italiana, o magistrado Giovanni Falcone, foi morto em um automóvel atingido pela explosão de 500 quilos de dinamite. A carga havia sido colocada numa tubulação destinada ao escoamento de águas pluviais, sob a pista da estrada A/29 que liga Palermo e Trapani, na direção Punta Raisi - Palermo. Segundo a perícia, às 17h56 do dia 23 de maio de 1992, da colina de Capaci, ao lado da auto-estrada, o boss Giovanni Brusca detonou por telecomando a carga de dinamite. Brusca foi ajudado por seus comandados da mafiosa *famiglia* de San Giuseppe di Jato. De binóculo, assistiu à explosão, que acabou de completar uma década.

Eram três carros. O primeiro, com três policiais da escolta, projetou-se a 62 metros do local da explosão. Na pista, abriu-se um buraco com 3,5 metros de profundidade. Morreram todos os seus ocupantes. No segundo carro, estava Falcone, sua mulher Francesca Morvillo e o motorista, o único sobrevivente. A explosão jogou o carro do juiz, que voltava de Roma para sua casa em Palermo, para fora da estrada. Levado inconsciente, Falcone morreu no Hospital Cívico Benfratelli de Palermo. Os outros três agentes da escolta que estavam no terceiro automóvel, saíram feridos e se recuperaram.

Foram 15 feridos no ataque de técnica libanesa - explodir dinamite com controle remoto -, entre eles, três turistas austríacos, que se recuperaram. Além disso, restaram 50 metros de estrada danificados, fragmentos de asfalto e de alumínio espalhados num raio de 70 metros e sete automóveis atirados a grandes distâncias.

"A máfia golpeia, desafia e derrota o Estado", disse o líder socialista Bettino Craxi ao saber da morte de Falcone.

A máfia já havia tentado matar seu principal inimigo em junho de 1989, quando colocou 50 cartuchos do explosivo tritol escondidos a 20 metros da casa de férias de Falcone, perto da capital siciliana. Mas a polícia encontrou os explosivos antes que eles fossem acionados. No entanto, a declaração a Falcone estava feita: "Morrerá, sabe que morrerá".

O siciliano Falcone, nascido em Palermo em 1939, tinha 53 anos e ocupava desde 1991 o cargo de diretor de Assuntos Penais no Ministério da Justiça, em Roma. Antes disso, passou 11 anos combatendo a Máfia - sempre sob ameaças de morte - no "escritório-bunker" do Palácio da Justiça de Palermo. O juiz foi um dos principais responsáveis pela ofensiva judicial contra os mafiosos promovida no país, que teve seu ponto culmi-

nante no julgamento em massa de 1987 - quando 361 deles foram condenados a longas penas.

No dia seguinte ao atentado, a eleição para presidente da República foi suspensa. Um dia antes da votação, Giulio Andreotti, primeiro-ministro demissionário e presidente do conselho, se mostrou indignado. "Quando um homem como Falcone é vítima de tal ataque, você sente um ódio particular", afirmou. O papa João Paulo II também lamentou a morte de Falcone.

Há duas teses opostas sobre o crime. A primeira considera o assassinato de Falcone um sinal de força da máfia, disposta a desafiar e a mostrar a fraqueza do Estado. A segunda afirma que os mafiosos enfraquecidos pelos sucessivos processos e temendo pelo seu fim, reagiram optando pelo terrorismo.

Falcone afirmava: "Para combater a máfia é preciso conhecê-la". Mas o conhecimento que o Estado, até o momento da detenção de Tommaso Buscetta, tinha da organização era superficial. Segundo Falcone, foi graças ao interrogatório de Buscetta que conseguiram, finalmente, ter uma visão global da Máfia, de sua estrutura e técnica de recrutamento.

Falcone sabia que a máfia não pretendia poupá-lo. "Se o senhor não for embora de Palermo, não se salva", alertou Tommaso Buscetta. "Depois deste interrogatório o senhor se tornará uma celebridade, mas estará marcado pelo resto da vida. Tentarão destruí-lo seja física ou profissionalmente. Não se esqueça: a Casa Nostra não desistirá".

Um artigo no jornal *Corriere della Sera* constatou a facilidade com que o crime aconteceu, em pleno dia, enquanto o Parlamento não conseguia eleger o presidente da Itália. E concluiu "o terrorismo cresce proporcionalmente à impotência política dos partidos".

A jornalista francesa Marcelle Padovani, que com ele escreveu o livro *Cose di Cosa Nostra (Coisas da Cosa Nostra)*, observou: "Morre-se por estar sozinho. Porque entrou-se num grande jogo. Frequentemente, morre-se por não dispor de necessárias alianças e porque se está privado de sustentação. Na Sicília, a Máfia mata os servidores do Estado, que o próprio Estado não consegue proteger".



Inspirou operação Mãos Limpas

Falcone enfrentou e desvendou os segredos dessa potente e secular organização criminosa, que mantinha sob controle o poder político na Sicília. Desde criança, conhecia suas máximas, dentre elas: "Somos sempre os mais fortes. A máfia tem memória de elefante, não esquece os traidores e os seus inimigos". Falcone conseguiu quebrar a *omertà*. Ou seja, pôs fim a cultura do silêncio. A *omertà*, ensinou Falcone, era a intimidação difundida pela organização criminosa.

Um grupo de juizes antimáfia foi criado por Rocco Chinnici. Esse magistrado também foi assassinado pela máfia quando estacionava o automóvel em frente à sua casa. Neste primeiro processo, que terminou em 16 de dezembro de 1987, foram acusadas 475 pessoas, 361 delas receberam condenações e 19 receberam a pena de prisão

perpétua.

Durante o maxiprocesso contra a máfia, a televisão mostrou vários acusados em espécies de jaulas, colocadas na sala de audiências. Os defensores dos mafiosos procuraram desacreditar Buscetta, que iniciou sua colaboração em julho de 1984 e posteriormente declarou: "Não sou um arrependido. Fui um mafioso. Desejo revelar tudo que está guardado na minha consciência sobre esse câncer que é a máfia, a fim de que as novas gerações possam viver de modo mais digno e humano". Com o fim do processo, chegou também a sentença de morte de Falcone, cumprida no dia 23 de maio de 1992.

Logo depois, no dia 19 de julho, ocorreu outro assassinato. Quando o juiz Paolo Borsellino apertou o botão do interfone, na portaria do prédio onde morava sua mãe, em Palermo, aconteceu uma violenta explosão. Junto com ele morreram seus cinco segurança e, pela primeira vez, uma mulher, a policial Emanuela Loi. Borsellino tinha trabalhado com Falcone e era considerado seu sucessor.

Em junho de 1993, aconteceram explosões em Roma, Firenze e Milão. Elas representavam a continuação da máfia contra o Estado, desencadeada pelo foragido Totó Riina, "o chefe dos chefes". Ele estava inconformado com as condenações no maxiprocesso, incluída a sua como mandante do assassinato de Falcone.

No curso da luta, Falcone conseguiu mudanças legislativas. Uma delas foi a delação premiada a mafiosos arrependidos. Por ironia do destino, os matadores de Falcone arrependem-se e ganharam liberdade, com exceção de Brusca.



Morte teleguiada detonou 500 quilos de dinamite

Máfia real possui mais poder que na ficção

Romances e filmes já falaram bastante da máfia - organização criminosa formada na Sicília, Itália, a partir do século 18, quando a dinastia espanhola dos Bourbons conquistou a coroa daquela ilha e de Nápoles, no continente. A fragilidade do poder regional, aliada ao sentimento de autonomia da população, propiciou o surgimento de uma sociedade secreta, hierarquicamente ordenada, arregimentada em *famílias*, que passou a atuar arbitrariamente naquele território.

Sobrevivendo até hoje, suas ações se amparam na *vendetta* (vingança) e na violência contra as pessoas que não querem se sujeitar a ela, e na milenar *omertà* (lei do silêncio) respeitada pela população rural. A maioria dos trabalhos sobre a máfia enfatiza sua ramificação americana, a Cosa Nostra, que imigrantes sicilianos levaram para os Estados Unidos.

Um filme sempre lembrado quando o assunto é máfia é *O Poderoso Chefão*, de Francis Ford Coppola. Na verdade, três filmes. O primeiro e mais atraente, feito em 1972, narra a história do imigrante siciliano Don Vito Corleone, interpretado por Marlon Brando - que deixou a terra natal para "fazer a América" e ali se tornou líder da Cosa Nostra - e da ascensão de seu filho americano Mike, vivido por Al Pacino. Chefões e subalternos da organização criminosa foram retratados no cinema vivendo em Chicago, Nova York e outras metrópoles dos Estados Unidos, que eles tumultuaram entre as décadas de 20 e 60.

Segundo informações obtidas junto à Direção Investigativa Antimáfia, nos livros *Diciotto Anni di Mafía*, de Saverio Lodato, *Máfia e antimáfia*, de Luciano Violante, e *Processo alla Ndrangheta*, de Enzo Ciccone, a máfia italiana, atualmente, apresenta a seguinte estrutura: Cosa Nostra, da Sicília, Palermo, com 5.400 membros; Ndrangheta, da Calábria, Reggio Calábria, com 5.600 membros; Camorra, da Campânia, Nápoles, com 7.200 associados; e Sacra Corona Unita, de Puglia, Bari, com 2.000 mafiosos.

As fontes de renda destas *societas sceleris* são, entre outras, o tráfico de drogas e de armas, os jogos, seqüestros, extorsão de pessoas e empresas, fraudes em serviços e obras públicas e lavagem de dinheiro.

A máfia adota como estrutura clãs e famílias. Gru-



Buscetta: vendetta puniu todos parentes e amigos

pos são ligados por vínculos sentimentais, que procuram imitar os laços familiares, usando nomes como "padrinho". Os membros da máfia são conhecidos como *uomini d'onore*, homens de honra. Os *capo* são os chefes dos principais clãs, o membro mais poderoso da família ou da cidade.

Os clãs recebem os nomes de famílias. Por exemplo, Morabito, Mazzaferro, Pesce. Na Sicília, é comum o clã ser associado à cidade de origem como os corleoneses ou os palermitanos. Cada grupo da máfia tem um território. A Cosa Nostra, da Sicília, tem amplas ligações com a Máfia americana. Os demais ramos somente agem nos EUA com aprovação da Cosa Nos-

tra. A Ndrangheta atua no tráfico de cocaína e heroína para a maior parte da Europa Ocidental.

Falcone, que entre outros êxitos, conseguiu o arrependimento e a confissão do mais famoso "chefão", Tommaso Buscetta, foi o primeiro a enxergar a transnacionalidade do crime organizado, e a orientar investigações e repressão neste sentido. Esta transnacionalidade, entendia Falcone, significa, por um lado, a multiplicação dos interesses e dos investimentos mafiosos para além das fronteiras dos seus países de origem, e por outro lado, a integração crescente dos vários grupos criminosos do mundo inteiro numa rede interligada. Seria necessário então, para o juiz siciliano, seguir as conexões internacionais para poder atingir os centros do poder alternativo ao Estado, representado pelos mafiosos.

Atrás do procedimento judicial praticado por Falcone, havia uma visão clara da ameaça à democracia representada pelo crescimento do poder dos grandes grupos criminosos, e da necessidade de enfrentar e vencer o desafio do crescimento mundial da criminalidade organizada.

Esta ameaça, exemplificada pelos casos bem conhecidos da Itália com a máfia e da Colômbia com a guerrilha, existe no Brasil também. O narcotráfico e o jogo do bicho representam somente a parte mais visível e exposta do crime organizado. As ligações entre a política e os negócios escusos, a reciclagem do dinheiro sujo, a penetração de capitais mafiosos em empresas legais e atividades lícitas, os investimentos num mercado financeiro hoje estabilizado mas ainda muito rentável, o tráfico de armas e de material nuclear são alguns dos aspectos da inserção no Brasil da rede criminosa internacional, muito além e acima dos bandos, das quadrilhas, dos "comandos" e das lideranças dos morros, às quais eles são geralmente atribuídos.

Textos: Mariana Romani

Governo de extrema-direita promete acabar com guerrilha

Novo presidente criou paramilitares e surge com um discurso salvacionista

Cansados da guerra civil que já dura mais de 40 anos, e de grupos armados e guerrilhas ligados ao narcotráfico sequestrando intensamente, os colombianos provaram, nas eleições de 26 de maio, que não têm mais paciência para aturar negociações de paz que não funcionam. Por isso, elegeram, no primeiro turno, um candidato direitista e de passado suspeito: o "linha-dura" Alvaro Uribe de 49 anos.

Uribe anunciou, desde o início da candidatura,

que não vai dar trégua para a guerrilha, e que somente ele tem a força e as idéias para combatê-la. Antes de ser eleito, já falava em pedir mediação internacional para os alarmantes problemas da Colômbia. "Segurança significa ordem e liberdade. Se usam o terrorismo, os enfrentamos. Se o abandonam, dialogamos. Creio no diálogo, mas isso não significa que abraçarei delinquentes."

O ex-presidente, Andrés Pastrana, passou os últimos quatro anos negociando com os guerrilheiros e chegou a ceder territórios para as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, principal organização do gênero). Desistiu depois de perceber que os rebeldes não estavam interessados no processo de paz. Foi nesse clima de desânimo que surgiu Uribe surgiu com sua proposta de não negociar com guerrilheiros, mas tentar combatê-los à força, numa demonstração de autoridade que, acredita ele, é o que falta ao governo.

Suas propostas chamaram a atenção da população amedrontada com tanta violência e forçada a conviver com atentados diários contra sua liberdade. Uma pesquisa realizada antes das eleições pela revista *Semana* mostrou que 64% dos colombianos acreditam que a guerrilha pode ser derrotada militarmente. O fracasso do gover-



no de Pastrana e as ações de enfrentamento das Farc seriam, portanto, fatores responsáveis pelo avanço de Uribe.

Triste realidade - A guerra civil na Colômbia, iniciada nos anos 60, vive sua fase mais sangrenta, após a ruptura do processo de paz com as FARC em fevereiro. O narcotráfico, que nos anos 80 desestruturou as instituições do país e trouxe uma onda de violência sem precedentes, acabou incorporado à guerra, como meio de financiamento dos grupos rebeldes e paramilitares, alimentando ainda mais o conflito.

A Colômbia ainda atravessa a mais grave crise econômica desde 1930, tem o título de "país campeão de seqüestros", com uma média anual superior a três mil crimes desse tipo, uma multidão de três milhões de refugiados internos pelo conflito (quase 7% da população) e um fluxo cada vez mais intenso de pessoas e empresas rumo ao exterior - só no primeiro trimestre deste ano 54 mil colombianos já deixaram o país.

Neste momento duas mil pessoas encontram-se sequestradas no país - entre elas, Ingrid Betancourt, senadora e ex-candidata à presidência, refém das FARC. Entre janeiro e março, pelo menos 128 pessoas morreram em 23 massacres, e 42 autoridades e líderes comunitários foram assassinados. Lutando contra as tropas do governo e os paramilitares de direita, as FARC matam em média 3.500 pessoas por ano. Foi nesse contexto que muitos viram em Uribe uma esperança para a solução dos problemas.

Inclusive, o governo dos Estados Unidos. O presidente americano George Walker Bush só não manifestou abertamente seu apoio a Uribe por pressões do Con-

gresso e divergências no Departamento de Estado americano. Porém o apoio, não explícito, existiu antes, durante e depois de Uribe ser eleito o novo presidente da Colômbia, com 53% dos votos válidos. A perspicácia, do então candidato, em classificar as guerrilhas colombianas de organizações terroristas caiu agrado aos Irmãos do norte. Consumidores de 90% de toda a cocaína produzida na Colômbia, os EUA sempre insistiram em vincular a guerrilha ao narcotráfico. Em 2000, aprovaram o controverso Plano Colômbia, que destina US\$ 1,3 bilhão para o combate do tráfico de drogas. O plano, até agora, não teve grandes resultados, mas a Colômbia tornou-se o terceiro país que mais recebe ajuda americana. Com os empréstimos, em apenas um ano, sua dívida externa dobrou, atingindo US\$ 34 bilhões.

Adversários de Uribe - Entre os defensores dos direitos humanos, as propostas de Uribe causaram revolta. Uma de suas idéias é duplicar os efetivos do exército e da polícia. O novo presidente pretende, ainda, criar uma rede nacional com um milhão de delatores para combater a guerrilha nos bairros e nas zonas comerciais. Tudo isso terá um custo enorme, num país que já gasta 12,5% do orçamento com defesa e segurança, enquanto a educação consome 4,4% e a saúde, míseros 1,7%.

Os gastos, contudo, não devem ser uma das preocupações de Uribe, uma vez que, ao que tudo indica, terá auxílio financeiro e militar dos EUA. Especialistas acreditam que os grupos guerrilheiros - FARC, Exército de Libertação Nacional (ELN) e paramilitares de direita - atrapalham os interesses americanos, que equiparam a ação dos guerrilheiros colombianos ao terrorismo internacional. A "caridade" americana seria, nesse caso, desculpa para intervir nos conflitos.

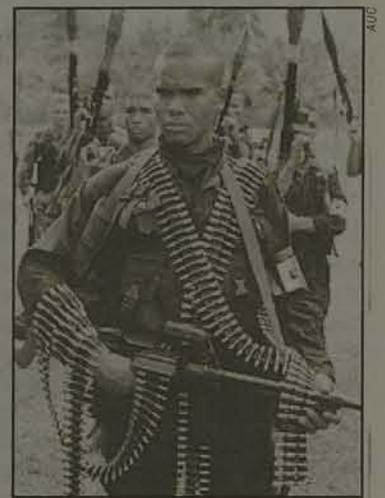
Passado obscuro - Alvaro Uribe é acusado de ter envolvimento com os paramilitares de direita, apesar de já tê-lo negado publicamente. Entre 1995 e 1997, como governador do estado de Antioquia,

patrocinou grupos de cidadãos armados acusados por críticos do governo de terem ligação com a guerrilha.

A região oeste do Estado sofria, desde os anos 80, com disputas constantes entre produtores rurais e sindicatos de trabalhadores e com a interferência de narcotraficantes, grupos guerrilheiros e paramilitares. Ao assumir o governo, Uribe criou mais de 70 cooperativas privadas de segurança, chamadas Convivir, que foram uma de suas bandeiras como governador, impulsionando-o no imaginário popular como aquele que poderia pôr fim à guerrilha. Mais tarde, porém, as Convivir foram acusadas de serem embriões de grupos paramilitares. Apesar de sempre ter negado essas acusações, Uribe não conseguiu fugir do estigma de "candidato paramilitar".

Também pesam contra ele acusações de ter mantido ligações com o narcotráfico. O jornalista americano Joseph Contreras lançou, apenas uma semana antes das eleições da Colômbia, uma biografia não-autorizada de Uribe que denuncia um suposto acordo, entre o ele o "chefão" do narcotráfico Pablo Escobar. O plano era capitalizar, como se fosse um projeto da prefeitura, a construção de casas populares, promovida pelo narcotraficante então em campanha para o congresso. Uribe nega tudo e acusa Contreras de ter escrito o livro com motivações eleitorais. Em março, expulsou Contreras de uma entrevista, após ser questionado sobre parte das denúncias, afirmando que não aceitava que correspondentes estrangeiros viessem à Colômbia para lhe fazer esse tipo de pergunta.

Sua recusa em falar do assunto não impede que se divulguem informações contra ele. Quando o seu pai foi assassinado em 1983, supostamente por guerrilheiros das Farc, Uribe pediu emprestado a Escobar um helicóptero para chegar à fazenda da família. Também é acusado de ter fornecido licenças de piloto para integrantes do cartel de Medellín, quando dirigiu a Agência de Aeronáutica Civil da Colômbia, nos anos 80.



Paramilitares matam mais que FARC

Políticos abandonam cargos por causa da ameaça das FARC

A guerrilha não descansa na Colômbia. Mais de um mês após o povo ter ido às urnas para eleger um presidente de extrema direita, que prometeu acabar com a liberdade dos grupos organizados patrocinados pelo narcotráfico, principalmente o maior deles, as FARC, ainda é diária a execução de policiais, políticos, jornalistas e civis pelo país inteiro. De um mês para cá, um fato novo tem deixado a população mais inquieta: dezenas de prefeitos, vereadores e outros empregados municipais começaram a renunciar a seus cargos, sob a alegação de que estavam sendo ameaçados de seqüestro e morte por guerrilheiros das FARC.

O governo colombiano declarou que não vai aceitar as demissões, já que estão sendo decididas sob pressão. As FARC ameaçam executar os 1.097 prefeitos do país caso eles não renunciem. O motivo é que estão desgostosos com o atual presidente, Andrés Pastrana - que passa a faixa a Alvaro Uribe dia 7 de agosto - por ter cessado as negociações com a guerrilha em fevereiro deste ano. Querem retomar o diálogo com o governo, o que não parece mais estar na pauta do presidente, que de aberto a negociações, passou a não querer mais falar do assunto. Isso desde que descobriu que os 42 mil quilômetros quadrados de terra que destinou às FARC como parte do processo de paz estavam sendo usados para treinar combatentes, preparar novos ataques, esconder reféns, traficar armas, e é claro, drogas.

Essa ameaça das FARC não se dirige somente aos mais de mil prefeitos colombianos, mas também aos governadores dos 32 estados e todas as autoridades civis que funcionem como inspetores de Polícia em localidades e aldeias. Mais de 120 prefeitos já renunciaram por causa das intimidações, e outros 6.400 funcionários do governo estão em estado de alerta. Cerca de 200 prefeitos estão operando fora de seu território com medo de serem mortos pelas FARC. Aterrorizados, os líderes municipais pedem que o governo retome o diálogo com os grupos rebeldes e pense numa reorientação da política econômica e social do país.

Ao invés disso, o presidente anunciou, no final de junho, uma recompensa de dois milhões de dólares pela captura dos chefes das FARC. Às vésperas de deixar o cargo de chefe de estado colombiano, Pastrana destinou US\$ 100 milhões para a compra de armas, equipamentos, treinamento de escoltas, coletes antibala, rádio e seguros de vida para os prefeitos e funcionários municipais ameaçados. A ação foi realizada assim que a presidência foi informada das ameaças. Estão previstos escritórios temporários nas capitais ou, em casos mais graves, em quartéis militares e policiais, para aqueles prefeitos que insistirem em não obedecer às ordens da guerrilha.

Mariana Dauwe

Vice inspirou personagem de García Márquez

"... um jipe e um Renault 18 bloquearam pela frente e por trás o automóvel do chefe de redação de El Tiempo, Francisco Santos, numa rua secundária do bairro de Las Férias, na zona oeste de Bogotá (...) os quatro assaltantes que o rodearam traziam não apenas pistolas 9 milímetros e submetralhadoras Mini Uzis com silenciador, mas um deles tinha um martelo especial para quebrar os vidros. Nada disso foi necessário. Francisco Santos, que os amigos chamam de Pacho, é um discutidor incorrigível. Antecipou-se para abrir a porta e falar com os assaltantes (...) Um dos seqüestradores imobilizou-o com uma pistola na testa e obrigou-o a sair do carro com a cabeça abaixada. Outro abriu a porta dianteira e disparou três tiros: um se desviou contra o vidro blindado, e dois perfuraram o crânio do chofer, Oromansio Ibáñez, de 38 anos. Pacho não percebeu."

Gabriel García Márquez

Em *Notícias de um seqüestro*, 1996

O trecho do livro do célebre escritor García Márquez seria apenas mais um relato de seqüestro na Colômbia, não fosse a vítima em questão: Francisco Santos, jornalista de 40 anos, é hoje o vice-presidente do país, ao lado de Álvaro Uribe, eleito em 26 de maio com a promessa de acabar com a guerrilha. Ironia do destino ou não, o seqüestro de que foi vítima durante oito meses, entre 1990 e 1991, foi realizado a mando de Pablo Escobar - o mesmo que financiou projetos de Uribe enquanto foi prefeito de Medellín na mesma época.

Jovem de boa família, Francisco Santos, o "Pacho", nunca havia se envolvido com a política. Em 1991, ao deixar o catifeiro, fundou a organização "País Livre", criada para prestar assistência àqueles que, como ele, foram vítimas de seqüestro e tiveram a sorte de sair vivos. A fundação promoveu manifestações com mais de três milhões de pessoas.

No ano 2000, Santos era diretor de redação do jornal *El Tiempo* quando foi revelado um plano das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) para matá-lo. O medo fez com

que Santos deixasse a Colômbia, mudando-se para a Espanha, onde foi assistente de direção do jornal *El País*, até ser convidado, este ano, para integrar a chapa de Uribe.

Santos acredita que é possível vencer as FARC com armas e que o governo colombiano vai precisar de dinheiro, vindo de impostos de guerra e de ajuda americana. Acha que, assim a guerrilha e os grupos paramilitares ligados ao narcotráfico também devem ser combatidos. Do governo brasileiro, espera ajuda militar na fronteira e acredita que o país vizinho também é muito prejudicado pela existência das guerrilhas. "O Brasil é o segundo ou terceiro maior consumidor de drogas do mundo. Se não o fizerem (o combate às FARC) terão um problema muito sério, muito em breve", acredita.

Apesar de ter consciência do passado suspeito do presidente Uribe, Santos o considera um homem de "patrimônio transparente" e "que tem sido honesto". Está absolutamente seguro que não existe relação entre ele e grupos paramilitares de direita. Uribe e Santos se conheceram em Harvard, onde estudaram entre 1996 e 1997.

O que os americanos querem é petróleo

O Brasil passou a integrar o Plano Colômbia, habilitando-se a receber verbas do governo americano para o combate ao narcotráfico. "O Plano Colômbia não existe mais no papel, na forma em que foi inicialmente concebido" assegurou Asa Hutchinson, diretora da DEA, ao jornal colombiano *El Tiempo*. "A ajuda estadunidense para a Colômbia figura agora em um novo pacote chamado Iniciativa Regional Andina", diz "que inclui também Peru, Bolívia, Equador, Venezuela, Panamá e Brasil". Conforme o Departamento de Estado americano, no final de dezembro do ano passado, o Congresso aprovou uma verba de US\$ 660 milhões para "operações antinarcóticos na América Latina", que deverá ser distribuída entre os sete países. Hutchinson informa ainda que o Plano Colômbia, da forma como está sendo administrado, está recebendo críticas no Congresso, por uma aparente falta de resultados. Para ele, o maior êxito até agora foi no plano judicial, onde o sistema de justiça criminal colombiano beneficia também os EUA.

O Plano Colômbia, criado em 1999 pelo presidente Andrés Pastrana, é apresentado como uma operação internacional de combate ao narcotráfico e pacificação do país. Através de uma estratégia essencialmente militar, estão previstos investimentos globais de US\$ 7,55 bilhões, financiados pelos EUA, Japão, cerca de 20 países da União Européia e a própria Colômbia. A efetivação do plano começou em julho de 2000, com a aprovação, no Congresso americano, de uma ajuda de cerca de US\$ 1,3 bilhões, sendo US\$ 938 milhões destinados para a Colômbia e US\$ 382 milhões para outros países da região. A maior parte desse dinheiro, cerca de US\$ 1,1 bilhão, segundo fontes do Departamento de Estado americano, será destinada à guerra. O apoio também inclui a concessão de aviões e helicópteros. A etapa seguinte do processo prevê mais US\$ 625 milhões para sustentar os programas, além de "proporcionar treinamentos, equipes e apoio de inteligência às Forças Armadas colombianas". Em outubro de 2000 a União Européia concedeu US\$ 300 milhões para "apoiar os esforços de paz do governo Pastrana".

O combate às forças guerrilheiras e aos paramilitares também ganhou nova conotação, desde que foram considerados forças terroristas pelos EUA e, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, pela União Européia. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN) já eram considerados terroristas pelos americanos desde 1997 e, no início deste ano, foi incluída a Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), mais conhecidos como paramilitares. No início de junho, a União Européia, também designou as FARC como organização terrorista internacional.

No final de julho, a Câmara dos EUA deliberou que a ajuda anti-drogas seja usada também para o combate às organizações consideradas terroristas. A lei menciona a FARC, ELN e paramilitares. Foi aprovado um pacote especial de US\$ 35 milhões, sendo 25 milhões para prevenção de seqüestros, quatro milhões para reforçar a polícia e seis milhões para iniciar um programa de proteção do oleoduto nacional colombiano. No entanto, o próprio congresso aponta para a possibilidade de que a ajuda estadunidense saia do controle, e que a Colômbia se envolva em uma guerra similar à do Vietnã. O pacote deve ser aprovado pelo Senado.

Álvaro Uribe, presidente eleito da Colômbia (assume dia 7 de agosto), apresentou seu Programa de Defesa, mas não explicou como vai obter o financiamento. Ele pretende duplicar os efetivos das forças armadas e policiais. Enquanto no exército passariam de 50 para 100 mil homens, na polícia passariam de 100 para 200 mil homens. Além disso, o futuro presidente pretende a adesão de um milhão de ativistas, dispostos a atuarem em frentes de segurança nos bairros e nas zonas comerciais - não sendo proibidos de usar armas legalmente adquiridas. Uribe também quer criar o "Dia da Recompensa": toda pessoa que ajudou a força pública a evitar um ato de guerrilha ou capturar seus responsáveis, receberá uma gratificação do governo na segunda-feira seguinte. Atualmente, os gastos do governo colombiano com defesa e segurança ficam apenas em segundo lugar, tomando 12,5% do orçamento público. Perde apenas para o pagamento da dívida externa, que representou 36,9% do gasto público em 2001, enquanto a educação obteve inves-

timentos de 4,4% e a saúde 1,7%. Quando Uribe anunciou seu novo plano de defesa, declarou que seriam necessários US\$ 1 milhão de dólares por ano para o seu financiamento. Questionado sobre as fontes de arrecadação, o então candidato, sinalizou que parte dele poderia ser obtido com impostos, mas conforme observadores, "as despesas militares cresceriam tanto, que não poderiam ser facilmente cobertas por aumentos de impostos ou cortes em outras despesas".

Estratégia militar- As ações militares no combate ao narcotráfico não se resumem à Colômbia. Os EUA montaram em território sul-americano e em ilhas próximas, nos dois últimos anos, um cordão de 20 guarnições militares, divididas entre bases aéreas e de radar, a um custo estimado de US\$ 337 milhões, abrigando ao todo 1,5 mil soldados. Eles comandam três bases aéreas na região: Manta, distante 320 quilômetros da Colômbia, Rainha Beatrix (em Aruba) e Hato (em Curaçao), ambas situadas na costa da Venezuela e próximas ao Suriname - outro dos grandes corredores de exportação de cocaína. Juntas, as bases contam com 665 militares americanos.

Guilherme Navarro Jiménez, economista mexicano, assegura que os exércitos do Equador, Peru e Brasil já apóiam o Plano, sob o argumento de impedir uma invasão por parte da guerrilha colombiana aos seus territórios nacionais. Para ele, a proposta de uma ação militar conjunta entre os países de fronteira com a Colômbia, coordenada pelos EUA, começou ainda em 2000. Já foi elaborado o Plano Equador, que prevê para os americanos o livre acesso e uso da base da Força Aérea ou do Porto em Manta, "assim como instalações relacionadas com a base ou suas cercanias". O Brasil também possui um plano de ação direta das forças armadas no conflito, chamado Plano Cobra - iniciais de Colômbia e Brasil. O deputado federal Fernando

Gabeira (PT-RJ) diz que o exército brasileiro se prepara para o conflito nas fronteiras da Amazônia. "A base de Manaus é considerada a melhor do mundo em termos de treinamento de guerra na selva, o Brasil conta também com os dados de satélite *on line* do projeto Sivam, e uma equipe de soldados de origem indígena, que conhece muito bem as línguas e as tribos da região".

Críticas- Na versão estadunidense, o Plano Colômbia teria como objetivos combater o narcotráfico e, mais recentemente, a guerrilha, além de instaurar a democracia na região. No entanto, existem outras versões sobre o que seriam "os reais objetivos norte-americanos". O professor de Ciências Sociais da UFSC, Fernando Pontes, afirma que "essa intervenção é o resultado da necessidade de garantir estabilidade política e militar para um maior controle dos EUA na América do Sul". Mas outros passos complementam esta ação. O Acordo de Livre Comércio das Américas (ALCA) seria o início da dominação econômica e política, enquanto o Plano Colômbia faria parte de uma estratégia militar. Ele explica que os EUA é o maior devedor mundial, e está à procura de novos mercados e matérias primas para evitar uma estagnação econômica em seu país. Para o professor, "o Plano Colômbia não é um fato isolado, faz parte da estratégia estadunidense mundial concernente para a região". Pontes lembra a histórica política de intervenção militar dos EUA na América Latina, quando invadiram, só no século passado, Cuba, Haiti, Panamá, México, República Dominicana, Guatemala, Nicarágua e agora a Colômbia, além das inter-



Paracos em ação em Antioquia, onde Uribe governou

Estados Unidos usam articulação do Plano Colômbia e da Iniciativa Andina para garantir o mineral. Paramilitares estão ajudando a Casa Branca nessa empreitada

venções políticas, inclusive nos governos militares de Argentina, Chile e Brasil, entre outros. Mas há outros interesses. Na região onde o Plano Colômbia vai iniciar a guerra, Caquetá e Putumayo, existem projetos para exploração de petróleo. A embaixadora americana, Anne Patterson, admitiu recentemente que "depois de 11 de setembro, as fontes internacionais de reserva de petróleo ficaram menos seguras, e agora, mais do nunca, é fundamental a diversificação agregando as latino-americanas, até para evitar especulações sobre o aumento do óleo bruto". A principal exploradora de petróleo na Colômbia é a multinacional Oxy, com sede em Los Angeles. Sabe-se que o governo dos Estados Unidos forneceu US\$ 98 milhões para o exército colombiano prote-

ger os oleodutos da região de Arauca, inclusive os da Oxy. Putumayo, território situado na região do sul do país, onde as lutas do Plano Colômbia serão concentradas, possui, ao lado da cocaína, um grande potencial petrolífero. Fernando Gabeira afirma que "Os EUA estão de olho nesse potencial, e a Shell e Occidental Petroleum investiram pesado na área. Alguns ataques guerrilheiros já foram feitos contra elas, e por causa disso as duas empresas foram incentivadoras do Plano".

Narcotráfico americano- A Colômbia produz hoje 80% da coca mundial. Da cocaína consumida nos EUA, 90% é produzida ou se origina no país e os EUA é o maior consumidor mundial da droga. A Colômbia é também a terceira maior produtora de heroína, perdendo apenas para o Afeganistão e Mianmar, e assim como a cocaína, 90% da heroína produzida na Colômbia supre o mercado americano. Ou seja, eles são os maiores consumidores do narcotráfico que dizem combater. Pontes explica que "a justificativa americana de combate ao narcotráfico na Colômbia não se sustenta, à medida que não adianta acabar com a produção sem rever o consumo. Ninguém produz, indeterminadamente, sem que o consumo não esteja assegurado", lembra Maurice Lemoine, correspondente do *Le Monde Diplomatique* na Colômbia, revela que "externalizando a Guerra Santa contra a droga, evita-se o trabalho de questionar as condições econômicas e sociais que prevalecem nas vilas e guetos norte-americanos". Dados da ONU confirmam que 3,6 milhões de norte-americanos são viciados crônicos em cocaína. Na luta contra as drogas, os Estados Unidos gastam US\$ 18 bilhões por ano, mas mesmo assim, conforme a revista britânica *The Economist*, 500 mil dos dois milhões de presos americanos estão detidos por crimes envolvendo drogas. Calcula-se que a indústria das drogas ilícitas movimenta anualmente cerca de US\$ 400 bilhões, o que representa entre 8% e 10% do comércio mundial, perdendo apenas para a indústria do petróleo e da venda de armas.

Os Estados Unidos possuem um importante papel na produção da cocaína colombiana, como mostra Wálter Fanganiello Maierovitch, colunista da revista *Carta Capital*. Ele destaca o fato de a Colômbia não possuir indústrias químicas - e não se refina sem insumos químicos, que precisam ser importados. E o maior exportador de insumos para a Colômbia são os EUA. Ele também afirma que "o dinheiro da droga não é lavado e reciclado na Colômbia. Corre pela potente rede telemática da Swift - Sociedade de Telecomunicações Interbancárias e Financeiras Mundial", que foi fundada pelos 250 maiores bancos americanos e europeus. Os aviões usados no tráfico são, quase todos, fabricados e vendidos pelos americanos. Não há fiscalização.

Leda Malysz



Uribe: o salvador da pátria



Pontes: mais dominação



Pontes: mais dominação

Carlos Charril - Zero

Na Colômbia, a *overdose* é de veneno

Químicos são despejados nas lavouras de coca e causam danos à saúde da população

Desde 1992, o governo colombiano realiza as chamadas fumigações, através das quais aviões lançam jatos de fumaça de compostos químicos sobre culturas teoricamente ilícitas. A fim de cumprir a meta inicial do Plano Colômbia - reduzir em 50% a produção de cocaína - a medida vem sendo intensificada. Maurice Lemoine, correspondente do *Le Monde Diplomatique*, apurou que os seis últimos anos de fumigação, afetaram 110 mil hectares, com um custo anual de aproximadamente US\$ 300 milhões. Apesar disso, houve crescimento na produção: dos 50 mil hectares cultivados em 1995, a cultura de coca colombiana chegou a 120 mil hectares no final de 1999. A papoula partiu do zero para atingir 6 mil hectares.

Além de não apresentar resultados efetivos, há indícios de que os químicos utilizados prejudicam a saúde dos camponeses. Lemoine conta que na vereda de Santa Inés, na região do maciço colombiano, há casos de intoxicação química. As pessoas apresentam sintomas como febre, diarreias, dores de estômago e cefaléia depois de tomarem a água que abastece a vila. O médico da cidade vizinha de Sucre, Luiz Eduardo Cerón examinou os pacientes e afirmou que "todos apresentam os mesmos sintomas, trata-se de uma intoxicação provocada por organoclorados. Não é possível fazer previsões, pois eu não a conheço".

ONGs denunciam que o plano prevê o emprego do fungo *Fusarium Oxysporum*, arma biológica criada durante a guerra fria. A Acción Ecológica del Ecuador, denuncia que o fungo é mutante, se dispersa facilmente e é um dos mais daninhos que existem, provocando o ressecamento das folhas, putrefação e morte da planta, além de causar graves problemas de saúde no ser humano e poluição das águas, sobrevivendo de 20 a 40 anos. O governo colombiano desmentiu.

Armando Sarmiento Santos, físico colombiano, doutorando em Engenharia de Materiais na UFSC, confirma que muitas famílias perderam tudo o que tinham com as fumigações "Utilizavam-se os químicos errados nas regiões erradas. Assim destruíam as plantações de mandioca, milho, batata ou fruta, dependendo da altitude". E aponta o grave caso dos nativos de Santa Nevada, a maior reserva indígena do país, que tiveram graves alergias, e onde se verificou ocorrências de deformação nos fetos.



Quando o combate ao plantio mostra sua eficácia outros países podem se beneficiar. É o que constata o repórter Maurice Lemoine. Os peruanos, que já passaram pelo processo de erradicação da coca, parecem esperançosos com a possível queda da produção colombiana. "O anúncio das fumigações e do Plano Colômbia estimulou novamente a produção, o preço da coca subiu e, daqui a três ou quatro anos, o Peru voltará a ser, sem dúvida, um importante produtor da região", ouviu do agricultor Ricardo Vargas, em Bogotá. A erradicação forçada, implantada na Bolívia e Peru, transferiu a plantação de coca para a Colômbia.

Plantações e narcotráfico- Desenvolver as fumigações é uma forma, na estratégia americana, de combater o narcotráfico e as guerrilhas. No entanto, órgãos de defesa dos direitos humanos chamam a atenção para a falta de apoio aos camponeses. Afinal, se eles interromperem a produção de coca, vão necessitar de apoio do governo para estabelecer outras culturas.

A coca sustenta os agricultores colombianos. Para se produzir um quilo de cocaína, são necessários 500 quilos de folha seca. Sarmiento Santos, atesta a inoperância do governo. "Os camponeses acabam plantando coca por falta de opção. Como a maioria das regiões no interior não possuem infra-estrutura, a mandioca, milho ou frutas precisam ser levadas a cavalo até o local de venda ou até um caminhão que realiza o restante do percurso", diz. Mas o custo desse transporte não compensa o trabalho, chega a dar prejuízo. E as cooperativas que tentam se formar, são preteridas pelo governo, que vê nelas um núcleo da guerrilha potencial. Se os agricultores plantam coca, os narcotraficantes pagam muito bem e responsabilizam-se pelo transporte". Sarmiento Santos diz que a guerrilha "respeita a economia da região" e não interfere, porque sabem, que de outro jeito, os camponeses iriam morrer de fome. Já com os narcotraficantes, é

diferente. A guerrilha cobra a *vacuna*, imposto revolucionário sobre a coca comprada dos agricultores e produzida nos laboratórios. Para a acusação de que são comandantes de uma narcoguerrilha, os comandantes das FARC argumentam: "Não cabe a nós condená-los à fome erradicando suas culturas ilícitas. Além disso, as máfias ajudam o exército a financiarem os paramilitares. Por que deveríamos ser os únicos a considerar esse flagelo sob um ângulo ético? É antes de mais nada um problema econômico-social".

Maurice Lemoine cita casos em que os camponeses tentaram se dedicar a outras culturas mas não tiveram o mínimo apoio do governo. Um deles é o dos índios *yanacóna*, da região do Rio Blanco, que no início da década de 90 começaram a plantar papoula - já que os EUA passaram a consumir heroína além da coca. Como a violência aumentou muito na região, a ponto de o hospital não aceitar mais feridos em 1998, os índios decidiram em assembleia acabar com o plantio. Assinaram um acordo com o governo para reduzir o plantio em troca de um projeto de desenvolvimento. No final do ano não havia mais papoula na região, tampouco algum projeto. Retomaram o plantio ilícito. Na mesma época, os agricultores de Santa Cruz passaram a plantar o palmito. O preço cai pela metade e a polícia entende que, como não existe na cidade um mercado específico para frutas e verduras, não pode ser comercializado ali. Os ex-cocaleiros são expulsos por cassetetes.

A única plantação legal que consegue êxito atualmente na Colômbia é a da banana: sua produção saltou de 3.083 hectares em 1986 para 8.300 hectares em 1999 - um aumento de mais de 100% em treze anos. No entanto, pertence à iniciativa privada. Desde a abertura de seu mercado, a Colômbia perdeu 700 mil hectares de terras agrícolas. Era auto-suficiente na produção de arroz até o início da década de 90, agora importa 420 mil toneladas por ano.

O editorialista Andrés Oppenheimer afirma que "a Europa e os EUA tornam cada vez mais difícil para os países da América Latina, a exportação de seus produtos legais". Ele acrescenta que o Plano Colômbia não destina dinheiro suficiente para auxiliar os camponeses a compensarem suas perdas.



Sarmiento: direita dizima opositores



Maierovitch: bancos "lavam" dinheiro

Guerrilha tem apoio da população rural e universitária

Recentemente, o futuro presidente Álvaro Uribe propôs à guerrilha que abandonasse as armas e ingressasse na vida política, a fim de retomar o acordo de paz. Mas o ex-presidente Belesario Betancur já tentou essa via em 1984 e foi um fracasso. Na ocasião, estabeleceu-se o prazo de um ano para o cessar-fogo. Em novembro de 1985 a aliança das FARC-EP lança seu braço político, a União Patriótica (UP) e participa das eleições de 1986, elegendo 350 conselheiros municipais, 23 deputados e seis senadores. A consequência foi o assassinato de mais de 4 mil dirigentes e militantes da UP. Desde então, a guerrilha anunciou que, mesmo com acordos de paz, vai conservar suas armas. "Não incidiremos nunca mais nesse erro", apostou Manuel Marulanda, líder e fundador das FARC. A proposta de Uribe representou uma mera encenação. "Com a negativa da guerrilha", assegura Maierovitch, "Uribe partirá para o ataque e os paramilitares continuarão incubidos dos massacres aos civis". Sarmiento Santos, lembra que "lá não se tem essa tolerância com a esquerda, como no Brasil. O Partido Comunista foi dizimado. Se a direita acha que está perdendo força, dizima o partido opositor fisicamente", explicando porque a guerrilha age clandestinamente.

Os diálogos entre governo e a guerrilha foram interrompidos este ano com o fim da concessão de uma área desmilitarizada de 42 mil quilômetros quadrados de onde o exército havia se retirado em novembro de 1998 por ordem do presidente Pastrana. A área abrangia cinco municípios - San Vi-

cente del Caguán, La Macarena, Vista Hermosa, Mesetas e Uribe - e estava sob o comando das FARC.

As leis que vigoravam na região eram as da guerrilha: quem mata é condenado à morte; quem bate em alguém deve pagar uma multa de US\$ 25 a US\$ 50; ladrões prestam serviços à comunidade durante dois ou três meses e menores, são proibidos de beber álcool ou vagar pelas ruas depois da meia-noite. Houve uma drástica redução de homicídios, como testemunha Maurice Lemoine: de seis assassinatos registrados por semana, a região presenciou apenas seis assassinatos durante todo o primeiro ano de intervenção das FARC.

Sarmiento Santos conta, que com o fim do acordo, a população teme a violência do exército e dos paramilitares na região. "No campo, onde a guerrilha está, o povo está com ela" assegura. Ele explica que na cidade a guerrilha possui uma força importante, pois nasceu nas universidades, e é lá que desempenha sua influência política, com o apoio de sindicatos e estudantes, onde fazem propaganda. "A base do funcionamento da guerrilha é social, tanto na cidade como no campo", diz.

Ele conta que a guerrilha orienta os camponeses a plantar



Marulanda: agora só a via armada

A violência diminuiu e o tráfico paga no território dominado pelas FARC

uma pequena parte de alimentos para a subsistência e os protege dos grupos paramilitares. "Eles respeitam a forma de economia da região porque sabem que iriam morrer de fome com outro tipo de plantação". A relação da guerrilha com o narcotráfico é no sentido de cobrar impostos sobre a coca comprada dos agricultores. Ele fala de outro imposto, cobrado nas cidades, onde quem um nível financeiro maior deve pagar uma porcentagem aos guerrilheiros ou sofre atentados. "Até multinacionais pagam uma porcentagem para a guerrilha, para não sofrer nenhum tipo de ameaça", sustenta o colombiano. Para não pagar impostos ou se sujeitar às leis guerrilheiras, as oligarquias e narcotraficantes organizaram os grupos de auto defesas, com o apoio do exército, que treina e instrui a formação do grupo. Em troca, as oligarquias financiariam os paramilitares com armas.

As denúncias de Ongs sobre os excessos da guerrilha multiplicam-se. Eles são acusados de sequestros, extorsão, detenção de civis e assassinatos seletivos, entre outras denúncias. Em 2001 atribuiu-se à FARC, ELN e AUC, 3.500 assassinatos e 80% dos 3.000 sequestros/ano à FARC e ELN. Em muitos casos os guerrilheiros assumem a autoria do crime.

Textos: Leda Malysz

A história de violência se repete em cada canto da Colômbia e o povo não sabe em quem confiar

Digam aos outros que vocês têm oito dias para deixar o povoado. Nós não nos responsabilizaremos pela vida de quem ficar”, é o que Arturo Barbosa, mora dor de Batata, lembra de ter ouvido um dos guerrilheiros gritar, enquanto empurrava alguns dos via jantes para dentro dos dois jipes, já lotados de gente, e ordenava que seguissem viagem. Aporradas, muitas pessoas saíram correndo rumo a Batata tão logo o homem permitiu que se movessem. Arturo foi uma delas. Os carros, com gente pendurada por fora nas laterais e no teto, iam quase que à mesma velocidade daqueles que fugiam a pé. Cerca de quinhentos metros depois, o barulho dos tiros fez todos olharem para trás. O ônibus no qual vinham de Tierralta tinha sido transformado em uma grande bola de fogo e três moradores do *corregimento* foram executados. Era maio de 1996.

Faltava pouco mais de quinze quilômetros para a entrada de Batata quando os viajantes foram surpreendidos pelo bloqueio. A estrada estava ruim naquele dia e o ônibus não andava a mais de vinte quilômetros por hora. Não havia como desviar do grupo armado. Eram cerca de vinte guerrilheiros, a maioria *crioulos* jovens e mirrados, todos com metralhadoras em punho, braceletes com as cores da bandeira colombiana e as letras indicando: FARC-EP.

Outros dois veículos já estavam parados, seus onze ocupantes de pé em uma fila, sob a mira das armas de seis dos guerrilheiros. Arturo, um camponês alto e magro, com os 43 anos guardados em um corpo aparentando 53, era um dos 32 passageiros do ônibus. Eles se juntaram aos outros detidos sob os gritos confusos dos milicianos, que gesticulavam com suas metralhadoras, empurravam e puxavam os civis, formando com eles cinco longas filas paralelas, como se fossem um batalhão.

“Um dos guerrilheiros perguntou ao motorista do ônibus a que horas passaria o carro de volta para Tierralta”, recorda Arturo. Viria às duas. “Então vamos esperar”, o combatente teria determinado.

Era uma hora da tarde e os integrantes das FARC deram início ao interrogatório. Um por vez, os viajantes eram questionados sobre as mesmas coisas: “O que você fazia em Tierralta?”, “Você tem ligação com algum paramilitar?”, “Você ajuda o exército?”. Perguntavam sem dar muita atenção à resposta. Não acreditavam em nada que sãisse das bocas daquelas pessoas. As respostas que queriam vinham de um outro morador de Batata, um jovem *crioulo* que surgiu do meio dos guerrilheiros apontando para dois dos homens detidos. “Este e este”, ele teria indicado, com o dedo magrelo em riste em frente aos narizes de dois comerciantes. Os escolhidos foram arrastados pelos braços um pouco mais para o lado, separados do grande grupo, sem qualquer explicação. Ninguém conseguia ouvir o que lhes era perguntado.

Duas da tarde, duas e meia, três horas. E nada do ônibus aparecer. Era impossível prever o atraso. Talvez o motorista tivesse apenas dormido demais na sesta; talvez tivesse decidido não voltar a Tierralta naquele dia. Nada era regular naquelas viagens, não havia horário exato e nem mesmo o compromisso de cumprir a rota. Os guerrilheiros estavam irritados.

“O líder do grupo disse que eles iriam a Tierralta com o ônibus em que a gente viajava e mandou que nós continuássemos a viagem nos outros carros que estavam ali”, conta Arturo. “Você fica”, ele ouviu o guerrilheiro ordenar ao motorista do ônibus retido no bloqueio.

Ao determinar que o *corregimento* fosse evacuado, os milicianos afirmaram que precisavam do território livre da presença de civis, a fim de que pudessem combater o exército e retomar o controle sobre a região.

Naquele dia de maio de 1996 o sol brilhava forte. As bananeiras que acompanham a rodovia estavam pesadas com frutos amarelos, prontos para serem colhidos. Em todos os ranchos de Batata, os mi-lharais carregados prometiam uma colheita farta e um ano rentável para os camponeses.

Maria Tereza contemplava a plantação de milho de seu rancho, no pé de um morro de uma das veredas de Batata, quando sua filha de oito anos chegou afobada, apressando a mãe de volta para casa. O tio acabara de chegar de Tierralta com uma história terrível para contar.

Quando ouviu a história do cunhado Arturo, Maria Tereza não conseguiu acreditar que a guerra da qual tanto ouvira falar tinha, por fim, chegado a sua terra. “Eu ouvia histórias como aquela, mas elas aconte-



No antigo asilo de Tierralta, os refugiadas sobrevivem das mirradas doações do governo, da igreja, e de ONG's

TRISTE SINA:

Usurpação, migrações e assassínatos

ciam longe. Eu nunca pensei que aquilo aconteceria comigo”, lembra.

A mulher, uma morena forte de corpo e personalidade, com grandes olhos verdes que presenteou aos cinco filhos, não esperou que o marido voltasse da roça. Chamou as crianças, que tinham entre quatro e dezessete anos na época, e ordenou que juntassem tudo o que poderiam carregar. Amarraram juntas as três galinhas que conseguiram pegar, Arturo encheu dois sacos de estopa com batata-doce, Maria Tereza tratou de fazer uma trouxa com as poucas peças de roupas de toda a família. O marido chegou do morro em seguida, com um balaio de milho que logo foi empacotado. Estavam prontos para a retirada para Tierralta. Era só esperar a camionete fazer a rota para a cidade, que deveria passar em frente da casa a qualquer momento.

No centro de Batata, o exército era avisado pelos outros viajantes, que chegavam histéricos. Uma patrulha foi enviada imediatamente para o local do bloqueio, mas retornou horas depois sem sucesso. Restos do ônibus ainda eram consumidos pelo fogo e os guerrilheiros já haviam batido em retirada. Nem os corpos dos três homens executados estavam mais lá, apenas o rastro de sangue mata adentro.

A mobilização dos militares no *corregimento* não conteve a fuga massiva. Aterrorizados, camponeses de 1.360 famílias abandonaram seus lares, levando o que os músculos suportavam. As pessoas saíam das casas feito formigas, arrastando sacos de estopa com comida, malas e trouxas de roupas, cachorros, galinhas, periquitos, rádios. Por todos os lados apareciam mais famílias, vindas das veredas mais próximas, avisadas

res da região viessem ao centro do povoado. “Eu sabia que ainda devia haver gente pelas veredas”, justifica. De fato: ao reconhecer a voz do pároco, dezenas de pessoas surgiram dos morros. Tinha abandonado suas casas e se escondido no mato, à espreita, com medo de que o conflito tivesse se iniciado ou de que se tratasse de uma emboscada.

Os conselhos de padre Jorge, entretanto, não foram suficientes para demover algumas famílias da decisão de permanecer no centro de Batata e Uribe. Resolveu ceder a casa paroquial local como abrigo àquelas pessoas.

Na entrada de Tierralta, a estrada que vinha de Batata era um quadro expressionista em movimento. Chacoalhando pelo estreito caminho no vale do Rio Sinú, duas camionetes e um jipe, com dezenas de pessoas apinhadas nas carrocerias ou penduradas pelo lado de fora, terminavam a primeira de muitas viagens, acompanhados por uma meia dúzia de burros opegantes, dois balaiois repletos de pacotes em cada lado e duas crianças no lombo de cada um deles, mais um grupo enorme de camponeses ao redor. Todos tão carregados quanto os burricos. Eram os refugiados de Batata, que chegavam em massa ao município.

“As ruas daqui estavam cheias. Vinha gente descendo por todos os lados, com galinhas, milho, tudo. As casas iam se enchendo até não caber mais ninguém”, conta Colchón, 61 anos, os caracóis dos cabelos brancos emoldurando o rosto maroto do *crioulo* e os olhos arregalados, ainda espantados com a cena que, ele garante, jamais tinha visto ou imaginado. Também refugiado de Batata, ele estava em Tierralta, por acaso, quando houve o deslocamento em massa. Chegara naquele mesmo dia de Cartagena, para onde havia ido uma semana antes em visita a um irmão. Sua esposa e os dois filhos, no entanto, haviam ficado em Batata e, àquela altura, ele não sabia se estavam entre os fugitivos ou que fim teriam levado.

Colchón teve sorte. “Naquele mesmo dia, eu sentei num bar para pensar no que eu ia fazer da vida”, recorda. “Foi aí que conheci um senhor muito rico, que vive numa fazenda perto de Tierralta. É o dono da casinha onde eu moro hoje. O senhor me disse que a casa estava desocupada, porque ele só vem para cá em alguns finais de semana, então me alugou baratinho”. O homem, cujo nome Colchón não revela, ainda lhe deu roupas e comida que durou por quase um mês.

Para a família de Maria Tereza não foi nada fácil. Ela pegou as crianças e saltou do carro em frente a casa da sogra, que morava em Tierralta. Era lá que Maria Tereza também viveria, com os cinco filhos, o esposo e o cunhado, até que a situação se normalizasse. A pequena casa de dois quartos já hospedava também a família de sua cunhada.

A situação era a mesma para a maioria dos refugiados. Eles se alojaram em casas de parentes e amigos – havia casebres com até cinco famílias. Os que não tinham conhecidos na cidade, se reuniram na praça em frente à paróquia, à espera de alguma solução. Organizados pelo padre Jorge Uribe e pela Cruz Vermelha da Colômbia, alguns grupos foram levados para o asilo de Tierralta que, transformado em abrigo, já recebia camponeses deslocados de outros *corregimentos*. Os demais ocuparam as estreitas salas de aula da pequena escola comunitária da igreja. As pessoas dormiam em papelões espalhados pelo chão, em redes ou em colchonetes fornecidos pela Cruz Vermelha.

José Pedrahita e a família foram acolhidos na escola da paróquia. “Tive que abandonar cinco mil pés de batata-doce que estavam no ponto para serem colhidas. Minhas vacas e galinhas a guerrilha levou”, ele diz quase que em um sussurro, o rosto curtido pelo sol, mais enrugado que seus 52 anos. Conversamos no corredor de entrada da escola, de frente para a rua, de onde ele não tira os olhos angustiados. “Se algum paramilitar me vê conversando com você eu estou morto. Só estou falando com você porque foi Rosio quem te apresentou”, explica-se, referindo-se à secretária da escola, que me ajudava a estabelecer contato com as vítimas do deslocamento.

Como a grande maioria dos camponeses de Batata, Pedrahita tinha cinco filhos pequenos – o mais velho com 14 anos – e não fazia idéia de como sustentá-los na cidade. Os mantimentos distribuídos pela Cruz Vermelha e pela Rede de Solidariedade, órgão do governo para ações sociais, eram escassos para famílias compostas por mais de cinco membros, muitas com crianças menores de dez anos. “O feijão dava para duas semanas. As crianças choravam porque muitas vezes não tinham leite”, lembra Angélica Garcia, que abandonou Batata com o marido e quatro filhos entre um e cinco anos de idade.

Além da fome, o impacto psicológico que haviam sofrido, dificultava a adaptação das crianças ao novo modo de vida. Muitas haviam testemunhado seu pai, irmão ou tio, sendo carregado à força por algum homem armado, para nunca mais voltar para casa. Outras tinham presenciado uma arma apontada para a cabeça da mãe, enquanto era ameaçada de morte, caso não abandonasse seu lar. Em 1996 o governo colombiano não tinha qualquer programa de apoio psicológico às vítimas da guerra civil e a única ONG atuante na região de Tierralta era a Cruz Vermelha Internacional.

A prefeitura do município tratou de garantir acesso às duas escolas públicas municipais. O número de vagas, no entanto, era muito inferior ao de crianças em idade escolar. Ao mesmo tempo, refugiados que conseguiam matricular os filhos, não tinham condições de providenciar o material necessário para as aulas e, as doações da população, feitas por intermédio da igreja, estavam longe de suprir essa deficiência. Sem nada

o que fazer, as crianças passavam os dias brincando em meio ao lixo espalhado nos arredores dos abrigos.

As condições de higiene naquela situação não poderiam ser piores. Centenas de pessoas empilhadas em pequenos espaços, em um município onde não há sistema de coleta de lixo e tratamento de esgoto. As doenças proliferavam rapidamente. O único hospital de Tierralta, uma construção de quase quinhentos metros quadrados dentro de paredes amareladas, não dispunha de médicos suficientes para atender a todos. Os refugiados faziam fila sentados pelo chão imundo dos corredores e esperavam o dia inteiro por uma vacina contra febre amarela que, depois saberiam, tinha vencido no dia anterior. Teriam, então, que voltar dentro de dois dias, quando seria fornecido um novo lote. Os medicamentos, trazidos de Montería, capital de Córdoba, demoravam dias para chegarem e eram muito escassos. O hospital também não possuía equipamentos e materiais necessários para exames laboratoriais. Os refugiados, por sua vez, não possuíam dinheiro para realizá-los em Montería, distante quase duas horas e cinco mil pesos dali.

Os camponeses penavam para conseguir algum serviço. Criados na roça, com pouca ou nenhuma instrução, sabiam apenas trabalhar na terra que lhes havia sido tirada, sua fonte de dinheiro e alimentação. Mesmo aqueles com alguma capacitação profissional tinham dificuldade para conseguir emprego na cidade, onde o campo de trabalho já estava saturado. “Todos os dias, nós nos reuníamos na praça da igreja, que ficava cheia de refugiados. Todo mundo sem trabalho, sem saber o que fazer, olhando uns para as caras dos outros”, conta Maria Tereza.

A Casa da Cultura Camponesa de Tierralta, também coordenada pelo padre Jorge Uribe, buscou auxílio de instituições governamentais – Rede de Solidariedade, Caixa Agrária, Ministério da Agricultura e do Interior, IICA (Instituto Agropecuário), Incora (Instituto Colombiano para a Reforma Agrária), Idema (Instituto de Mercado Agropecuário). Mas foi com a ajuda da universidade, pertencente à igreja jesuíta, que criou o Programa Aurora, com o objetivo de garantir ajuda não apenas financeira, mas também educacional, aos refugiados. Apoiado ainda por organizações não-governamentais, o Programa Aurora criou onze cursos de profissionalização. Durante o dia, nas salas de aula da escola comunitária da igreja, os refugiados encostavam os colchonetes nas paredes e ocupavam as carteiras para aprenderem técnicas de aproveitamento da terra e sementeira, implementação de moradias e organização cívica e jurídica. A maioria dos camponeses, até então, desconheciam seus



Exército: garantia de tranquilidade, quando estão presentes



População de Balata aguarda a missa mensal do padre Pedronel

direitos como cidadãos ou como refugiados. Muitos não sabiam ler e escrever e sequer tinham certidão de nascimento.

Seis meses após serem expulsas de Batata, mais de quatrocentas famílias foram assentadas em duas fazendas, compradas pelo Incora (Instituto Colombiano para a Reforma Agrária) em outros *corregimentos* de Tierralta, em um projeto assessorado pela Universidade Javeriana.

Outras duzentas famílias, ainda receosas quanto à situação no campo, preferiram continuar em Tierralta. “Viver no campo não é mais viver, é sofrer”, testemunha José Murillo, expulso de Batata em 1996, mas meses antes do deslocamento em massa. Com os três filhos já morando em Tierralta naquela época, Murillo ia ao município a cada dez dias para levar-lhes dinheiro e comida. As freqüentes viagens ao território paramilitar gerou desconfiança nos guerrilheiros baseados em Batata. “Eles iam na minha casa e perguntavam o que eu tanto vinha fazer em Tierralta. Eu vivia nervoso”, lembra, com os olhos fixos no nada e a voz embargada. “Eu pensava: ‘por que querem me proibir de sair de Batata já que eu tenho filhos na cidade?’”.

Murillo e sua esposa deixaram no povoado um pequeno rancho, no qual plantavam arroz, milho e batata-doce. Em Tierralta, a família passou a sobreviver com a renda das raras vendas de móveis que Murillo fabricava na sala da casa de um quarto, que pôde comprar com as economias de anos, reservadas para os estudos dos filhos. “Isso foi o que nos deu comida, porque eu não pude trazer nada da minha casa em Batata”, lamenta. Quando pôde voltar para buscar alguma coisa, a terra já não oferecia nada, e até as tábuas da casa que ele havia construído estavam imprestáveis.

A maioria dos outros refugiados que permaneceram em Tierralta se organizou em pequenas associações – Assoprides, Assoprodec, Assodesbat. Sem terra ou trabalho, sobreviviam da ajuda da igreja, da Rede de Solidariedade e de organizações não governamentais. Mesmo assim, acreditavam que estavam melhor ali, onde não eram intimidadas pelo conflito armado e, apesar da miséria, a educação e atendimento médi-



co eram melhores que no campo.

O ameaçado enfrentamento entre guerrilha e exército em Batata não ocorreu de fato e, em dezembro de 1996, a situação parecia mais calma. Alguns refugiados resolveram, então, retornar para casa. A mando do marido, Maria Tereza juntou as crianças novamente. “Que nos matem de uma vez, mas nós vamos voltar. Em Tierralta a gente não fica mais”, ela lembra de tê-lo ouvido gritar. “Morri de medo de voltar para lá, principalmente na primeira noite. Mas o que a gente faria aqui? Sem trabalho, sem terra. Em Batata a gente tinha tudo. Tinha nosso cantinho, plantava um milho, um plátano, fazia um dinheirinho. Tudo o que precisa, ainda tem lá”, a morena forte explica, com um sorriso meigo, meio encabulado.

Sua família foi a primeira a fazer o caminho de volta, quatro meses após a expulsão do povoado. A estrada, então, já estava tomada pelo mato e era impossível seguir de carro após um determinado ponto. O grupo teve que caminhar por cerca de uma hora, carregando as trouxas com roupas e alguns poucos pertences. “O *corregimento* estava às moscas. Tinha montes de areia por tudo e os animais tinham morrido de fome”, diz Maria Tereza. A guerrilha, no entanto, não roubou nada do que a família havia sido obrigada a deixar para trás: “Ainda estava tudo lá, do jeito que a gente tinha deixado”.

Colchón, que retornou a Batata dois meses mais tarde, não teve a mesma sorte. “Fui acompanhado do padre Jorge, só para pegar umas coisas minhas. Depois do que eu vi não quis mais ficar por lá não. Voltei para Tierralta”. A casa onde vivia tinha sido queimada e tudo o que possuía, virado cinzas. Por sorte lhe restaram as ferramentas, que ele havia levado para Cartagena, com as quais hoje fabrica e arruma equipamentos para os produtores da região, trabalho que lhe garante comida todos os dias.

A maioria, entretanto, foi para ficar. Até maio de 1997 mais de 3600 pessoas, pertencentes a 686 famílias, retornaram ao povoado. Como assistência inicial, receberam 80 toneladas de milho do Programa Aurora, construíram o maquinário necessário, pilaram e distribuíram o produto entre o próprio grupo.

O Programa Aurora também obteve verba para a fundação de três microempresas: de processamento de frutas, transporte de produtos da região e construção de tetos de palma. As empresas garantiram a subsistência de muitos dos refugiados. O que era produzido por uma, era transportado pela outra, e vendido em Tierralta, como antes do deslocamento, aos mercados locais e da região.

Os que voltaram, fundaram também a Associação de Cultivadores de Milho recuperaram as terras ainda abandonadas. Com o lucro das primeiras colheitas, foi possível comprar um trator, uma piladora de milho e uma sede própria. No entanto, o grupo continuou sofrendo os efeitos dos enfrentamentos entre grupos armados; ameaças, desapareções e assassinatos.

José Murillo fixa seus olhos negros, brilhantes com as lágrimas que se recusam a cair, nos meus: “Dois amigos meus foram assassinados quando voltavam para Batata. Ninguém sabe quem foi, ninguém viu. No campo, as casas ficam longe umas das outras. O sujeito não se dá conta de quem chega. Eles (os grupos armados) chegam, matam e vão embora, sem que ninguém veja nada”. O crime, ele garante, não foi por dinheiro. As vítimas eram donas de sete hectares de terra, que ficaram intocados. “Tudo o que eles tinham no rancho ficou lá”, afirma Murillo. “Mas também não imagino o que se passou pela cabeça dos assassinos. Eu conhecia os dois (mortos) e eles eram pessoas corretas. Não sei do que podiam ser culpados”.

José Pedrahita também afirma ter conhecido pessoas que foram executadas depois de retornarem a Batata. “Era gente que tinha umas cabeças de gado. Os *paracos* (paramilitares) mataram eles para roubar a criação”, explica, quase inaudível, depois de me pedir para desligar o gravador. “Por aqui, quanto menos você tem, menos risco você corre”. Colchón confirma a teoria. “Aparece um grupo armado e manda o colono ir buscar o gado que ele cria lá no morro. Quando o sujeito volta, eles perguntam: ‘Esse gado aí é teu?’. E o sujeito tem que dizer que não, se não morre. Imagine: a vaquinha que você investiu para criar, trabalho, e que vai te dar dinheiro para comprar comida para os filhos no final do mês. Ai chega um grupo e leva. E você ainda tem que dizer que é dele”.

Com o passar do tempo, as dificuldades não se restringiam à segurança. Em assembleias, os camponeses discutiam a política agrícola do governo, que passou a comprar o milho a preços baixos, tornando deficitário o cultivo do produto.

Ao mesmo tempo, o Programa Aurora começou a sofrer denúncias de que os recursos levantados pelo Estado estariam sendo desviados para localidades fora da cobertura do projeto. Relatórios da própria Casa da Cultura Camponesa de Tierralta, afirmam, que a forma de aplicação do dinheiro, não obedecia a um critério de “organização comunitária com igualdade de oportunidades, mas sim ao de uma campanha política e clientelista”.

Márcia Bizzotto

“O dinheiro aqui vem de cultivos ilícitos”

Para evitar sequestros e garantir fluxo livre, oligarquias e narcotráfico mantém armas e “trabalho sujo” dos paramilitares

Ele não me olhava nos olhos. Deitado na rede pendurada na varanda dos fundos da casa, deu ordem à esposa e ao casal de filhos para se retirarem e fecharem a porta que dá acesso à cozinha. Não queria que ninguém ouvisse nossa conversa. A camisa de botões aberta no peito deixava à mostra uma corrente dourada, reluzindo sobre a pele morena de *crioulo*. Disse ter 43 anos e, surpreendentemente, os cabelos ainda negros e a pele conservada aparentavam essa idade. Em Tierralta todos pareciam ao menos dez anos mais velhos. Ele era uma rara exceção. Pudera: não trabalhava na roça ou no comércio, como a maioria. Não precisava se preocupar com as incertezas do tempo ou da política colombiana, pois recebia salário fixo todo fim de mês. Jorge era paramilitar por profissão, líder da facção que controla Tierralta.

Formado em química e biologia, com especialização em pedagogia e ética, Jorge era professor na Universidade de Montería e, por isso, conhecido como “Profi”. Foi apresentada a ele, horas antes, por Lucía Milanez, diretora — e única funcionária — do escritório da Cruz Vermelha da Colômbia em Tierralta. Com jeito autoritário e um pouco rude, aquela *crioula* esguia, 33 anos, impunha respeito. Ela conhecia todos os lados da guerra na região e conversava, com qualquer um, sem medo. O trabalho frente à Cruz Vermelha lhe dava certa liberdade para falar com quem quisesse. A experiência na cidade, lhe deu sabedoria, para não perguntar tudo o que quisesse.

Convencer Jorge a me dar uma entrevista não foi difícil. “Para nós interessa que a imprensa do Brasil e de todo o mundo saiba o trabalho que desenvolvemos aqui, que não é só guerra”, o paramilitar assegurou, indicando que eu seria alvo de propaganda pró-paramilitarismo. Nos encontramos na praça em frente à igreja, reunido com alguns moto-taxistas, observando a procissão que outras dezenas deles faziam ao redor de toda a cidade. Era uma tarde abafada, mas de céu carregado de nuvens, coisa rara em Tierralta.

O movimento era uma homenagem a um moto-taxista de 19 anos, que havia sido encontrado morto naquela manhã, em uma vereda próxima a Tierralta. O garoto tinha desaparecido havia três dias. Jorge contou que os paramilitares saíram em sua busca e encontraram sua moto sendo usada por um rapaz desconhecido, que teria confessado o crime e levado os *paracos* ao local onde o corpo estava. Ainda, segundo a versão pouco confiável do líder paramilitar, o assassino confesso foi executado pelo grupo que, como é comum, deu sumiço a seu corpo. Os *paracos*, então, retornaram a Tierralta com o cadáver do jovem moto-taxista, em um ato considerado heróico.

A verdade sobre aquele caso, no entanto, era obscura e, tratando-se de um território completamente dominado pelas leis dos paramilitares, a polícia jamais investigaria o assassinato. O boato que corria na cidade, de fato, era um pouco diferente da história contada por Jorge e os moto-taxistas. Na igreja, dizia-se que o garoto assassinado fora acusado de ser informante das FARC e morto a punhaladas pelos próprios moto-taxistas, que trouxeram seu corpo para a cidade, tentando passar por heróis.

O jovem foi velado sobre a carroceria de uma camionete na rua em frente à igreja, cercado por uma pequena multidão que se recusava a chorar. “Se o morto é um guerrilheiro e alguém chora a morte dele, pronto! Pode até morrer. Dizem que também é guerrilheiro”, teorizava Elliot, jovem seminarista que vive em Tierralta. Ao mesmo tempo, dentro da igreja, outro velório ainda estava sendo finalizado, este de um senhor que havia, supostamente, cometido suicídio — mais um caso mal explicado e que também nunca seria resolvido.

A fila de motos continuava girando em torno da cidadezinha enquanto eu seguia Jorge, abrindo espaço entre a multidão e a poeira, até sua casa, uma construção de alvenaria com três quartos divididos por paredes inteiras, um banheiro e uma cozinha de bom tamanho — a maioria dos casebres de Tierralta parecem pequenos galpões de madeira, com teto de zinco ou palha, redes penduradas em um canto chamado de quarto, um banheiro e uma cozinha diminutos.

Por determinação do paramilitar, não levei meu gravador. Preferi não arriscar e não levei, também, minha câmera fotográfica. Apesar de ter chegado a Jorge por intermédio de Lucía, não me sentia completamente segura. Por alguma razão além de minha própria compreensão, eu não confiava muito naquela mulher. Em meio à confusão daquela tarde, era pouco provável que alguém tivesse me visto entrar na casa de Jorge e, contrariando todas as normas de segurança, eu não tinha comunicado meus passos a ninguém. Tinha ser repreendida pelos padres ou seminaristas, que defendiam que, para meu próprio bem, eu deveria manter distância de paramilitares e guerrilheiros.

Jorge puxou uma cadeira de plástico para perto da rede e, ao mesmo tempo gentil e imponente, mandou que me sentasse nela. Então ti-



A pichação no posto de gasolina indica território dos paramilitares, que se denominam Autodefesas Unidas da Colômbia

rou os sapatos e deitou-se na rede, que pendia um pouco acima do nível de meus olhos, de forma que eu tinha que levantar a cabeça e olhá-lo de baixo para cima. Ele tirou os óculos escuros, estufou o peito e começou a falar, sem que eu tivesse perguntado nada.

Lucía havia me instruído a não usar a palavra paramilitar com Jorge. “Os *paracos* se sentem ofendidos. Use autodefesas, que soa melhor”.

Jorge começou seu discurso definindo os grupos paramilitares — ou autodefesas, como ele preferia — como um movimento social, não militar. “Nosso trabalho consiste em organizar a comunidade para que ela se desenvolva”, e explicou que, apenas no mês de julho, o grupo realizou dezoito reuniões com a população de Tierralta. Na pauta, assuntos como o fornecimento de eletricidade para o município, pintura das casas e até a corrupção no governo. As AUC exigem atuação eficaz do governo “por meio do diálogo”, enfatizou. “Temos muitos amigos no governo. Estamos sempre em contato”.

No caso de Tierralta, o líder dos paramilitares contou que três prisioneiros foram presos por corrupção graças às investigações e denúncias dos membros de seu grupo. Outros três foram assassinados após cumprir o mandato. Diante da pergunta de quem os matou, a resposta veio em forma de silêncio. Ele se esquivava de perguntas sobre as ações de extermínio das Autodefesas. Preferia lembrar as obras sociais. “Nós fizemos muito pela comunidade. E fizemos com recursos próprios”.

O conceito de recursos próprios é mal explicado. O líder paramilitar revelou que as verbas para administrar a cidade provêm de toda a população. “A quantia que se doa é voluntária, cada um dá o quanto quer. Mas todos têm que colaborar, a gente cobra. Colaboravam com os guerrilheiros antes!”, assegura, sem responder, o que acontece com quem não lhes der dinheiro.

Até 1982 Tierralta era controlada pelas FARC. “A miséria era grande aqui”, diz Jorge. “Por meio da guerra, as AUC puderam começar a desenvolver um trabalho social. Depois que a cidade ficou livre dos guerrilheiros, a vida melhorou”, ele garante, citando projetos de plantio alternativos e de conservação e embelezamento da cidade, desenvolvidos pelo grupo paramilitar com o dinheiro cobrado dos moradores de Tierralta.

A guerra agora, conta, está afastada do município, “foi lá pra cima, nas veredas”. E os paramilitares estão tentando expulsar os guerrilheiros também daquela região, onde fica Batata. “O exército sabe que as FARC controlam tudo por lá e não toma providências. Nossa organização, quando descobre uma coisa dessas, por meio dos informantes, logo manda uns 140 homens pra defender a região”, ilustra Jorge.

Ele foi convidado a ingressar no grupo paramilitar em 1997. “Eles estavam interessados nos meus conhecimentos de química e biologia,

queriam que eu ajudasse nos projetos de piscicultura e de plantações de papaia que estavam desenvolvendo para a comunidade de Tierralta”, explica o agora líder intelectual da facção local. Antes de entrar para as AUC Jorge recebeu cursos de capacitação. “Ensinaram pra mim que se deve respeitar crianças e idosos e que se deve tratar bem a comunidade”. Atualmente é ele quem dá capacitação para os patrulheiros.

Ele assegura que a organização ganha mais adeptos a cada dia. “Nós nunca convocamos o povo para as Autodefesas. Só queremos que ele trabalhe por si mesmo, que se desenvolva. E ele já está vendo os resultados, a comunidade está contente com nosso trabalho e quer participar”. Muitos dos novos adeptos, diz, são guerrilheiros desertores. “Mais de cem ex-guerrilheiros já passaram para o lado das AUC, desde que eu entrei, só aqui na região. E eles nos dizem onde as FARC estão e o que fazem. Eles conhecem o jeito dos ex-companheiros, nos levam até eles. É por isso que os guerrilheiros têm um medo que se pelam da gente, porque sabem que nós sabemos tudo o que fazem”.

Jorge lembra que os grupos paramilitares existem por vontade de parte da população colombiana. “Os grandes fazendeiros, os ricos deste país, estavam cheios de serem seqüestrados e extorquidos pelos guerrilheiros. Eles estão investindo muito dinheiro nas AUC”.

Pergunto sobre as acusações de ligação com cartéis de drogas. Os olhos de Jorge fitam os meus pela primeira vez: “Todos plantam coca neste país. Para que mentir? O dinheiro aqui vem dos cultivos ilícitos”, admite, depois de alguns segundos de silêncio, acrescentando que os paramilitares executam qualquer pessoa que cultive coca para os guerrilheiros em seus territórios. “As FARC dizem que não plantam coca, que só cobram um imposto dos plantadores, mas está claro que na Colômbia todo mundo planta coca”.

Naquele momento, dois homens, aparentando 60 e 35 anos, abriram a porta que dava para a varanda sem pedir licença. A expressão de Jorge indicou que o assunto estava encerrado. “Eles trabalham comigo na organização”, confirmou o que eu, reparando no modo como estavam vestidos, já havia percebido.

De repente passei de entrevistadora a entrevistada. Indagaram se eu já havia conversado com algum guerrilheiro, queriam saber onde eu estava hospedada e quando deixaria a cidade. O fato de ser protegida pelos padres me dava certa imunidade, mas nem o respeito que a igreja conquistou com todos os grupos armados fazia diferença se minhas ações fossem consideradas suspeitas. Quando fosse embora de Tierralta, eu ainda teria que pegar uma lenta estrada esburacada até Montería e não queria nenhuma surpresa desagradável de última hora. Menti em todas as respostas, agradei a atenção e encerrei a entrevista.

Tráfico financia matadores

Desde abril de 1997, os paramilitares intitulam-se Auto Defesas Unidas da Colômbia (AUC), sendo os responsáveis pelo “serviço sujo” do exército. Surgiram no final dos anos 60, dentro de uma política recomendada pelos conselheiros americanos para quebrar qualquer desejo de transformação social. Combatem as FARC e o ELN, e são acusados de massacrar civis, suspeitos de apoiarem ou serem cúmplices de guerrilheiros. Oficialmente com nove mil combatentes, a AUC foi considerada organização terrorista internacional este ano. Apesar desse título, há denúncias de que os americanos financiam os paramilitares e garantem proteção aos seus negócios no país.

O jornal *El Tiempo* denunciou a ligação dos paramilitares com o novo governo. A AUC teria ameaçado de morte, em várias zonas do país, quem fizesse qualquer tipo de propaganda de outro candidato. Carlos Castaño Gil, líder dos paramilitares, afirma em sua auto-biografia autorizada, publicada no final do ano passado, que a organização considerava Uribe o candidato ideal, mais próximo de sua filosofia. E comprova, que as cooperativas armadas, criadas pelo presidente eleito quando era governador de Antioquia, é o mesmo princípio que deu origem aos paramilitares. O futuro presidente nega qualquer vínculo com a organização.

Sarmiento Santos diz que “o paramilitarismo nasce como uma estratégia das forças militares para lutar e tentar acabar com os grupos guerrilheiros do meu país, e são amparados por uma grande parcela do narcotráfico e pelos setores economicamente fortes — industriais, multinacionais, fazendeiros, etc. Os paramilitares foram semeados pelo narcotráfico e se fortalecem dele mesmo”.

Leda Malisz

Marcia Bizzotto

Povo sem chão, sem emprego e comida

O drama vivido pelos camponeses de Batata é idêntico ao de milhares de outros habitantes das regiões rurais da Colômbia. O deslocamento forçado foi considerado por instituições de defesa dos direitos humanos como o problema humanitário mais grave do país em 2000. Um levantamento feito pela Consultoria para os Direitos Humanos e o Deslocamento (Codhes), e pelo Centro de Investigação e Educação Popular (Cinep), organizações não governamentais com sedes na Colômbia, indicou o país como o segundo maior índice no mundo em número de refugiados internos naquele ano – atrás apenas do Sudão.

Em 2000, a população total de refugiados na Colômbia, considerados os quinze anos anteriores, somava 317.375 pessoas, membros de 65 mil famílias, o número mais alto registrado desde 1985, quando os grupos paramilitares ameaçavam e matavam membros da União Patriótica e de todas as organizações de esquerda. Esses dados, divulgados pelo Sistema de Informação de Famílias Deslocadas e Direitos Humanos (Sisdes), pertencente ao Codhes, conflitam com os números oficiais do governo colombiano: até 2000 seriam 128.843 refugiados, em 26.107 famílias. De acordo com levantamentos do Sisdes, apenas em 2000 aconteceram 106 êxodos em massa na Colômbia, gerando um total de 52.229 refugiados. A entidade governamental RSS, por outro lado, divulgou 97 deslocamentos em massa naquele ano.



A pesquisa do Sisdes também revela que a população camponesa é a mais afetada pela violência: 81% dos refugiados viviam em zonas rurais. Desse total, 64% possuíam uma casa. Depois do deslocamento, apenas 11% dos refugiados continuam sendo proprietários de um imóvel.

O abandono forçado do campo é um fator que aumenta a crise agrária e modifica a composição demográfica e social das cidades colombianas. Pesquisas do Sisdes revelam que a maior parte desses refugiados migra para os grandes centros urbanos – em 1999 Bogotá recebeu 12,5% dos deslocados de todo o país, cerca de 30 mil pessoas em um estado de absoluta pobreza. Naquele ano, pessoas ameaçadas por grupos armados saíram de 243 pequenos municípios com destino a 400 cidades de médio e grande porte – mais de 30% do total de cidades existentes no país.

A consequência mais visível desse fenômeno é o rápido aumento da taxa de desemprego, agravando problemas de marginalidade, pobreza e exclusão. O nível de desemprego no país cresceu de 15,9%, em 1998, para 20,4%, em 2000, quando foi lançado o Plano Colômbia. Antes do deslocamento, apenas 2% dos chefes das famílias hoje refugiadas estavam desempregados. Esse número sobe para 48% depois que abandonam suas terras.

A segregação das classes sociais, sempre visível no país, tornou-se ainda maior no final dos anos 90. Nessa época, 57% dos colombianos viviam abaixo da linha de pobreza, enquanto 20% da população, os ricos do país, detinham 52% da renda do país. Na mesma

época, dois grandes grupos financeiros eram proprietários de 47% dos meios de comunicações da Colômbia.

Desemprego e pobreza afetam diretamente o desenvolvimento das crianças, que crescem desnutridas e privadas de educação. Ainda de acordo com dados do Sisdes, 57% das crianças de famílias refugiadas são obrigadas a abandonar a escola devido aos deslocamentos. Esse dado, porém, não é o que mais preocupa os deslocados.



Família de refugiados num pequeno jipe que trazia onze pessoas, duas galinhas, um periquito e mercadorias penduradas

As maiores necessidades, apontadas pela pesquisa, são serviços médicos (70%) e atenção psicológica (13%).

O temor dos camponeses é generalizado: a maioria tem medo tanto de guerrilheiros quanto de paramilitares e do exército. Mas, no levantamento feito pelo Sisdes, 54% dos refugiados em 1999 indicaram ações paramilitares como razão das fugas. Dando como razão a insegurança ainda existente em seus lugares de origem, 53% dos deslocados manifestaram o desejo de permanecer no local para onde migraram. Outros 26% se disseram dispostos a um reassentamento. Apenas 19% concordariam em voltar para suas terras, mas com uma ressalva fundamental: dentro de condições de justiça e dignidade.

Desde quando esta reportagem começou a ser elaborada, em julho de 2001, até sua finalização, em abril de 2002, a situação da Colômbia não melhorou. O fim

Guerra força êxodo rural e torna a Colômbia o segundo país em refugiados internos

dos diálogos de paz e das zonas desmilitarizadas em fevereiro de 2002 incitou a onda de seqüestros e chantagens por parte das Farc.

As ações violentas de todas as facções armadas ganham atualmente uma nova dimensão, com ataques cada vez mais freqüentes aos centros urbanos. Em Barrancabermeja, uma cidade de 283 mil habitantes no centro da Colômbia, sede de companhias refinadoras de petróleo, 216 pessoas foram assassinadas nos primeiros sete meses de 2001, quando os paramilitares tomaram o poder das mãos dos guerrilheiros do ELN. Nessa época, 350 famílias abandonaram suas casas na cidade. A ONG Assembléia pela Paz denunciou à imprensa internacional que a tomada paramilitar de Barrancabermeja teve início em janeiro de 2001, "com a ajuda da polícia local e do exército".

O diretor do Programa de Desenvolvimento e Paz do Madalena Médio (região ao norte da Colômbia), padre Francisco de Roux, também denunciou conivência de autoridades com grupos paramilitares. Segundo ele, também em 2001 os paramilitares tomaram a cidade de Peque – no Estado de Antioquia, também ao norte do país – sem qualquer oposição dos militares que faziam a segurança da área. Ao mesmo tempo, paramilitares detidos em flagrante foram colocados em liberdade. Centenas de famílias fugiram para Medellín. Importante notar que, segundo dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 24,7% do PIB da Colômbia é destinado ao combate à violência – no Brasil esse índice é de 10,5%.

Desde 80 mais de 100 jornalistas foram assassinados

Quatro jornalistas mortos, seis agredidos, oito exilados e 19 ameaçados. Este é o saldo da violência contra os jornalistas na Colômbia, apenas nos seis primeiros meses deste ano. No conflito, entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), paramilitares, narcotraficantes e o Exército de Libertação Nacional, cada grupo se acha prejudicado pelos meios de comunicação e reage aos jornalistas como pode.

Os assassinatos de jornalistas é justificado por Carlos Castaño, chefe dos paramilitares: "Não posso aceitar que o jornalismo se converta em uma arma ao serviço de um dos atores do conflito". Este é um dos motivos que faz dos paramilitares os suspeitos do assassinato de Efraín Alberto Varela, jornalista da Rádio Meridiana 70. Varela dirigia um carro com identificação da rádio, em direção à cidade de Arauca, a 450 km de Bogotá, quando foi interceptado por um grupo não identificado, que o fez descer do carro e o matou com tiros de fuzil na frente de seus cunhados que o acompanhavam.

O nome de Varela fazia parte de uma lista de 150 pessoas consideradas "objetivos militares" pelos paramilitares e vinha recebendo ameaças há algum tempo. O controle da região de Arauca, por ser rica em petróleo, é disputado com violência entre este grupo e guerrilheiros de esquerda.

Mas a violência não se restringe à região de Arauca. A Colômbia é considerada um dos países mais perigosos do mundo para quem exerce o jornalismo. Desde 1980, foram mais de cem jornalistas mortos. O índice de impunidade para os crimes é de 95. Temerosos, alguns veículos de comunicação começam a praticar a auto-censura. Rádios da Colômbia substituem programas jornalísticos por programação exclusivamente musical. Enquanto as empresas jornalísticas tentam enfrentar as ameaças dos diversos grupos, caso continuem rodando, os jornaleiros não têm tanta coragem. Muitos já não vendem jornais em suas bancas.

Adriana Küchler

Marcia Bizzotto

Finalmente SC começa a investir no cinema

Florianópolis rodou dois longas desde 1957, mas produz seis filmes só este ano

Mesmo com uma produção cinematográfica inexpressiva ao longo das últimas décadas, Santa Catarina esboça uma reação a essa letargia na criação de obras audiovisuais. São menos de cinco os longas-metragens concluídos até hoje no Estado. Os cineastas catarinenses de expressão nacional, como Rogério Sganzerla, de Joaçaba (autor do famoso filme *O bandido da luz vermelha*, de 1968), Ody Fraga, de Florianópolis e Sylvio Back, de Blumenau, saíram jovens do Estado e fizeram carreira fora dele. Para piorar, a rede exibidora é uma das mais pobres e monopolizadas do país. Em Florianópolis, por exemplo, só há sete salas comerciais de cinema - a oitava é um cineclube, o Bar Cine York. Em suma: poucos filmes, mercado de trabalho acanhado, cultura cinematográfica precária.

A boa notícia é que a situação está mudando de maneira decisiva. No resto do país fala-se muito em "retomada" do cinema, enquanto em Santa Catarina, o termo mais adequado, talvez seja mesmo "nascimento". O primeiro dado significativo é que estão sendo rodados ao mesmo tempo em Florianópolis dois longas-metragens: o documentário *Vida e obra de Seo Chico*, de José Rafael Mamigonian, e o policial *Procuradas* de José Frazão e Zeca Pires. Ambos tem em comum o baixo orçamento. Cada um deles deverá custar R\$ 800 mil.

Fora isso não poderia haver dois filmes mais contrastantes. O primeiro é um documentário sobre o camponês Francisco Thomaz dos Santos, o "Seo Chico", assassinado em 1996. Ele foi um mito na cidade, pois era o último representante de um modo de vida rural que está em extinção, o da produção dos engenhos de farinha e de cachaça na ilha de Santa Catarina. Já o filme *Procuradas* é um policial contemporâneo sobre garotas de programa, que foi ambientado, em grande parte, em boates e clubes noturnos da cidade.

"Meu documentário não é um filme de quintal", diz José Rafael Mamigonian, 28 anos, diretor de *Seo Chico*. "É um registro antropológico e humano de interesse universal. Quero fazer um filme à altura dessa cultura agonizante", diz. Em 1996, o cineasta rodava um curta sobre "Seo Chico", quando o camponês foi assassinado em circunstâncias não esclarecidas até hoje. Mamigonian, mais conhecido como Zé Rafael, concluiu o curta só com imagens fixas e depoimentos em *off* do personagem. Guardou o material filmado (com fotografia de Mario Carneiro e câmera de Dib Lutfi) para o longa.

Agora Zé Rafael pretende exibir o material para a comunidade onde "Seo" Chico vivia e filmar a repercussão. "É um pouco a estrutura do filme *Cabra marcado para morrer*", explica o diretor. Atualmente ele grava as últimas imagens no Ribeirão da Ilha, freguesia onde seu personagem viveu.

Os diretores Zeca Pires, 40 anos, e José Frazão, 52 anos, pretendem apresentar em *Procuradas* um painel abrangente de Florianópolis, mostrando tanto pontos modernos da cidade quanto vilarejos antigos, onde ainda se cultivam ostras, como em Santo Antônio de Lisboa. Vai ser rodado em vídeo digital e depois transferido para película de 35 mm. Nele duas garotas de programa (uma delas seria vivida por Deborah Secco, mas foi substituída pela atriz Paula Burlamaqui) desaparecem durante um passeio de barco com dois executivos. Uma cineasta (Rita Guedes), que realiza um documentário sobre prostitutas investiga o caso. "Nossa idéia é brincar um pouco com os limites entre ficção e documentário", diz Zeca Pires. As filmagens de seu primeiro longa iniciaram dia 2 de maio e tiveram 55 locações, todas na cidade. Todo o elenco foi colaborador (não ganhou nada para trabalhar), menos, é claro, as atrizes Paula Burlamaqui, Rita Guedes, Mariana Ximenez e a ex-modelo Cláudia Liz, todas integrando o núcleo principal do longa.

O restante do elenco, coadjuvantes e figurantes, somam aproximadamente 60 pessoas. Eram atores e modelos da cidade, que toparam participar por "amor à arte", por experiência e para aparecer na mídia, coisa que o filme tem feito bastante. Já houve uma festa de pré-lançamento no Rio de Janeiro, em março, para chamar atenção e atrair possíveis patrocinadores. Deu certo: Furnas, TIM Celular, Dimas e Jurerê Beach Village entraram como patrocinadores do filme. Com a grana rolando, *Procuradas* já está atualmente em fase de montagem.

Procuradas teve como figurinista a expert Lou Hamad, que estudou moda na Itália e assinou o figurino das principais produções catarinenses e outras nacionais. Sua assistente, Veridiana Piovesan, trabalhou dia e noite junto com Lou na escolha e confecção dos figurinos. Veridiana confessa que já estava ficando doída com tanta gente para vestir. E explica: "Temos uma pequena verba para mandar fazer as roupas dos personagens principais, mas a maior parte do figurino é emprestado de amigos nossos e de algumas lojas".

Apesar de bem planejado, o nascimento do cinema catarinense não está livre de surpresas. Veridiana conta um episódio, exemplo das dificuldades enfrentadas no caminho: "Em abril, nossa central de produção foi arrombada à noite, num fim-de-semana. Foi um absurdo! Os ladrões "pescaram", literalmente, várias peças de roupas através da

grade da janela. Ficamos desesperadas, eu e a Lou, pois eram roupas emprestadas, mas depois conversamos com o Zeca e ele nos disse que existe um seguro que vai cobrir os prejuízos, avaliados em R\$1 mil".

Zeca Pires é presidente da Cinemateca Catarinense. Seu curta-metragem *Ilba*, lançado ano passado, foi selecionado para o Festival de Cinema de Curitiba e para o 4º Festival Internacional de Curtas-Metragens de Belo Horizonte, realizado na primeira quinzena de junho. No ano passado, os catarinenses conseguiram o feito inédito de emplacar dois curtas na competição do Festival de Gramado: *Ilba*, de Zeca Pires, e *Roda dos expostos*, de Maria Emília de Azevedo, que ganhou o Kikito de melhor fotografia. *Ilba* tem como colaboradores Tabajara Ruas, escritor e roteirista, e o ator Waldir Brazil e tem no elenco além de Leona Cavalli, Júlia Soares Weiss e Carmem Lúcia. O curta já foi exibido na Mostra de Tiradentes, nos festivais de Varginha e de Recife e na Mostra de Mercado de Clermont-Ferrand, na França.

Para se ter uma idéia do que toda essa cena significa, basta lembrar que, desde 1980, o único longa rodado em Florianópolis havia sido *Cruz e Souza*, de Sylvio Back, em 1999. Antes dele só havia sido feito o longa *O preço da ilusão*, filmado em 1957, por Nilton Nascimento, do Grupo Sul, considerado "a primeira película catarinense". O grande mérito de *O preço da ilusão* foi sua própria realização. Num tempo em que Florianópolis era totalmente alheia à arte ou em que diante das dificuldades equipes profissionais, muitas vezes, abandonavam um filme, inacabado. Foi uma vitória um grupo de amadores ter levado a tarefa até o fim, com pouquíssimos recursos financeiros e técnicos. Essa carência e esse amorismo foram também a ruína do filme, pois seus defeitos técnicos fizeram com que a censura da época não lhe concedesse o "Certificado de boa qualidade". Por causa disso, sua exibição pelas cadeias cinematográficas não foi obrigatória. Foi um desastre, mas, como garante Eglê Malheiros, que fez o argumento do filme, "foi o fracasso mais criativo e multiplicador da nossa cultura".

Febre de curtas - Além dos dois longas em andamento, Santa Catarina vive um florescimento do curta-metragem. Há pelo menos quatro em realização atualmente. Parte desse aquecimento da produção deve-se à lei estadual de incentivo à cultura, criada pelo governo peemedebista e posta em prática pela atual gestão. A lei permite dedução de ICMS às empresas que investirem em cultura.

No final de 2001 surgiu outro decisivo empurrão estatal. Através de concurso público, o governo destinou R\$ 800 mil para a produção de um longa-metragem (o vencedor foi o documentário *Seo Chico*) e R\$ 240 mil para a produção de três curtas (R\$ 80 mil para cada, a maior premiação do país), além de verbas para realização de vídeos, projetos de pesquisa e compra de equipamentos.

Nos últimos quatro anos Santa Catarina produziu oito curtas. Alguns deles foram muito bem recebidos fora do Estado, como *Novembrada* e *Desterro*, os dois de Eduardo Paredes, que ganhou vários prêmios em Gramado, e *Fronteira*, de Chico Faganello.

Atualmente existem quatro curtas em fase de produção e realização: *La Mar*, de Sandra Alves. *Atumbramentos*, da TVI, e *Sorria, você está sendo filmado*, de Chico Caprário. Os três venceram o concurso público estadual de apoio ao cinema. Há outro projeto já em execução, que é uma parceria da RBS com a TVI, para a produção de quatro médias metragens catarinenses. Eles têm exibição prevista para os sábados, na programação da RBS TV.

O outro curta, *Santo Mágico*, é uma adaptação de um livro do crítico de arte catarinense Harry Laus. É a história, tida como verdadeira e, até hoje, inexplicável, da aparição de um santo no marco da Marinha, em Porto Belo. O filme narra a trajetória de três personagens que presenciam a aparição, além das mais diversas reações da comunidade ao episódio. Seu diretor é Ronaldo dos Anjos, de Tijucas. O curta é protagonizado pelos atores Sérgio Mamberti, Giovana Gold e Waldir Brazil, além de atores locais. Foi financiado pela lei estadual de Incentivo à Cultura e as filmagens estão bem adiantadas em Florianópolis.

La Mar, de Sandra Alves, vai contar a história verdadeira de duas vele-



Cena e cartaz do pioneiro

adoras, que ficaram à deriva durante três dias, no mar da praia dos Ingleses, Florianópolis. Para protagonizá-lo, a diretora selecionou atrizes do curso de artes cênicas da UDESC. Mesmo com baixo orçamento, pouco mais de R\$ 80 mil para fazer tudo, Sandra Alves acertou um cachê com as atrizes: "Não é nem de longe o que elas mereciam ganhar, mas é um mínimo de reconhecimento". A atriz que interpreta uma das velejadoras é Mônica Siedler, que ano passado trabalhou no núcleo principal da novela *Laços de família*, interpretando a empregada doméstica Socorro. As filmagens começaram em maio e a diretora está buscando parcerias e colaboradores.

Curso universitário - Outras iniciativas têm contribuído para o surgimento de um núcleo cinematográfico em Santa Catarina. Uma foi a criação, no ano de 1999, do curso de Cinema e Vídeo da Unisul, no campus de Palhoça, Grande Florianópolis. É o único curso de graduação em cinema de toda a região Sul do país. O vídeo digital *O corredor*, produzido pelos alunos da Unisul, ganhou em abril o prêmio principal no Festival Curta-se, realizado em Aracaju. A produção tem 17 minutos de duração e foi dirigida por Loly Menezes e Jano Moskorz, com supervisão dos cineastas Eduardo Paredes e Peter Lorenzo - professores na universidade. *O corredor* trata do assassinato de um escritor e revela o submundo de uma comunidade. A história se passa no corredor de um hotel decadente na década de 80 e foi filmada em dois dias, com 15 atores que ensaiaram durante três meses. O Hotel Felipe, no Centro de Florianópolis, foi a locação escolhida pelos diretores, que também assinam o roteiro junto com Valeska Bittencourt, que também assina a direção de arte.

Eventos - Um evento importante é o Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM), que chega esse ano a sua sexta edição. Realizado anualmente, o FAM

reúne profissionais de cinema e televisão do Brasil e de países vizinhos para debater as questões do setor. Exibe, paralelamente, uma mostra da produção recente desses países, com grande presença de público. Outro dado que reflete e reforça essa efervescência cinematográfica é a "imigração" para Florianópolis de cineastas e roteiristas de outros estados. Alguns exemplos: o baiano José Frazão, que acaba de se mudar para a cidade para rodar o longa *Procuradas* e tocar outros projetos. O gaúcho Tabajara Ruas, que tem feito roteiros para os diretores Zeca Pires e Chico Faganello, elegeu o Canto dos Araçás, na beira da Lagoa da Conceição, para viver com sua esposa e filhos. Tabajara também fez os roteiros dos filmes gaúchos *Anaí de Las Misiones* e de *Netto perde sua alma*, recém premiado em Gramado. Tabajara vem se destacando pela produção de roteiros com temática histórica e gaúcha.

Documentários - Os documentários também estão a pleno vapor. Além de *Seo Chico*, há pelo menos dois em produção: o vídeo *O capitão imaginário*, de Chico Faganello, e *Diacuí*, de Tânia Lamarca - diretora do premiado *Tainá - Uma aventura na Amazônia*.

O vídeo de Faganello, *Fronteira*, em fase de finalização, é inspirado em relatos de navegadores europeus, que visitaram a Ilha de Santa Catarina nos séculos 18 e 19. "A idéia é contrastar o depoimento deles com o que existe hoje, e ao mesmo tempo, mostrar as distorções do imaginário europeu a respeito daqui", diz o diretor. O documentário já tem garantida uma primeira tiragem de três mil cópias em VHS, que serão exibidas em escolas da rede pública.

Tânia Lamarca voltou à sua Florianópolis natal depois de morar durante décadas no Rio. O filme que prepara é o registro da insólita história da índia Diacuí, que se casou em 1951 com um sertanista na igreja da Candelária, no Rio, sob os holofotes da mídia, capitaneada na época pelo empresário Assis Chateaubriand. Nove meses depois, Diacuí morreu no parto de sua filha, que leva o mesmo nome e hoje, aos 50 anos, vive em Uruguaiana (RS). "Estou partindo da Diacuí filha para fazer a história de volta", explica a diretora.

Os espinhos - Claro que nem tudo são flores nesse quadro. O concurso público para financiamento de longas e curtas, por exemplo, é marcado por um visível ranço provinciano. Por decisão do governador Amin, só podem ser contempladas obras com "temática catarinense". A comunidade cinematográfica, mesmo sendo contra, teve de se submeter a essa castração de sua liberdade criativa.

Outro problema é a disputa de egos entre os realizadores do próprio Estado. Se, no cinema brasileiro em geral, são comuns os fuxicos, intrigas e inimizades, a tensão se intensifica num ambiente como o florianopolitano, em que todo mundo se conhece e as fontes de recursos são poucas. Como os órgãos públicos do setor (Cinemateca Catarinense, Fundo Municipal de Cinema, MIS) dependem uns dos outros e são dirigidos por cineastas de turmas diferentes, às vezes o processo emperra. Mas quem disse que é fácil fazer cinema nesse país?

Thaís Corrêa

Cineastas do Sul querem dinheiro

FAM discute hegemonia de Rio-SP na distribuição de verbas

"Foi o evento mais importante do FAM". A frase é do cineasta catarinense Eduardo Paredes e se refere ao Congresso Brasileiro de Cinema (CBC). Suas primeiras edições ocorreram nas décadas de 60 e 70 e foram retomadas em 2000, para resgatar os bons momentos do cinema nacional. Mas essa foi a primeira vez que o CBC realizou um encontro regional, no qual foi firmado o Pacto do Sul, em que os dirigentes das áreas culturais nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina se comprometeram a promover um intercâmbio de projetos, idéias e sobre infraestrutura.

A criação desse bloco visa quebrar a hegemonia do eixo Rio-São Paulo na distribuição das verbas federais. Agência Nacional de Cinema (Ancine), criada em setembro do ano passado, vai contar com um orçamento de R\$ 80 milhões para incentivar a produção de novos filmes. "Esse país é grande demais e não queremos, que todo esse dinheiro vá para meia dúzia de cineastas do sudeste", diz Paredes. Ele informa que estão sendo rodados atualmente na região Sul, 20 longas e 40 curtas, empregando mais de 10 mil pessoas. A inauguração do mais moderno laboratório cinematográfico do país, em Porto Alegre contribuiu para a criação desse pacto. Este complexo vai facilitar a finalização de filmes dos três estados. "Não queremos criar o pólo de cinema gaúcho ou catarinense, mas sim unir forças para criar um grande pólo de cinema no sul do país. E já estamos exportando esta idéia para outras regiões do Brasil", conclui Paredes. Ele cita a lei catarinense, que determina um edital anual para o financiamento de novos filmes, e atraiu o interesse de cineastas cearenses, que querem implantar o mesmo modelo.

A Ancine é fruto do trabalho do Grupo Executivo de Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica (Gedic), que reuniu diversos segmentos ligados a cinema como produtores, distribuidores, exibidores, infra-estrutura, acervo, escolas e críticos para elaborar novas políticas audiovisuais no país. O principal objetivo da agência é fortalecer a distribuição dos filmes brasileiros e aumentar o número de salas de cinema. Atualmente há apenas 1700 salas em todo o país, número pequeno para uma população de mais de 170 milhões de pessoas. Nos Estados Unidos essa relação é de 35 mil salas para 260 milhões de habitantes. "Na Galícia, Espanha, uma cidade do tamanho de Florianópolis tem 40 salas de cinema. Nós só temos oito e é claro que isso gera problemas tanto na produção como na distribuição e exibição", afirma Pe-

ter Lorenzo, representante do curso de cinema da Unisul. A meta da Ancine é atingir 3000 salas em dez anos, número igual ao da década de 70.

Jeitinho brasileiro - Esse problema pode ser solucionado de maneira barata e com criatividade. É o caso de idéias como o *RodaCine*, realizado pelo governo do Rio Grande do Sul. Trata-se de um furgão, equipado com um projetor 35 milímetros e quatro caixas de som, que percorre o interior gaúcho fazendo a exibição de filmes nacionais em municípios onde não existem salas de cinema. Outro projeto é o carioca *Central do Brasil*, que exhibe filmes na estação mais movimentada da cidade. Cadeiras de plástico e pipoca fazem parte da receita de sucesso que contagia os espectadores fluminenses. Já o *Vale-cultura* é uma ação conjunta entre o governo do Rio de Janeiro, empresas, sindicatos e produtores culturais que torna cultura acessível à praticamente toda a população. O projeto, em fase embrionária, funciona como um vale-alimentação e é distribuído por empresas credenciadas que recebem incentivos fiscais. Os projetos que aceitam esse vale podem ganhar mais verbas culturais. "Ações como essas são importantes para tornar a cultura brasileira popular, e não elitista. Eu acredito que esse será o grande desafio da Ancine", diz Paredes. Atualmente, o setor fatura R\$ 400 milhões por ano e somente 10% desse total corresponde a produção nacional.

Paredes não concorda com as críticas feitas à Ancine - muita gente a vem compara-la com a Embrafilme, extinta no governo de Fernando Collor, quando havia se tornado um gigante de dívidas e maracutaias. "É completamente diferente", pondera. "A Embrafilme era uma empresa estatal que produzia, já a agência além de ser um órgão de fomento, regula e fiscaliza o setor audiovisual, sem nenhuma atividade comercial direta". Outra diferença, segundo ele, é a vinculação da Ancine à presidência da República, o que eleva a indústria cinematográfica a um nível de importância equivalente a outras atividades econômicas, como o setor energético.

Viva la France - Depois dos Estados Unidos, a França é hoje o país, que detém o maior percentual de rendas de seu próprio mercado cinematográfico, com produtos nacionais - este ano, mais de 50%, por conta do sucesso estrondoso da comédia *O Fabuloso*

Destino de Amélie Poulain. O filme foi visto por mais de oito milhões de franceses, 13% da população do país. Isso se deve, em boa parte, ao consistente sistema de financiamento da produção, que não vem nem de impostos nem de dinheiro público, e sim de uma legislação que obriga emissoras de TV abertas e a cabo a destinarem de 5 a 9% de sua renda anual para fundos de fomento. Destes fundos, que recebem também um percentual dos ingressos dos cinemas, saem os orçamentos não só para os filmes franceses, como para as co-produções de diversos filmes asiáticos, africanos e latino-americanos.

A medida provisória que criou a Ancine não imita o melhor deste modelo francês, pois a TV aberta foi excluída de pagar uma taxa 4% sobre seu faturamento. Segundo estimativas isso significaria cerca de

custos para a compra de filmes estrangeiros devido aos impostos e à necessidade de registros criados pela Ancine. A agência espera arrecadar R\$ 37 milhões com a taxação de títulos importados pelas operadoras de TV paga nacionais, redes de TV abertas, publicidade e mercado de vídeo caseiro. Cerca de 80% dessa verba virá das licenças de obras publicitárias.

Se a TV aberta reclama, a TV fechada retirou o processo que movia na justiça contra a Agência. Conforme a lei, todas as operadoras de TV paga devem colocar no ar um canal exclusivo com programação de filmes nacionais. Também vão sofrer uma taxação de 3% sobre suas remessas de lucro ao exterior. Com o acordo, as operadoras de TV por assinatura vão reverter esse prejuízo em mecanismos de fomento à produção nacional para seus canais.

Se o lobby da televisão pode conseguir barrar a taxação sobre seu faturamento, nas distribuidoras não foi tão eficiente. Uma das medidas editadas pelo governo cria a Condecine (Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica), cujo ponto principal, revê os valores das remessas de lucros de produções estrangeiras exibidas no Brasil. Até a edição da lei, os distribuidores eram taxados em 25% do valor arrecadado em bilheteria. Agora eles têm duas opções. A primeira é associar-se a um produtor nacional e obter um desconto de 70%. A segunda alternativa é não fazer nenhuma parceria, e pagar, além dos 25%, outros 11% para o Condecine. Esse aumento de impostos para exibição e distribuição de obras estrangeiras no Brasil pode se refletir no bolso do consumidor com a elevação do preço dos ingressos.

Made in Brazil - A participação de empresas estrangeiras no capital de produções nacionais reflete a nova política adotada pela Ancine; exportar o cinema brasileiro pelo mundo. Entretanto a entrada de filmes brasileiros nos principais festivais internacionais não está crescendo na mesma medida que sua produção. Este ano, por exemplo, o Brasil participou da competição oficial de apenas um dos três principais festivais do mundo, Veneza, ficando de fora da disputa em Berlim e Cannes. Acaba sendo um ciclo. "Sem a visibilidade externa, a arte brasileira não sai do isolamento, nem consegue atrair a parceria de produtores estrangeiros, e sem associações com o exterior é impossível lançar um filme lá fora", diz Gustavo Dahl. Por isso a Ancine pretende criar uma política externa na área de audiovisual com o objetivo de exportar filmes, documentários e produções independentes para outros mercados. Dahl acentua que a agência está atenta à nova rodada de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), quando poderá buscar a abertura de mercados para o filme brasileiro no exterior.



Foto: Zene

R\$ 260 milhões por ano, dinheiro que impulsionaria a produção de novos filmes. "É incrível a falta de consciência das emissoras de televisão. Elas teriam que ser as maiores interessadas em criar uma indústria audiovisual no Brasil", protesta Paredes. Mas a Ancine não descarta a hipótese de que seja elaborado um projeto de lei para taxar a receita das emissoras de TV. Declarações de seu presidente, o cineasta Gustavo Dahl, mostram que o tema voltará à tona após as eleições deste ano.

As emissoras não concordam com a taxação, nem com outro projeto que prevê cotas mínimas para exibição de filmes nacionais. Pelo projeto inicial do Gedic, as TVs abertas deveriam exibir pelo menos um filme nacional por semana, e os canais fechados, dois. Atualmente, a produção nacional fica com uma fatia de apenas 20% na programação. "Uma maior participação da produção brasileira na programação é essencial para fortalecer o cinema nacional no mercado interno", afirma Dahl, que também cita os mercados de DVD e vídeo como espaços a serem melhor explorados pelo cinema brasileiro.

Além disso, as emissoras estimam um aumento de aproximadamente 12% nos

Sexta edição premia os melhores

Curta-Metragens - Júri Oficial:

Melhor Atriz: Célia Ribeiro, pelo filme *O traste*
Melhor Ator: Reinaldo Gonzaga, pelo filme *Negócio fechado*
Melhor Direção de Arte: Gilson Magno, pelo filme *Polaco da Nhanha*
Melhor Trilha Sonora Original: Morris Picciotto, pelo filme *A história real*
Melhor Roteiro: Eric Laurence, pelo filme *O prisioneiro*
Melhor Montagem: Ricardo Mehedff, pelo filme *Um branco súbito*
Melhor Fotografia: César Moraes, pelo filme *Retrato pintado*
Melhor Direção: Rafael Conde, pelo filme *Françoise*
Melhor Filme: *A canga*, de Marcus Vilar

Prêmios Criados pelo Júri:

Melhor Documentário: *Zagati*, de Edu Felistoque e Nereu Cerdeira
Melhor Filme de Animação: *O poeta*, de Paulo Munhoz

Prêmio Especial do Júri:

Artesãos da morte, de Miriam Chnaiderman
Snake, de Rogério Brasil Ferrari

Vídeos - Júri Oficial:

Melhor Vídeo: *A ponta do iceberg*, de Leonardo Braga-SP
Melhor direção: *A ponta do iceberg*
Melhor fotografia: *Com passos de moedas*
Melhor edição: *No fiel da balança*
Melhor roteiro: *Intérpretes do Brasil*

Prêmios Criados pelo Júri:

Animação - *Exodo*, de Yannet Briggiler, de Santa Catarina.
Menção Honrosa: *Traça teca*, de Diego Doimo, de São Paulo.
Documentário - *No fiel da balança*, de Francisco Colombo, do Maranhão.
Menção Honrosa: *Retalhos de hortelã*, de Bibiana de Paula e Deise Fanfa, do Rio Grande do Sul.
Experimental - *Intolerância*, de Paula Fabiana Silva, de São Paulo.
Ficção - *A ponta do iceberg*, de Leonardo Braga, de São Paulo.
Menção Honrosa: *Eu não tenho nada a ver com isso*, Estudantes das Oficinas do Festival de Recife, sob orientação de Geraldo Moraes.

JÚRI POPULAR

Melhor curta-metragem:

No passo da véia. Direção de Jane Malaquias
Ceará - 15min

Melhor vídeo:

O corredor. Direção: Loly Menezes e Jano Moskorz, SC

Tecnologias digitais barateiam produção de audiovisuais

Uma das causas do aumento da produção cinematográfica é o uso de tecnologia digital, que reduz bastante os custos. Por exemplo, o longa *Procuradas*, de Zeca Pires e José Frazão, que utilizou a técnica. "Assim fizemos uma direção de atores mais sofisticada, dedicando mais tempo em cada cena, pois não temos uma limitação técnica. Enquanto o rolo de 35 mm é caríssimo, a fita digital pode ser encontrada em qualquer loja", esclarece Zeca Pires. "Temos que dizer não ao saudosismo, pois conseguimos conciliar a facilidade de edição, qualidade de imagem e preço em conta", complementa Paredes.

O primeiro longa-metragem rodado em mini-DV e ampliado para 35 mm, foi o thriller *Mater dei*, dos irmãos Vinícius e Diogo Mainardi. Curiosamente, apesar do filme contar a história de dois cine-

astas que buscam financiamento para uma produção. Foi realizado sem o uso de leis de incentivo, algo inédito desde a retomada do cinema nacional. "Usamos a tecnologia digital para ver se é possível ter lucro com cinema no Brasil sem a ajuda do Estado", diz Diogo. O elenco do filme conta com estrelas globais como Carolina Ferraz e Gabriel Braga Nunes.

E para a felicidade dos amantes de cinema os grandes estúdios já perceberam essa tendência e estão investindo cada vez mais em digital. Em abril as gigantes Disney, 20th Century Fox, Metro-Goldwyn-Meyer, Paramount, Sony, Universal e Warner Bros. se reuniram para criar uma entidade que vai definir os padrões da tecnologia. Os grandes estúdios de Hollywood constataram que a tecnologia digital traz muitos lucros. De acordo com pesquisa do Adams Media

Research, o mercado de DVDs é baseado em venda e não em locação, como o de videocassete. No Brasil a venda de aparelhos está quase igualada a de VHS, e é possível encontrar discos em locadoras, lojas e bancas de jornal. A holandesa Philips anunciou que irá parar de produzir videocassetes.

"Acreditamos que o cinema digital não é um produto, mas um processo", comenta Robert Mayson, diretor geral de operações de cinema da Kodak. A empresa que popularizou a fotografia, está desenvolvendo um sistema que converte as imagens filmadas para arquivos digitais de alta qualidade, cuja cor pode ser ajustada pelo diretor de fotografia. A Kodak também está desenvolvendo e testando programas antipirataria. Outra empresa que investe pesado no digital é a Qualcomm, líder no setor de celulares e co-

municação sem fio. Uma das suas subsidiárias, a Technicolor, há 80 anos sinônimo de inovação em entretenimento, desenvolveu uma solução que estreou com o filme *Star Wars: episódio II - O ataque dos clones*. O novo sistema permite a visualização em três dimensões com qualidade superior a da película.

O amadurecimento do cinema digital acaba aposentando o tradicional rolo de filme. O grande benefício dessa tecnologia é que o sistema de exibição digital em alta definição dispensa o uso de cópias em película 35 mm. As imagens digitalizadas ficam armazenadas num servidor e são projetadas na tela. Os filmes chegam à sala em DVDs, mas há suporte para outras mídias como transmissão por satélite ou pela Internet. Assim fica possível exibir eventos ao vivo, como um show de rock ou um jogo da Copa do

Mundo - já exibidos em salas digitais em São Paulo e Rio de Janeiro.

Um pouco dessa tecnologia já pode ser apreciada no Brasil. A TeleImage, que inaugurou em 2001 salas de cinema digital Rio em SP, pretende instalar pelo menos 100 salas semelhantes até 2007. Patrick Siareta, presidente da TeleImage, afirma que a tecnologia foi desenvolvida no país e é comparável com o que existe no exterior. Ele acrescenta que espera ver o dia em que um filme brasileiro possa ser captado, finalizado, distribuído e exibido em formato digital. "A economia seria enorme. É a tecnologia dando o empurrão que faltava para o cinema brasileiro voltar a dar certo", prevê.

Textos:
Wendel Martins

Filmes recheados com críticas e realidade

Produções do diretor Beto Brant caracterizam-se por temas e polêmicas sociais

Um retrato do Brasil. Um retrato de São Paulo. A primeira cena já diz para que o filme veio: dois engenheiros contratam um homem para matar seu sócio. Esse é o ato inicial para *O Invasor*, um dos filmes nacionais mais premiados do ano, que foi eleito o melhor longa latino-americano no Festival Sundance (EUA) e melhor filme no Festival de Cinema Brasileiro de Miami. Ganhou também seis prêmios no Festival de Brasília em 2001, incluindo melhor direção e o prêmio especial da crítica. Mas o argumento do filme não trata só de um assassinato. A plateia assiste tensa ao desenrolar desta história policial, que reflete sobre a conduta ética e moral do brasileiro. O filme revela as diferenças sociais de um país que se rege pela injustiça. Mostra parte da periferia que sai do subúrbio e invade o espaço da elite.

O destaque do filme é o roteiro, baseado no livro do jornalista Marçal Aquino. *O Invasor* é o terceiro filme de uma parceria de 12 anos entre o diretor Beto Brant e o autor, que já rendeu obras como *Os matadores* e *Ação entre amigos*. A temática segue a mesma: a violência e suas consequências na vida de pessoas despreparadas para enfrentá-la. Em *Os matadores*, produzido em 1997, Murilo Benício interpreta um assaltante de carros assustado em ter que matar o parceiro. Já *Ação entre amigos*, de 1998, conta a história de ex-guerrilheiros que resolvem ajustar contas com o passado. A violência do *O Invasor* está implícita, mas aparece num drama humano, de arrependimento e de culpa. Outra característica do filme é a sensualidade, ajudada pela fotografia realista.

Mas grande parte do sucesso do filme pode ser creditada ao diretor do filme, Beto Brant. Câmera nos ombros e a montagem moderninha fazem parte de seu estilo, tido pela crítica como o grande renovador da linguagem audiovisual, desde a retomada de produção do cinema nacional. Tanto que já foi chamado de Tarantino brasileiro, apelido que detesta. "Tarantino é um parodiador, copia cenas de vários filmes e faz um novo. Até gosto dos filmes dele, mas prefiro criar histórias. E meu compromisso com o cinema está em outro lugar", diz. Para explicar um pouco desse "compromisso" Beto Brant concedeu esta entrevista para o Zero.

Zero - Há quanto tempo você trabalha com cinema?

Beto Brant - Trabalho há 16 anos. Comecei fazendo curta-metragem com super-8. Mas hoje em dia, nem faz muito sentido, porque existem as câmeras digitais com qualidade muito superior e também com uma possibilidade de invenção, de mexer na cor, na intensidade, na velocidade. O super-8 é muito restrito, mas foi com ele que surgiu a primeira vontade de elaborar um discurso através de imagens e audiovisual. Acho que já foi até antes de 86 quando eu trabalhava de maneira amadora. Só fui ganhar dinheiro com isso em 88 ou 89.

Z - Você começou trabalhando em alguma produção ou fez algum curso de cinema?

B.B. - Eu fiz faculdade de cinema, um curso que não vale nem a pena falar. Mas lá foi um lugar de ponto de encontro. Conheci gente como o Renato Ciasca, que se formou comigo e foi produtor dos meus três filmes. O que eu sinto é que a Universidade está muito apegada ao conhecimento acumulado, está longe da vivência e da rua.

Z - Você falou em rua. Todos os seus filmes têm uma temática ligada à violência. Qual o motivo para esse interesse?

B.B. - Não, o cinema que eu faço é muito comprometido com a literatura que o Marçal faz. E ele tem uma experiência como jornalista de muitos anos, e gosto desse apego dele com a observação da realidade. O que eu acho interessante nessa parceria é que a gente faz um registro do nosso olhar sobre o mundo contemporâneo. O sentido do cinema para mim é a observação e, por isso, eu não consigo abstrair a realidade, fazer uma interpretação muito interior ou atemporal. Eu necessito que meus pés fiquem no chão. Por outro lado, acho estimulante apontar a câmera e não reproduzir o que está na frente dela, mas sim criar. Eu acho que a câmera recorta a realidade.

Z - Como é que você faz a transição entre literatura, roteiro e filmagem. Você tem algum método de criação de personagem ou forma de trabalho?

B.B. - Eu sou contra o método, porque a atividade de cinema tem um lado racional, mas também tem outro de intuição. Não se pode enrijecer ou burocratizar a filmagem. Fazer como os americanos, que se comunicam no set através de memorando. Partir da literatura do Marçal já é um ganho, mas eu preciso incorporar o acaso. *O Invasor*, por exemplo, foi feito com muita informalidade na maneira como é filmado, pois existe muita colaboração do fotógrafo, do cenógrafo, ou da maquiadora. Consegui aliar inteligências e sensibilidades, quando concedo espaço para os atores improvisarem uma fala, por exemplo.

Z - O movimento dinamarquês Dogma mostrou que é possível fazer filmes bons e baratos. Como o uso de tecnologia digital ajuda a diminuir os custos de produção?

B.B. - Filmamos em película 16 mm, para poder usar negativos mais sensíveis, aproveitando a luz rarefeita. Daí, a gente telecinou em vídeo de



Brant: valoriza o improviso, mas considera Tarantino um parodiador

alta definição (HD), o que nos permitiu corrigir todas as sub-exposições e dar eletronicamente o tratamento visual que pretendíamos. Usamos o *transfer*, um processo novo e mais caro do que a cinescopagem (o método mais comum para passar do filme ao digital) e que era também experimental. Foi o primeiro filme produzido assim, com apoio do Estúdio Mega. Essa coisa de abraçar a tecnologia, essa revolução que a imagem está sofrendo com o uso digital. E é possível manipular muito a imagem, a cor, as tonalidades, tirando o filme de um realismo, dando uma elaboração maior de acabamento através desse procedimento. Em todos os filmes que faço, além do compromisso com as questões morais e éticas que o filme levanta, busco caminhos alternativos e incorporar isto na tecnologia utilizada no filme.

Z - Qual foi o custo de produção de *O Invasor*?

B.B. - Se você considerar equipe paga, com encargos sociais, com tecnologia, câmera, negativos, pós-produção, som e tal, é um filme muito barato. A gente gastou R\$ 700 mil em dinheiro. Principalmente com a repercussão que ele tem conseguido, com alcance internacional, ser exibido em salas de cinema na França e na Inglaterra. Infelizmente aqui no Brasil só vai ao cinema quem lê jornal. Porque não tem como a gente entrar na publicidade, é muito caro.

Z - É possível fazer cinema no Brasil sem o apoio da televisão?

B.B. - A televisão no Brasil é muito medíocre porque ela está muito preocupada com questões de contabilidade, de renda publicitária, índices de audiência. Existem ilhas como a TV Cultura de São Paulo, que inclusive co-produziu *Ação entre amigos*. Mas há muita falta de comprometimento ético, que a televisão tem com a formação cultural, com a educação, de perpetuar aquilo que é bom, que é importante. Não só a tradição, mas apontar novos caminhos. Mexer com a cabeça das pessoas. Nós fazemos cinema sem a televisão porque ela não dá palpite nenhum. Então temos essa liberdade, sem censura ideológica, sem os anunciantes decidirem como vai terminar o filme. Essa independência eu prezo. Os filmes que faço são assistidos por pouca gente, por causa da dificuldade de distribuição. Quem acaba assistindo é uma intelectualidade, a elite que tem acesso à informação. Mas as idéias que estão neles são para o grande público, mas infelizmente, não chega pela falta de apoio. A Globo, por exemplo, exibiu *Os matadores* e obteve uma boa audiência.

Z - Dá para criar uma indústria cinematográfica no Brasil?

B.B. - Já existe uma indústria em pequena escala. Ela pode ser considerada no momento que você tem relações comerciais, fornecedores, mercado de trabalho, parque industrial, equipamentos. Mas não concor-

do com a equação do cinema brasileiro que acaba cogitando apenas quando foi feito, quanto gastou e quantos milhões de pessoas assistiram. Para mim o que interessa que muita gente viu, que a informação alcance o público e não os resultados de arrecadação.

Z - Você acredita que exista uma rivalidade de filmes de mercado contra filmes de arte? A intenção do autor pode ser analisada quando você vê o filme?

B.B. - Acho que as duas variações existem e devem coexistir. O cinema tem um poder de dar luz a tendências e níveis de compreensão da realidade, de informação, de iluminação, de poesia. Eu sou exigente na hora de assistir cinema, eu preciso dessa experiência mais completa, quase "sentir" o filme.

Z - Durante a história do cinema brasileiro é de se notar a presença do Estado como uma força, senão motriz, mas que impulsiona as artes. Qual seria a influência do Estado dentro dos roteiros dos filmes?

B.B. - Na era Collor o cinema brasileiro praticamente desapareceu. A retomada só aconteceu com as leis do audiovisual que facilitaram a captação de dinheiro. O problema é que o mecenas tem poder sobre o que você produz. A lei do audiovisual é um produto do liberalismo e pode gerar uma censura ideológica não política - porque você tem que convencer um diretor de marketing de uma multinacional, que aquele filme tem que ser feito. Eu nunca mudei nada de um filme para atender a determinada empresa, mas conheço gente que já fez. Aí você vê o papel do Estado, que é dar um *start* no projeto. Tanto que a origem dos meus filmes foi em concursos, em avaliações de pessoas da classe. Meu primeiro filme, *Os matadores*, tem grande incentivo do Ministério da Cultura, através da Secretaria do Audiovisual, quando ganhou um prêmio de resgate do cinema brasileiro. O mesmo se repete em *Ação entre amigos*, que teve co-produção da TV Cultura, e *O Invasor*, que ganhou o prêmio Cinema Brasil, um programa que financia fitas de baixo orçamento. Porque se você só depender do mercado, vamos ter muitos filmes estéreis, uma composição de marketing, que junta adaptação de um livro famoso com atores importantes e uma produção de arte sofisticada. A receita do sucesso.

Z - Você acha que o cinema brasileiro pode ter o destaque do cinema chinês ou dos filmes iranianos?

B.B. - Com certeza absoluta. *O Invasor* vai para a França e para a Inglaterra. Na França a distribuidora alegou que eles vivem uma situação de elite com a periferia muito semelhante. Na periferia de Paris existe uma tensão social muito forte lá por causa da presença dos árabes. É adaptável, é uma leitura possível para o parisiense. Mas o cinema latino-americano é que está em alta. Filmes expressivos feitos pelos argentinos e mexicanos formam uma cinematografia emergente nesse mercado.

Z - Qual cineasta que você pode dizer que ele é um espelho daquilo que você pensa ou acredita como cinema?

B.B. - Eu tenho uma grande admiração pelo Carlos Reichenbach, pela sua postura ética, a conduta dele, o respeito que ele tem, a liberdade e o entusiasmo com cinema são fantásticos. Os filmes que ele já fez como *Anjos do Arrabalde*, *A mulher que inventou o Amor*, *Filme Demência*, *Amor palavra prostituta* são um marco do cinema nacional. Também fui influenciado por filmes como *Bye Bye Brasil*, do Cacá Diegues, *Deus e Diabo na Terra do Sol*, Glauber Rocha, além de Martin Scorsese e os irmãos Coen, que eu gosto muito.

Z - Qual é o ponto de convergência entre seus três filmes? E no que eles são iguais e no que eles são diferentes?

B.B. - Tem o Marçal, com a literatura dele. Nos *Matadores* que mostra violência do campo, da impunidade. Já no *Ação entre Amigos* também tem um tributo a uma geração que eu admiro, que projetou um futuro melhor para o país. Fala do contexto histórico como movimento estudantil, revolução sexual, da produção cultural e da política nacional. O presente no *Ação entre Amigos* é sem cor, contrastado, sombrio, arcaico como uma rinha de galo. *O Invasor* é um olhar sobre o contemporâneo. Principalmente em São Paulo, que é a cidade onde eu vivo, pode se notar a péssima distribuição de renda, a pobreza das favelas e a violência chegando na casa dos ricos. Junta a isso a ascensão de movimento social como o rap e a uma juventude urbana alienada dá para pintar parte do cenário do que é São Paulo hoje.

Z - Qual é a parte do filme que você acha mais difícil e qual a que você mais gosta?

B.B. - Entre captação de dinheiro, roteirização, produção em si e distribuição a que eu mais gosto é filmar. A filmagem é a parte mais legal que tem. A mais difícil. Tanto lançar, distribuir o filme, como arrumar a grana. São os dois grandes desafios para quem quer fazer cinema no Brasil.

Z - Qual vai ser seu próximo filme?

B.B. - Meu próximo projeto vai ser um filme, uma história de amor. Mas não quero falar muito sobre isso.

Entrevista: Wendel Martins

Ziraldo relança *Turma do Pererê*

Livros das histórias do Saci serão publicadas trimestralmente

O escritor e cartunista Ziraldo re-lizou um sonho antigo: republicar a *Turma do Pererê*, quatro décadas depois de sua primeira edição. O *Pererê* é considerada a mais importante HQ brasileira criada na década de 60. Ziraldo, que sempre teve uma paixão enorme por seu personagem, decidiu que reorganizaria as histórias para republicá-las depois de ver o álbum *Toda Mafalda*, criado pelo argentino Quino. Ziraldo tinha guardado todos os originais da *Turma do Pererê* e iniciou então a fase de restauração deles. "Foi um trabalho delicado e moroso. Agora chegou às bancas o primeiro volume", diz, orgulhoso. As histórias não serão publicadas na mesma seqüência em que foram elaboradas. O primeiro volume, por exemplo, traz uma história sobre futebol. A proposta da editora Salamandra é lançar a cada três meses um novo volume e até o fim do ano familiarizar os leitores com toda a turma.

Retorno - O relançamento de *Pererê*, é a oportunidade para o público acompanhar as traquinagens e aventuras de um personagem bem brasileiro. *Pererê* é inspirado na figura folclórica do Saci, um menino negro, de uma perna só, que habita uma floresta chamada Mata do Fundão. Ele se diverte escondendo objetos e aprontando travessuras junto com sua turma de amigos: o jabuti Moacir, o coelho vermelho Geraldinho, uma onça chamada Galileu, o tatu Pedro Vieira, o macaco Alan e a coruja Professor Nogueira. Pra completar a *tchurminha*, tem também a Boneca de Piche, a indiazinha Tuiúú e o bravo guerreiro Tininim. Por ser uma ficção atemporal, a volta do *Pererê* às bancas é perfeitamente possível. Os temas são universais, as pessoas sorriem, choram, emocionam-se como há 40 anos. "É possível publicar esse texto porque ele não envelhece. A temática continua e está próxima do universo das pessoas, como em outros quadrinhos, como a *Turma da Mônica*, por exemplo".



O primeiro volume do relançamento, intitulado *Todo Pererê*, teve uma tiragem inicial de 10 mil exemplares. O lançamento oficial foi na Bienal do Livro. Como em edições anteriores, o autor atendeu uma longa fila de leitores. "Participo da Bienal do Livro de São Paulo desde a década de 80, minha fila é famosa. Todas as vezes que participo, encontro pessoas que eram meninos outro dia e hoje levam seus filhos para autografar os livros".

A Origem - A revista *Pererê* foi lançada pela primeira vez em outubro de 1960 pela revista *O Cruzeiro*, principal publicação de atualidades do período. Na época as revistas da Luluzinha e Bolinha

vendiam muito, tinham público cativo. Daí surgiu a idéia de fazer uma revista naqueles moldes, com um personagem tipicamente brasileiro: o *Pererê*. "Recebi a proposta numa sexta-feira e na segunda apresentei a revista pronta. A *Turma do Pererê* alcançou um sucesso tremendo, chegamos a publicar mais de 150 mil exemplares", conta Ziraldo. Ele, aos 28 anos, se lançava no mercado homenageando os amigos de Caratinga, sua cidade natal, e que estudavam com ele em Belo Horizonte. O gibi, no formato 17,5 x 25 cm e com 36 páginas, durou 43 meses, encerrando sua trajetória em abril de 64, por causa da ditadura. Ziraldo partiu para outros trabalhos, na imprensa alternativa (*O Pasquim*) e criou novos personagens (*A Supermãe*, *Menino Maluquinho*). Na década de 70 a editora Abril relançou *Pererê*, mas só publicou dez edições. Isso não desanimou Ziraldo: depois de se incursionar pela literatura e teatro infantis, tem planos de transformar em filme a *Turma do*



Recordista de livros infantis volta à origem: histórias em quadrinhos

Pererê e fala também em montar um parque temático, inspirado na revista.

Personagens - Mas... para onde vão os personagens quando as histórias terminam? No caso de Moacir, Quiquica e Pimentel, três integrantes da *Turma do Pererê*, eles saíram da Mata do Fundão e foram cuidar de suas próprias vidas em Florianópolis. Só que, mesmo distantes 1.500 km de Caratinga, onde se conheceram, e 32 anos após o fim da primeira época da revista, eles ainda se encontram com os *pererês* espalhados pelo país, convivendo com as lembranças da infância e



as historinhas desenhadas por Ziraldo.

O médico aposentado Moacir Viggiano, 72 anos, leva uma vida tranqüila no bairro Serrinha, perto da UFSC. Mineiro de Inhapim e morando em Florianópolis desde 1961, ele nunca foi de muita agitação - e isso lhe rendeu seus instantes de fama. O autor Ziraldo, ao lançar a revista em quadrinhos *Pererê*, aproveitou o nome dos amigos de infância para batizar os personagens. O pacato Moacir virou a tartaruga, o *jaboti Moacir*.

No bairro Saco dos Limões vivem mais dois personagens da *Turma do Pererê*: Antônio Pimentel Pontes e Maria Francisca Arreguy Pimentel, amigos de Ziraldo e Moacir na Caratinga (MG) dos anos 50. Eles são o casal de João-de-barro *Pimentel e Quiquica*, ambos com 65 anos. Após visitar Moacir em 1972, Pimentel voltou para Brasília,

onde moravam, garantindo à esposa que, quando se aposentassem, migrariam para Florianópolis. "Pensei que fosse conversa fiada mas, no início dos anos 90 viemos para cá", conta ela.

O autor Ziraldo costuma negar a presença de elementos físicos

ou psíquicos dos amigos de infância nos personagens homônimos. "Ele diz que não tem nada a ver, mas a gente percebe coisas que só quem participou daquela época em Caratinga pode identificar", explica Moacir. Realmente, há fatos da vida real refletidos nas páginas da revista - por exemplo, o nascimento do filho de Allan Viggiano, o irmão de Moacir, que empresta o nome ao macaco da turma. No caso dos João-de-barro, Quiquica comenta: "o Ziraldo fez o Pimentel falador e eu tímida, retraída. Na verdade é o oposto, ele fez uma brincadeira com a gente".

Os personagens da *Turma do Pererê* e o próprio Ziraldo se reencontram, no mínimo, a cada dois anos. Num desses encontros, em Itajubá (RJ), Quiquica percebeu a maior diferença entre a *Turma do Pererê* na vida real e na ficção: o envelhecimento. Um grupo de crianças foi apresentado aos "pererês" e houve espanto com o aspecto sexagenário de todos. "A beleza da coisa tá", acredita Moacir, mas Quiquica não se conforma: "os personagens nos quadrinhos deveriam envelhecer também. Não que ficassem de cabelo branco, mas que amadurecessem, ao menos. O Ziraldo se diz jovem, independente da idade. Eu já enxergo diferente: podemos não ser jovens, mas devemos nos manter atualizados".

Thaís Corrêa



O retorno do primeiro replicante

Wander Wilder volta à banda que o aclamou rei do punk brega gaúcho

O baladeiro punk brega Wander Wilder reassumiu o vocal do grupo gaúcho Os Replicantes, um dos precursores do punk no país depois de treze anos dedicados à carreira solo. O sucessor do músico, Carlos Gerbase, não conseguiu conciliar a banda com as aulas de cinema e o trabalho na produtora de vídeo Vórtex. "Ele chegava de madrugada dos shows e acordava cedo para dar aula. Ficou muito cansativo. Além disso, os gurus estavam com vontade de fazer mais shows", explica o baladeiro. "Quando me chamaram eu pensei, 'as músicas são legais, o que fizeram depois que sai também, as pessoas são maravilhosas, então vamos lá'."

Apesar de a banda já ter recebido a proposta de uma gravadora, o grupo se dedicará somente aos shows por enquanto. "A gente quer pegar aquela coisa de banda que a estrada dá, para só depois fazer um disco", explica o cantor. Eles se apresentaram em junho em Belo Horizonte, Goiânia, Rio de Janeiro e São Paulo. O repertório dos Replicantes é feito de muito punk rock marcado por letras irônicas e agressivas, que também estarão presentes no próximo álbum. Wander conta que o grupo tem muitas músicas não gravadas, inclusive do início de carreira e adiantou que o disco será divulgado durante uma

turnê na Europa, entre abril e junho do próximo ano.

O novo álbum terá, além de Wander, os irmãos Heron (baixo) e Cláudio Heinz (guitarra), e o único músico que não é da formação original, mas que também não é nenhum novato na banda, o ex-integrante de Os Cobaias, Cléber Andrade. Quando Gerbase deixou a bateria para substituir Wander no vocal, quem assumiu foi a Biba do grupo De Falla, mas depois de dois ensaios, foi substituída por Cléber. "Ela achou que éramos muito loucos (musicalmente). E também ele combinava melhor com a nossa ignorância técnica", explica Gerbase.

Ignorância técnica não é exagero. Quando começaram, ninguém sabia tocar um instrumento e não é à toa que, inspirados no filme *Blade runner*, escolheram Os Replicantes para nome da banda. "Achávamos legal sermos como andróides, não-humanos, programados para morrer logo. Éramos não-músicos, programados para acabar logo", conta Gerbase. Mas não foi isso que aconteceu.

A história do grupo começou em novembro de 1983. "Porto Alegre não tinha muita coisa para fazer no verão. E todo mundo estava de saco cheio do que tocava nas rádios. A música brasileira era um horror, um pastiche. Todo aquele pessoal que veio do nordeste com músicas bacanas tinha sido engolido pela indústria fonográfica. Era a pior época da Bethânia, Gal, Caetano. Os produtores de discos só faziam coisas muito iguais", lembra Wander. A alternativa era ouvir as canções de outros países, entre elas um rock tocado mais rápido, em que a atitude era mais importante do que a música, o punk rock dos Sex Pistols.

Três dos quatro futuros integrantes de Os Replicantes - Carlos Gerbase, Cláudio e Heron Heinz - ouviram dizer que o grupo inglês começou sem os integrantes saberem

tocar direito e decidiram fazer a mesmo. Gerbase comprou uma bateria Pingüim, e a amiga e futura produtora, Luciana Tomazi, comprou "no crediário" baixo, guitarra, microfone e amplificador: os mais baratos que tinham na loja. Depois de um mês e meio, já tinham sete músicas, mas continuavam sem saber tocar.

Wander estava em turnê com a equipe de Alceu Valença, como iluminador dos shows do cantor. Quando chegou em Porto Alegre, pegou a guitarra de um amigo e levou para o ensaio do grupo, mas também não conseguiu tirar uma nota do instrumento. Enquanto os três integrantes estavam "de férias", ouviu e cantou por um mês as músicas gravadas pela banda em uma fita cassete. "Nós achávamos que precisava de um cara igualmente ignorante em termos musicais para cantar na nossa banda ignorante", conta Gerbase. Quando voltaram, Wander sabia as letras de cor e cantava interpretando os personagens das músicas. Então Gerbase passou o vocal ao Wander e ficou apenas como baterista.

A idéia inicial era ensaiarem numa garagem apenas por diversão, mas os amigos começaram a assistir e a garagem ficou pequena demais. O primeiro show foi durante um aniversário, no quintal dos fundos de uma casa. Apesar do público reduzido, cerca de 30 pessoas, Wander cantou de óculos escuros e olhos fechados. "Estava com pavor de tocar para mais gente do que tinha no ensaio." Mas o futuro baladeiro foi perdendo o medo e não demorou muito para a banda fazer a primeira apresentação profissional, em março de 1984, no Bar Ocidente. O público recebeu o grupo com ovos e tomates.

Depois de várias apresentações, Os Replicantes gravaram um compacto pelo selo independente do grupo, o Vórtex e, em 1985, participaram com outras bandas do disco *Rock Garagem 1*. O compacto foi pra São Paulo, onde começou a tocar em algumas rádios. Eles decidiram fazer um disco independente e reservaram um estúdio, mas uma semana antes da gravação, a RCA convidou a banda para participar da coletânea *Rock Grande do Sul* - com De Falla, Engenheiros, TNT e Garotos da Rua. O gru-



Sou brega e não nego

po gravou com a condição de que fizessem também um LP só da banda, e assim foi lançado o primeiro álbum, *O futuro é vórtex*.

O disco começou a fazer sucesso e Os Replicantes foram convidados para se apresentarem no programa do Chacrinha, mas não aceitaram. "A gente ia se sentir meio ridículo fazendo play-back. Não tem nada a ver. Nunca abrimos mão de tocar ao vivo, só em cliques, porque é uma coisa totalmente diferente". Lançaram em 1987 *Histórias de sexo e violência*, do qual também participa a ex-produtora da banda, tocando teclado. Em 1989, gravaram *Papel de mau*, o último disco com Wander Wildner.

Na época do terceiro álbum, abriram o Vórtex, um bar com monitores, que transmitiam imagens de um estúdio interligado. "A gente conviveu um ano diariamente junto como nunca tinha convivido. Ficou demais, já discutia. Comecei a compor, tocar baixo, guitarra e não queria mais cantar", explica Wander. Das doze músicas de *Papel de mau*, ele canta quatro e Gerbase, o restante. Wander também queria fazer mais shows, mas isso não era possível porque, com exceção dele, todos os integrantes tinham outras profissões. Nessa época, a inflação no Brasil chegou a 80% em um ano, e tiveram que vender tudo que tinham no bar para pagar as reformas do local. "Aquilo tudo cansou e acabei saindo".

Com o retorno ao vocal do grupo, Wander vai dar prioridade aos Replicantes, mas a carreira solo não acabou. Tem um disco pronto, o *Pára-quebras do coração*. Para o lançamento do novo trabalho, só falta acertar a distribuição com uma gravadora. "Estou voltando agora, mas sem nenhum saudosismo, nunca tinha pensado em voltar. Talvez isso vire a profissão dos outros como virou a minha, mas em primeiro lugar vem o prazer, tocar pelo prazer de tocar. Uma das coisas que eu queria fazer quando saí era viver só de música, viajar mais, só que não podia. Agora acho que a gente vai seguir de onde saí".

Valéria Noletto



Dois em um: retorno dos Replicantes e de seu vocalista líder em roupagem terceiro milênio

Bom, bonito e barato: raridades de 60 e 70 lançadas em CD

Os amantes do Jazz e da Bossa-Nova comemoram o lançamento de clássicos dos gêneros fora de catálogo ou que não foram lançados no Brasil. Discos de artistas como Baden Powell, Vinícius de Moraes e Tom Jobim, Edison Machado, Maysa, João Donato entre outros, antes só disponíveis em caríssimas cópias de vinil, ressurgem com preços convidativos. São edições muito bem feitas, com texto explicativo sobre os discos e os intérpretes (coisa rara no Brasil), os encartes contêm ficha técnica, capa e contracapa originais, reconstituídas digitalmente. - a média de preço não ultrapassa os R\$ 12 reais.

Essa grande batalha para preservar a memória musical brasileira, partiu de Charles Gavin, baterista dos Titãs, que remasterizou os clássicos da bossa na CBS (catálogo sob controle da Sony), RCA (sob controle da BMG), Warner e Universal e participa de projetos de remasterização e relançamento em praticamente todas as gravadoras que detém catálogos de soul, jazz e rock nacionais. A coleção inclui boas coletâneas de Chet Baker e Nina Simone - artistas que tem pouco material lançado no Brasil.

O barquinho - Maysa (Columbia) - Lançado em 1960 com produção de Ronaldo Boscóli e o acompanhamento do conjunto de Roberto Menescal, este disco teve como objetivo divulgar a bossa que precisava de alguém de peso para divulgar a nova estética. Deu certo a ponto de *O Barquinho* se tornar um clássico na interpretação de Maysa (**Nasc/Morte**). Após o lançamento do disco, Maysa, que tem na lista de fãs o ator Marlon Brando, saiu em turnê pelo Brasil e depois no exterior, fazendo shows na Argentina, Uruguai, Estados Unidos, França e Portugal.

The new sound of Brazil - João Donato (RCA/BMG) - Um clássico da música brasileira gravado no exterior. Este é o primeiro disco de João Donato como líder, nos Estados Unidos, gravado em 65 e só lançado agora no Brasil. Produção de Andy Wiswell e arranjo e condução do lendário maestro alemão Claus Ogerman, além do grande time de músicos: Luís Bonfá e Carlos

Lyra se revezando no violão, Richard Davis no contrabaixo (que já tinha acompanhado Sarah Vaughan, Chet Baker, Gil Evans e Wes Montgomery), na bateria Bill Goodwin, a percussão do lendário baterista Dom Um Romão que toca nas faixas "*Samba de Orfeu*"

e "*No Coreto*". Dom Um foi remanejado para a percussão porque o produtor achava que ele tocava de um jeito demasiado brasileiro e isso poderia atrapalhar o sucesso comercial do disco. Nos sopros, Jerome Richardson (flautas) e Jimmy Cleveland (trombone), e nos violinos, violas e cellos, músicos da Filarmônica de Nova Iorque. **Solitude on guitar - Baden Powell (Columbia)** - Em 1973, Baden Powell já era um nome conhecido na música mundial quando gravou este disco na Alemanha, onde morou. Baden estreou no Rádio Nacional e foi adotado

pelo grupo de jazz de Ed Lincoln. Começou a compor e teve suas músicas gravadas por Lúcio Alves, acompanhou Sylvia Telles nas boates de Copacabana e teve em Vinícius de Moraes um de seus grandes parceiros nos anos 60.

Edison Machado é samba novo -

participação de Paulo Moura e J.T. Meireles) se intitularam *Os Cobras* e gravaram *O LP*. Pode parecer pretensioso, mas o nome da banda corresponde ao porte dos músicos e *O LP* é uma obra prima e um dos discos fundamentais do samba-jazz.

White blues - Chet Baker (Camden/BMG) - Boa coletânea de um perito do cool jazz, morto em Amsterdã, Holanda, em 13 de maio de 1988, ao despencar (ou se jogar?) da janela do segundo andar de um hotel. O disco tem gravações de Chet em 62 na Itália e da década de 80. Não é uma compilação "definitiva" mas tem boas músicas, ficha técnica e um pequeno texto sobre o trompetista. Enfim um disquinho bom, bonito e barato - média de R\$ 15 reais.

Releasead - Nina Simone (Camden/BMG) - Ótima coletânea com 21 músicas de Nina gravadas entre 67 e 71. Destaque para *Just like a woman* de Bob Dylan e uma versão ao vivo de *Ain't got no - I got life*, clássico hippie do filme *Hair* - média de R\$ 15 reais.

Hugo Oliveira



Frente revela a nova música pop

Há muito tempo os chamados *indies* não estavam tão bem representados nas bancas. A revista *Frente* já está em sua terceira edição, prometendo valorizar o mercado independente e revelar os novos astros da música jovem no país. Os responsáveis pela empreitada são os jornalistas Ricardo Alexandre, Marcelo Ferla e Emerson Gasperin, editor-chefe da extinta *Showbizz* e ex-aluno do Curso de Jornalismo da UFSC. A publicação é uma parceria entre sua editora, REM, com a Agata, também de São Paulo.

A idéia de criar a revista surgiu no segundo semestre do ano passado, quando os três jornalistas perderam seus empregos. A *Showbizz* tinha acabado, Marcelo Ferla não era mais editor de cultura da revista *Única* e Ricardo Alexandre deixara a editoria de conteúdo do site *Usina do Som*. Emerson Gasperin acredita que seria muito difícil achar um emprego condizente com o que eles faziam até o momento. "É mais fácil achar emprego de repórter do que de editor-chefe". Eles criaram a editora REM (iniciais de seus prenomes) e o primeiro trabalho que realizaram juntos foi o site do *Free Jazz Festival*.

Para produzir a *Frente*, os jornalistas fecharam um acordo com a Editora Ágata – proprietária da revista *DJ World*. A REM é contratada para fazer a revista *DJ World* e as duas editoras assumem o projeto da *Frente*. O acordo feito inicialmente para três edições pode ser prorrogado. Como até agora a revista não deu lucro, embora sem causar prejuízo, talvez os jornalistas desistam do projeto. "Se eu fizer três edições e a revista acabar, fiz o que era afim de fazer. Se as pessoas não quiseram, problema delas" diz Emerson.

Enquanto a revista circula, os três sócios trabalham em casa. Emerson Gasperin e Marcelo Ferla têm computadores Macintosh e fazem o trabalho de edição. Os textos e páginas são enviados para a diretora de arte pela Internet – por conexão discada. "Nunca pensei que ia trabalhar em condições piores que as da *Showbizz*". Mesmo com essa estrutura de fanzine, os editores tentam preservar um esquema profissional. Ninguém edita o próprio texto, todos os colaboradores são pagos.

"A gente não tá brincando de ser *publisber*".

Emerson diz que se acostumou a não separar as funções de

lado encontrar a revista na banca. Emerson reclama da distribuição feita pela Fernando Chignaglia Distribuidora, mas lembra, que com uma tiragem de 30 mil exemplares, a editora não tem força pra pressioná-los. Ele diz que os problemas de distribuição também ocorriam quando editava a *Showbizz*, mas não se conforma. "Nas bancas da minha rua não tem a revista que eu faço".

Aspirador de pó na capa - Outro problema enfrentado pelos jornalistas foi o CD com novas bandas que acompanhou as duas primeiras edições da revista. Apesar de ser o grande diferencial da publicação, aumentava o preço (R\$ 10,90) e criava dificuldades de circulação no Rio Grande do Sul, onde o Governo do Estado sobretaxa as revistas que trazem brindes. Quando a revista foi planejada, eles imaginavam que o mercado gaúcho seria o segundo mais importante em vendas. "Inclusive cogitou-se que ela só circulasse em São Paulo e no Rio Grande do Sul". A terceira edição não traz CD e vai custar muito menos: R\$ 5,90. Eles acreditam que essa decisão pode dar novo impulso ao projeto.

Tentando acertar o público-alvo, a *Frente* vai sofrendo modificações a cada edição.



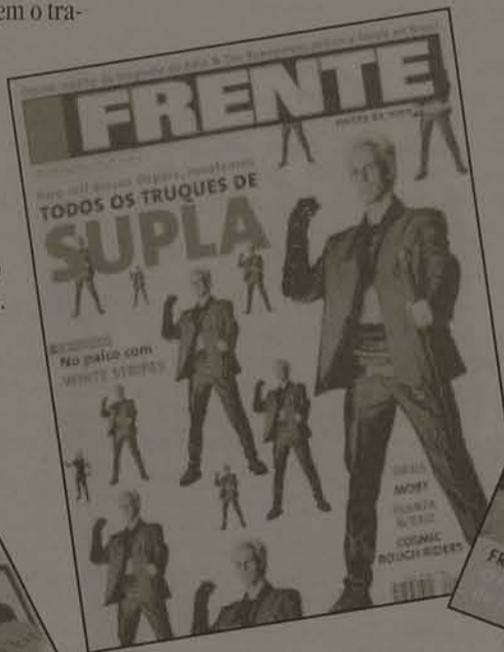
Gasperin: com óculos e antes de ser pai

Do CD encartado na primeira revista, as bandas mais destacadas pelos leitores que responderam ao questionário foram Casino, Thee Butcher's Orchestra e Wander Wildner. A escolha das bandas foi feita com um critério bem claro: "são as bandas que a gente gostaria de ouvir no rádio, por isso privilegiamos a música *pop*". Emerson diz que o segundo cd foi mais heterogêneo e representa um painel das bandas que estão surgindo no país. "É um CD *Frankenstein*".

Entre as maiores recompensas que os jornalistas tem

tido com a *Frente* está o espaço dado a bandas talentosas que não tem onde se revelar. Emerson destaca que as bandas Stereo Maracanã e Wado conseguiram gravar seus primeiros CDs depois de integrarem a coletânea encartada na primeira edição. Eles também estão satisfeitos com a resposta dos leitores. "Um cara do interior da Bahia mandou e-mail dizendo que não imaginava que existissem bandas tão interessantes no país".

Mas o

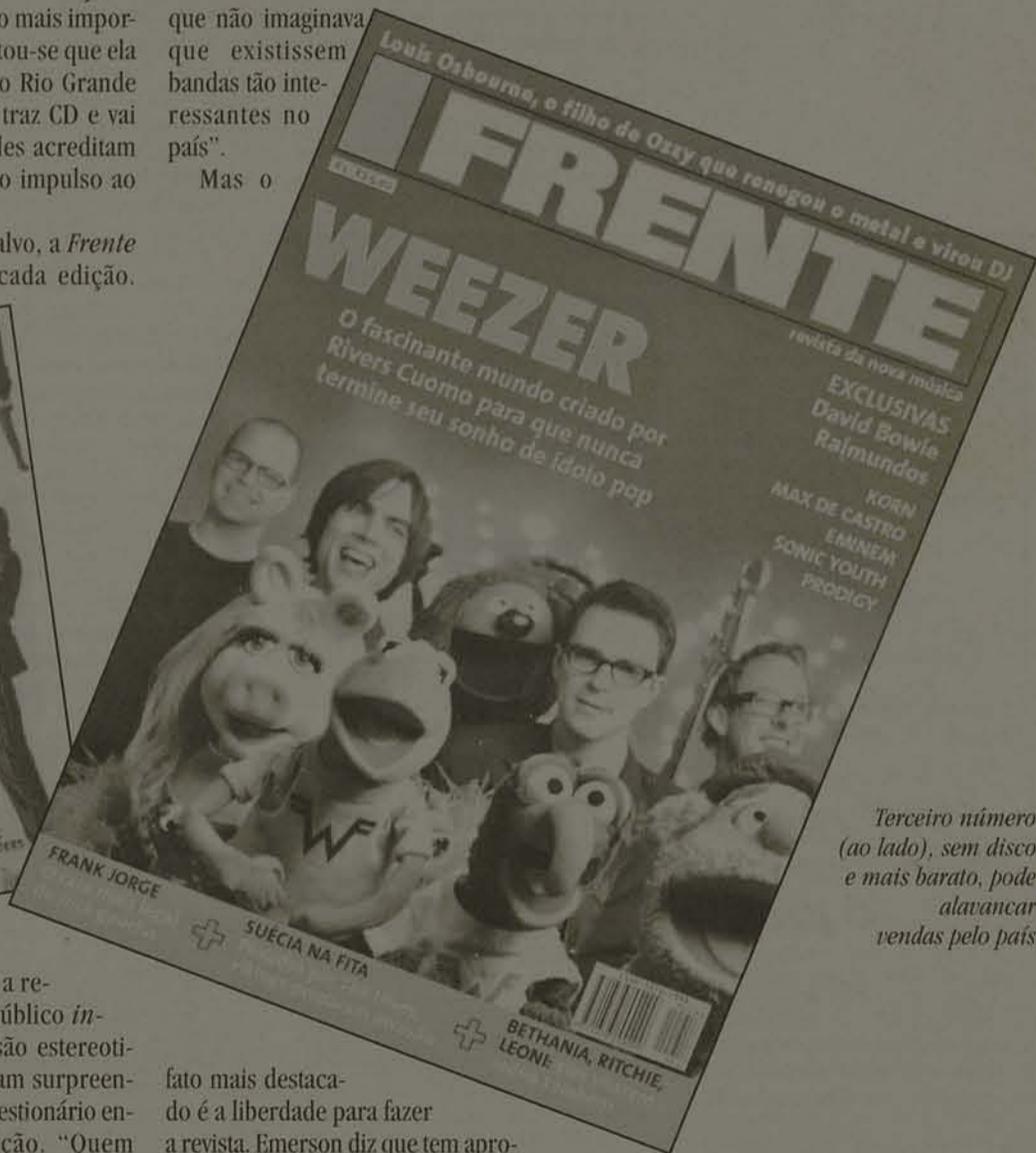


Emerson admite que a revista foi planejada para um público *indie*, talvez até com uma visão estereotipada desse leitor. Mas foram surpreendidos pelas respostas ao questionário encartado na primeira edição. "Quem compra a revista é muito parecido com a gente". No primeiro número a capa era mais conceitual e mostrava quem está trabalhando para reconstruir o *pop* nacional. No segundo, *Supla* – um artista mais popular. Para a terceira edição, o destaque da capa é um artista estrangeiro, a banda americana Weezer. "O meu sonho era que as pessoas comprassem a revista porque gostam dos textos, das bandas, mesmo que eu colocasse um aspirador de pó na capa".

fato mais destacado é a liberdade para fazer a revista. Emerson diz que tem aproveitado a experiência como editor-chefe da *Showbizz* para fazer a *Frente*, mas que os outros sócios estão muito empolgados com o projeto. "Ter responsabilidade não é inédito pra mim". Para ele, a grande diferença entre ser dono e empregado da publicação é ter que zelar pela qualidade editorial e pelo desempenho comercial. "O dono é sempre muito mais *careta* que o empregado."

Upiara Boschi

Ex-aluno da UFSC cria a mais ousada revista de música do país



Terceiro número (ao lado), sem disco e mais barato, pode alavancar vendas pelo país



jornalista das de empresário. "Vender a revista é tão excitante quanto ter o furo". Mesmo assim, alerta que toda vez que se encontra com os outros editores para discutir problemas da empresa, o encontro acaba virando uma reunião de pauta. "A gente se controla, porque não pode ser assim. Não é só uma revista, é o nosso negócio".

A maior dificuldade dos leitores da *Frente* tem

Só deu zebra no penta do Brasil

Favoritos caem, Ronaldo ressuscita, juízes erram e Felipão acerta

Durante um mês inteirinho tivemos que nos manter acordados para ver a Copa 2002. Vai demorar outro mês para recuperar o sono perdido. Mas no fim foi gratificante. O brasileiro saiu de alma lavada. Tínhamos um time descreditado e pior...nossos maiores rivais estavam na crista da onda. Argentina, França e Itália figuravam entre os favoritos para leva a taça. Por fim, acabou dando em Pentacampeonato para o Brasil. Como estampou na capa o francês *Liberation*, o Brasil ressuscitou! Mas a primeira Copa sediada por dois países não serviu apenas para a confirmar a supremacia do futebol brasileiro. O mundo passou a conhecer craques como os senegaleses Diouf, Camara, Fadiga e Boubou Diouf. Nos encantamos com o futebol do espanhol Raúl, do irlandês Robbie Keane e do inglês David Beckham. O argentino Verón e o meia francês Djorkaeff, por outro lado, não repetiram as atuações que os levaram à glória em 1998. A Copa trouxe a volta da Celeste Uruguiaia depois de doze anos de ausência. Foi a primeira de Senegal, Eslovênia, China e Equador e a última de craques como o croata Suker (artilheiro da Copa passada), o espanhol Hierro (maior goleador da "Fúria" em mundiais), o meia belga Walem e o goleiro encrenqueiro, gordo e paraguaio Chilavert. O "futebol decadente" como definiu o francês Viera, acabou por cima da carne seca. De mansinho, o Brasil venceu.

Pedra no sapato - Nunca em uma Copa viu-se tantos resultados inespera-



Torcedor ainda consegue se emocionar na final mesmo sabendo do resultado

da Morte", que reunia as campeãs Argentina e Inglaterra, além da sempre perigosa Nigéria. Aliás, eliminar os argentinos na primeira fase foi o grande feito da Suécia.

Por fim, Senegal. Não dá para chamar de zebra uma seleção formada por jogadores que jogam no futebol francês. Porém, não deixa de ser surpreendente os africanos terem se classificado jogando contra adversários como a França dos craques Zidane e Trezeguet, e o Uruguai - que apesar de há décadas não ter conseguido resultados expressivos, conta com craques como Recoba e Montero.

Fenômeno - O mundo não entendeu. Ronaldo recuperou-se da lesão que o afastou por dois anos dos gramados, esqueceu o trauma da final de 1998 e foi o artilheiro da Copa com oito gols. Apesar de tudo isso perdeu o título de melhor jogador para o goleiro alemão Oliver Kahn. Para quem não lembra, Kahn engoliu um verdadeiro frango na partida final da Copa. Solto um chute de Rivaldo nos pés do artilheiro. A partir daquele momento o Brasil tomou conta do jogo e logo fez o segundo, novamente com Ronaldo. Não deu para entender. Parece que o prêmio foi uma espécie de consolação àquele que era a única esperança alemã. Pegou mal.

Mas isso não abalou Ronaldo em seu retorno. Ele deu a volta por cima e respondeu à altura a todos que não acreditavam na sua volta aos gramados. Se igualou ao rei Pelé em número de gols em Copas do Mundo (fez quatro na Copa da França e oito neste ano) e não deve parar por aí. Ronaldo tem 25 anos e no mínimo mais uma Copa pela frente. Daqui a quatro anos vai estar tinindo. É o que se espera. Pode se tornar o maior artilheiro do Brasil em Mundiais e honrar o apelido que recebeu nos anos em que brilhou no futebol europeu. Ronaldo voltou a ser Fenômeno.

O apito pode ter decidido muita coisa nesta Copa. E os maiores beneficiados com os erros dos senhores árbitros foram - não se sabe bem porque - Coréia do Sul e Brasil. É difícil afirmar que se agiu de má-fé, mas a Comissão de Arbitragem poderia ter tido um pouco mais de cuidado ao escalar os juízes. Colocar um árbitro coreano, sem nenhuma experiência internacional, para comandar a estreia da seleção brasileira, cheia a agrado polifônico. E o tiro acabou saindo

pela culatra. Depois de ter marcado um pênalti inexistente em cima do atacante Luizão, o coreano foi afastado do quadro de árbitros da Copa. Nas oitavas-de-final o Brasil também foi favorecido. Na partida contra os belgas um gol de cabeça do atacante Wilmois foi anulado pelo árbitro da partida. Até hoje se tenta saber o porquê. A pior arbitragem aconteceu, porém, na partida entre Coréia do Sul e Espanha pelas quartas-de-final. O juiz do jogo conseguiu anular dois gols legítimos dos espanhóis e ainda marcar um impedimento duvidoso em favor dos coreanos. Mais estranho ainda é lembrar que a Coréia havia se classificado em uma partida conturbada contra a Itália. Os europeus reclamam da expulsão do atacante Toti que teria, segundo o juiz, simulado um pênalti. No mesmo jogo um gol do meia italiano Tomasi foi mal anulado. É melhor pensar que foi tudo coincidência. Os erros de arbitragem são normais...as jogadas acontecem em frações de segundo e afinal...sem esses pequenos equívocos o futebol não teria a menor graça.

Baixo nível - Há quem diga que foi o baixo nível técnico dos adversários que fez com que o Brasil vencesse sete partidas consecutivas. São os mesmos que sustentam a ideia de que a Argentina e França teriam feito a melhor final desta Copa. Pois as duas seleções foram incompetentes quando um mínimo deslize poderia causar-lhes a desclassificação. A até então divina seleção francesa saiu do mundial de cabeça baixa sem ter marcado um único gol. Mostrou-se dependente demais do futebol do astro Zidane. O meia se machucou pouco antes do início da Copa e só jogou na última partida dos franceses. Mesmo contundido foi o melhor em campo. Foi o único que se salvou. Volta para casa tranquilo. Para os argentinos, o grande problema - além da exagerada soberba que os levou a entrar em campo como quem faz um passeio de fim-de-semana - foi o técnico Marcelo Bielsa. Ele deixou de fora da convocação os astros Riquelme e Saviola. Preferiu levar os já decadentes Hernán Crespo e Caniggia. Além disso não soube mexer na equipe. Quando precisava dos

astros Verón e Simeone em campo, preferiu inovar e escalou Kily Gonzales e Aimar. E, para quem não lembra, o Brasil acabou tendo um caminho bastante difícil até o título. Passou por cima da retranca belga na partida mais difícil da fase eliminatória, dinamitou a forte Inglaterra dos craques Beckham e Owen, venceu apertado a surpreendente Turquia e esculachou a tradicional Alemanha do goleiro Kahn. Portanto, não foi tão fácil assim...

Esquema suicida - Felipão arriscou. Enquanto o Brasil pedia Romário ele preferiu apostar na recuperação de Ronaldo e Rivaldo. Os dois foram decisivos para o título. Juntos fizeram treze gols em sete partidas. A média é de quase dois por jogo.

A ideia de jogar com três zagueiros nunca agradou aos brasileiros. Muito pelo contrário, nos fazia lembrar da trágica Copa de 1990. Pois Scolari manteve os três ali, mesmo que tivessem a mesma característica de zagueiros centrais, que pouco marcam pelas faixas laterais e têm dificuldades de sair jogando pelas alas. Felipão escalou o capitão Cafu praticamente como um quarto zagueiro, dando maior liberdade para Roberto Carlos ir para o ataque. Manteve Gilberto Silva preso à marcação e Kléberson um pouquinho mais solto no meio. Liberdade mesmo, só para o trio de "erres" do ataque. Com isso o Brasil sofreu no meio-campo. Pouco desarmou, pouquíssimo criou. Não marcou sob pressão no campo de ataque, não tabelou, não jogou o que podia ter jogado. A entrada de Ricardinho poderia ter dado um maior equilíbrio tático à equipe. Contudo, o Brasil venceu. Os 170 milhões de técnicos brasileiros não acreditavam no esquema suicida de Scolari mas foi com ele que trouxemos o Penta para casa.

Marcos Franzoni



Penta trouxe alegria para todas as idades



De quatro em quatro anos voltam às ruas os patriotas de ocasião

CBF recebe, mas não paga o prêmio

Um mês depois da conquista do penta, jogadores, comissão técnica e a equipe de apoio à seleção brasileira ainda não viram a cor do dinheiro do prêmio. E não têm ideia de quando poderão vê-la. Até agora, o grupo não recebeu nada e reclama que a CBF não determinou a data do pagamento, se é que vai fazê-lo.

A CBF informou que o dinheiro será entregue até dia 31 de julho, quando a entidade tiver recebido as cotas que a Fifa lhe deve pela participação do Brasil na Copa. Antes da Copa, a Confederação Brasileira de Futebol prometeu dar para cada atleta, membro da comissão técnica ou equipe de apoio US\$ 100 mil se a seleção fosse campeã, e um bônus US\$ 50 mil por chegar à final. Após consulta à Fifa, que declarou ter repassado US\$ 6 milhões até as semifinais, a CBF mudou de posição. Explicou que a forma de pagamento será definida apenas a partir de 5 de agosto, quando Ricardo Teixeira, que está licenciado, reassumir a presidência da entidade.

dos. De anfitriã descreditada à equipe revelação do mundial, a Coréia do Sul impressionou até mesmo o mais fanático torcedor do país. A maré-vermelha, como ficou conhecida a torcida coreana, ainda parece abismada com a campanha da seleção nacional. Os asiáticos mandaram para casa mais cedo três favoritos ao título - Portugal (na primeira fase), Itália (nas oitavas-de-final) e Espanha (nas quartas) sentiram na pele a eficácia do futebol coreano. Aliando velocidade à disciplina técnica (implantada pelo técnico holandês Guus Hiddink), a Coréia venceu quatro partidas e só não foi à final porque encontrou pelo caminho o futebol de resultados da vice-campeã Alemanha.

Já os turcos foram comendo pelas beiradas. Tiveram o caminho facilitado pelos cruzamentos das fases eliminatórias (enfrentaram um inexperiente Japão e um cansado Senegal). O exército turco só curvou-se diante do gol de bico do artilheiro Ronaldo.

Os suecos não chegaram tão longe - foram derrotados na morte súbita das oitavas-de-final - mas tiveram o mérito de se classificar no chamado "Grupo

Finalmente é aberta discussão sobre mídia

Conselho de Comunicação é instalado com dez anos de atraso

Depois de quase 10 anos de inconstitucionalidade, o Congresso elegeu, no dia 5 de junho, os integrantes do Conselho de Comunicação Social, instituído por lei em 1991, órgão consultivo da Câmara e Senado, que deve, entre outras funções, formular pareceres sobre concessões de rádios e TVs, e projetos que alterem a legislação desses setores. Daniel Herz, representante da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) no conselho, diz que "o órgão ficou bem dividido entre os donos das empresas e representantes dos funcionários. Isso vai criar vários impasses nas decisões, mas também garantirá o equilíbrio de forças." A primeira reunião do conselho acontecerá no dia 25 de junho.

O órgão é formado por um engenheiro da área de comunicação, cinco membros da sociedade civil, três representantes de empresas de rádio, televisão e imprensa escrita, e outros quatro de categorias profissionais (jornalistas, radialistas, artistas e cineastas), um deles com direito a um suplente. É o que determina a lei 8.389 de 1991, que regulamentou o conselho. Os representantes dos funcionários e empresas obtiveram mais vagas. Das dez cadeiras reservadas à sociedade civil, incluindo suplentes, seis foram preenchidas por pessoas ligadas às empresas ou instituições representativas dos funcionários.

Na avaliação do senador Pedro Simon (PMDB-RS), a composição do órgão contempla apenas os donos de emissoras de rádio e de televisão, jornalistas e artistas. "O Congresso tem que mudar a lei, para incluir representantes, daqueles que usufruem estes meios de comunicação. O atual Conselho de

Comunicação Social é corporativo. É um conselho capenga", provoca.

O senador José Fogaça (PPS-RS), relator do projeto original no Senado, acha "praticamente impossível" a implantação e funcionamento do conselho de acordo com a lei, devido ao corporativismo. O senador Eduardo Suplicy (PT-SP), líder do bloco de oposição que exigiu a instalação do órgão diz que "era preciso fazer funcionar" e que o Congresso poderá modificá-lo se não atender às expectativas da sociedade.

O mandato da gestão empossada vai até 31 de março de 2003, ao invés dos dois anos determinados por lei. De acordo com o senador Ricardo Santos (PSDB-ES), integrante da comissão de instalação, o período de funcionamento foi reduzido para que coincida com o novo mandato dos congressistas e porque existem vários projetos que alteram a composição do conselho.

São três os que estão na Câmara: o PL 2525/92, do deputado Cunha Bueno (PPB-SP), que prevê a inclusão de representantes das agências e profissionais de publicidade; o PL 6852/02, do deputado Gustavo Fruet (PMDB-PR), que inclui um representante da Associação Brasileira de Canais Comunitários; e o PL 5872/01, da deputada Ana Corso (PT-RS), que inclui um representante de rádios comunitárias e outro de televisões comunitárias.

Os eleitos - A eleição dos integrantes do conselho é resultado de um acordo entre o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) e líderes de partidos no Senado. Os congressistas se comprometeram a só votar a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que permite a participação de capital estrangeiro nas empresas de mídia após a composição do conselho. Embora contrário à aprovação da PEC, o Fórum percebeu que mesmo a oposição tenderia a votar favorável, como já havia acontecido na Câmara. Então reivindi-

cou que a oposição no Senado só aceitasse viabilizar a votação após a composição e instalação do conselho.

Os conselheiros foram indicados pelas entidades representativas que têm direito a vaga. Mas os congressistas fizeram modificações na lista inicial de nomes. Entre elas estava a inclusão de sete funcionários do Congresso nas vagas destinadas à sociedade civil, sendo dois titulares. Por causa disso e da redução do primeiro mandato de dois anos para menos de um, a coordenação do FNDC ameaçou entrar na Justiça e recomendar a não votação da PEC. Os funcionários foram retirados, mas a duração continuou reduzida. O Senado aprovou a proposta de emen-

da, depois de garantida a instalação imediata do órgão.

O Conselho realizará estudos sobre liberdade de manifestação do pensamento, propaganda de cigarro, bebidas alcoólicas, agrotóxico, medicamentos e terapias, diversões e espetáculos públicos, programação de rádio e televisão, monopólio dos meios de comunicação, finalidades da programação das emissoras de rádio e televisão, promoção da cultura; complementariedade dos sistemas privado, público e estatal de radiodifusão e defesa da pessoa e da família contra programas que contrariem a Constituição.

O órgão também fará pareceres para o Congresso sobre a propriedade das empresas de comu-

nicção, outorga e renovação de concessão, além de legislação complementar. Daniel Herz, conselheiro e coordenador geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, adianta que tentará trazer para o órgão o debate sobre a digitalização da radiodifusão. O país terá que escolher entre uma das três opções de tecnologia: a americana (ATSC), a européia (DVB) e a japonesa (ISDB). Herz estima que a digitalização da rádio e TV aberta movimentará US\$ 100 bilhões nos próximos dez anos.

A Federação Nacional dos Jornalistas apresentou em 1987 uma Emenda Popular à Assembleia Nacional Constituinte, propondo a criação do Conselho Nacional de Comunicação. O órgão seria independente do Executivo e do Legislativo, e teria poder para estabelecer, supervisionar e fiscalizar políticas nacionais de comunicação. Ele foi previsto no artigo 224 da Constituição Federal de 1988 e regulamentado três anos depois pela lei 8389, como Conselho de Comunicação Social, sendo um órgão auxiliar do Congresso.

Mas seus integrantes não foram cogitados ou eleitos no prazo determinado. Como uma forma de pressão, foi determinado, em 1995, pelo texto da Lei da TV a Cabo, que o Executivo só baixaria regulamentos e normas sobre o assunto após o parecer do Conselho de Comunicação Social. A omissão durou até 2002.

Valéria Noletto

Composição do Conselho de Comunicação Social

MEMBRO/CATEGORIA	TITULAR	SUPLENTE
1 - Empresas de Rádio	Paulo Machado de Carvalho Neto (Abert)	Emmanuel Carneiro (Abert)
2 - Empresas de Televisão	Roberto Wagner Monteiro (Abratel)	Flávio Martinez (Abratel)
3 - Empresas de Imprensa Escrita	Paulo Cabral de Araújo (Anj)	Carlos Roberto Berlinck (Aner)
4 - Engenheiro	Fernando Bittencourt (SET)	Miguel Cipoal (SET)
5 - Jornalistas	Daniel Koslowsky Herz (Fenaj)	Frederico Barbosa Ghedini (Fenaj)
6 - Radialistas	Francisco Pereira da Silva (Fitert)	Orlando Ferreira Guilhon (Fitert)
7 - Artistas	Berenice Isabel Mendes Bezerra (Aneate)	Stepan Nercessian (Sated - RJ)
8 - Cinema e Vídeo	Geraldo Pereira dos Santos (Stic)	Antonio Ferreira Filho (sindicine)
9 - Sociedade Civil	José Paulo Cavalcanti (jurista) - presidente	Manoel Alceu (jurista)
10 - Sociedade Civil	Alberto Dines (jornalista, crítico de mídia)	Antônio Telles (indicado pelas empresas)
11 - Sociedade Civil	Jaime Sirotsky (vice-presidente do Conselho)	Jorge da Cunha Lima (Pres. da RPT)
12 - Sociedade Civil	Carlos Chagas (ABI, jornalista)	Regina Festa (Agência de Notícia dos Dir. da Infância)
13 - Sociedade Civil	Ricardo Moretzsohn (CFP)	Assunção Hernandez (Congresso Brasileiro de Cinema)

FOLDERS - CARTAZES - BANNERS

CRIAMOS

Forma & Conteúdo

MÍDIA IMPRESSA
E VIRTUAL

**Aceitam-se
Encomendas**

WEBDESIGN - JORNAIS - REVISTAS

ARTE ZERO

oficina@cce.ufsc.br

oficina@cce.ufsc.br

ARTE ZERO

WEBDESIGN - JORNAIS - REVISTAS

Forma & Conteúdo

CRIAMOS

MÍDIA IMPRESSA
E VIRTUAL

**Aceitam-se
Encomendas**

FOLDERS - CARTAZES - BANNERS